ASMOB_CRÍTICA_30_DE_DEZ_DE_1974_5_DE_JAN_DE_1975_N_22

UMA GUERRA DOS EUA? CONTRA QUEM E POR QUE?

CRÍTICA

Ano 1 / Nº 22 30 de dez de 1974 / 5 de jan de 1975 Cr$ 3,00

ROBERTO SATURNINO BRAGA

O REENCONTRO COM AS ASPIRAÇÕES DO POVO

GILBERTO GIL

APERFEIÇOANDO O IMPERFEITO DESPREZANDO A PERFEIÇÃO

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

AS AMARGAS, NÃO

DEBRUÇADOS sobre o mapa de lembranças do ano que está morrendo, o que podemos verificar é que este exercício findo de 1974 deixará ao país um rastro de memórias, algumas doces, muitas amargas. Resta-nos esperar que 1975 nos traga sobretudo as doces. As amargas, não, como pedia aquele amável e saudoso Álvaro Moreyra. As amargas, não.

POIS houve coisas amargas em 74, no Brasil e no mundo. Amargo foi o desparecimento, pelas portas da morte, da morte natural e da morte desnaturada, de alguns companheiros inesquecíveis, cujas almas límpidas, nascidas para tempos aurorais, foram esmagadas pelos tempos crepusculares. Resta a esperança de que seus nomes, plantados no coração da terra e no coração do povo, floresçam um dia, como os dos cristãos dos primeiros tempos, cujo sangue, segundo a palavra de Tertuliano, era a semente de novos santos.

HOUVE coisas amargas no Brasil e no mundo. Foi amargo ver que as pessoas continuaram se matando no Vietnam e no Oriente Médio. Foi amargo verificar que milhões de seres humanos morreram de fome na Nigéria e na Etiópia e que até em paróquias mais próximas campeia a mesma fome, numa graduação de incidência, sob o eufemismo da subnutrição, que o torna aparentemente menos trágica, mas na realidade igualmente cruel. Pois é tão terrível morrer rapidamente de fome aguda, como perecer lentamente sob o peso das doenças desencadeadas pela fome crônica.

HOUVE coisas amargas, no campo da liberdade. O 477 e o AI-5 continuaram de pé. O terrorismo e a violência prosseguiram sua ceifa sinistra na Argentina. O deputado Francisco Pinto foi para a cadeia. A riqueza nacional continuou a ser mal distribuida. Os trabalhadores brasileiros, com um salário mensal de 45 dólares, não puderam ainda mobilizar seus sindicatos livres, não para promover a desordem social, mas para lutar por uma remuneração mais justa. O doutor Gudin, que defende os salários baixos (para os outros), que é contra a Petrobrás e contra a emancipação econômica do Brasil, ganhou o título de "Homem de Visão" – o que é uma falta de dita, por parte dos que assim o distinguiram.

MAS, felizmente, para o país e para o mundo, houve também algumas coisas doces em 74. Uma delas, que há de ter sido amarga exatamente para todos os gudins que ainda existem, foi a descoberta da província petrolífera de Campos. Outra, foi a queda de Nixon, nos Estados Unidos que, embora não mudando grande coisa, serve para demonstrar que os maus não duram para sempre e que a opinião pública de um povo democrático não pode ser desafiada impunemente

SE a inflação mundial foi uma das amarguras de 1974, a derrubada da ditadura salazarista em Portugal e da ditadura militarista da Grécia foram dois grandes momentos de doçura para o espírito de todos os democratas e patriotas do mundo. E os sinais de decomposição da ditadura franquista na Espanha são uma perspectiva que vai atenuando em nossas esperanças o fel da longa presença do Generalíssimo decrépito e insensível.

OS sintomas evidentes de distensão política no Brasil começaram também a tornar agridoce a amargura do sistema fechado. A tal ponto, que é doce lembrar os resultados das eleições de 15 de novembro, em que dois terços do povo brasileiro proclamaram nas urnas a decisão de restaurar a normalidade democrática. E é uma doce sugestão lembrar que este mesmo povo demonstrou ser capaz de retomar seu destino, sem precisar de apelos à violência e à subversão. E ninguém poderá dizer que seja amarga a constatação de que o Governo, em sua expressão mais alta, que é o Presidente da República, expressou irrepreensível respeito a essa manifestação da vontade popular.

E DOCE assistir o Papa, em nome de sua liderança moral e espiritual, dirigir, como representante do Cristo, em cujo nome fala aos povos cristãos, um apelo para que todos os governos do mundo decretem anistia geral a todos os presos políticos em 1975. Embora seja amargo saber que ainda há presos políticos no mundo e que governos que se dizem cristãos, como o do General Franco, não tenham dado ouvidos à voz do Pastor Universal.

MAS é preciso ter fé e esperança. E pedir a Deus e exigir dos homens, que nos deram indistintamente coisas doces e amargas em 1974, que em 1975 nos reservem apenas as doces. As amargas, não.

G.M.M.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Av. Rio Branco, 156, 12º And.
Sala 1222 / Tel. 242-7395

DIRETOR
GERARDO MELLO MOURÃO

CHEFE DE REDAÇÃO
I. L. de Alencar

Colaboradores
Antonio Carlos Villaça, Efraim Tomas Bó, Hélio Pelegrino, Humberto Alencar, Ismael Cardim, Jaguar, Jesus Soares Pereira, Joel Silveira, Jorge França, João Antonio, Luis Carlos Cabral, Lilian Newlands, Maria Luíza Pena, Marcondes Sampaio, Medeiros Lima, João Carlos Rodrigues, Alberto Silva, Antonio Oseas, Newton Carlos, Pedro Ayres, Procópio Mineiro, Reynaldo Bairão, Ruy Sampaio, Sebastião Nery, Sérgio Cabral, Sérgio Macedo, Sylvia de Alencar, Antonio Luiz, Redi, Wagner, Washington Novais, Dario Macedo (Ceará) Jorge Fischer (Porto Alegre) Helington Rangel (Bahia)

Paginação
Maria José G. da Silva

ADMINISTRAÇÃO
Gerente Administrativo
T. C. Santos

Publicidade
Av. Rio Branco, 156 - 12º and. sala 1222, tel. 242-7395

ASSINATURAS
– Brasil: um ano/ Cr$ 145,00 –
6 meses/ Cr$ 80,00
– Exterior: um ano/US$ 25 –
6 meses US$ 15 –

● Artigos assinados são da responsabilidade de seus autores

● A redação não se responsabiliza por manuscritos que lhe sejam enviados

Composição e impressão:
Arca Editora e Gráfica S.A., Rua Equador, 702, Rio (GB), telefone: 223-1715

Distribuição:
Superbanca Distribuidora de Jornais, Revistas, Livros e Material de Propaganda Ltda. Rua do Rezende, 18 – Rio-G.B. – Tel.: 222-2316 e 222-859?

CRÍTICA
É propriedade da Editora Crítica Ltda.
Av. Rio Branco, 156, 12º andar, sala 1222, telefone 242-7395

CARTAS

Crítica: cultura popular

Um Natal e um Ano Novo de muitas esperanças para o povo brasileiro. Caros diretores da CRÍTICA, venho através desta, cumprimentar a todos que trabalharam nas edições deste ano de 1974, desejando-lhes um Natal com muita luz e um 1975 de prosperidade e esperanças no papel assumido por vocês até hoje, tornando-se um importante órgão de **cultura popular**, e contem comigo (como leitor) sempre; não me torno assinante porque não disponho do dinheiro para tal, mas todas as semanas eu o procuro nas bancas do bairro. Sem mais, fico-lhes grato por tão valoroso trabalho **cultural.**

Ailton José Pedro

Santo André – SP

Jesus Soares Pereira

O CRÍTICA nº 20 traz uma série de considerações acerca do homem que foi o falecido Jesus Soares Pereira. Na minha opinião – já que tive a oportunidade de conhecer tão importante pessoa, a qual dispensou serviços inúmeros ao povo brasileiro, daí a sua importância – os mais felizes comentários a respeito do falecido colega e companheiro foram o "Réquiem por Jesus" da autoria de Gerardo Mello Mourão e a apresentação do artigo (inacabado), feito pelo ilustre desaparecido, "Dados para Raciocinar". Infelizmente, o mesmo não posso dizer acerca da matéria escrita pelo sr. Medeiros Lima que substituiu (talvez com boas intenções) sua visão do mundo e das pessoas pela visão **pessoal** de Jesus Soares Pereira, que era (e é, pois imortal é a sua filosofia devida) **substancialmente** diferente.

Mas, obedeçamos à ordem de citação feita por mim, e consideremos primeiramente as observações que, na minha opinião, foram as melhores. O poeta Gerardo Mello Mourão em seu "Réquiem por Jesus", sintetizou muito bem o que significavam os fundamentos do pensamento humanista de Jesus ao citar Zacarias Werner (sempre o mesmo) e continuar: "No dia em que os metais se fundirem neste pobre planeta, menos para fabricar canhões, e mais para servir à dignidade do espírito humano, ele terá, também, por certo, um monumento neste país." Ora, se quando morre o homem fica a legenda, sejamos honestos como o sr. Mourão que registrou magnificamente a essência dos postulados preconizados por Jesus Soares sem se preocupar com os matizes ideológicos que pudessem caracterizar como tal ou qual linha de conduta perante o mundo.

Citava ainda o Sr. Mourão, os constantes convites feito pelo servidor do povo Jesus Soares a fim de "beber à saúde do povo", não fosse o povo sua fonte de inspirações e sua própria origem, bem como "seus companheiros" e "a soberania deste país".

Bem a tempo vieram, também, algumas frases de seu artigo "Abstenção Motivada", que foram veiculadas na apresentação por sinal, boa, da obra interrompida "por algum curupira"; são elas as frases "repugnam-me até, as atitudes demasiado individualistas, no campo político como no relacionamento humano em geral" e "à falta de fé trascedental, afugentadora das dúvidas, temos que nos apoiar em quem confiamos".

Ora, a bem da verdade, e com todo o respeito pelo trabalho – entrevista feita pelo sr. Medeiros Lima – gostaria de tecer algumas considerações acerca do outro de autoria do mesmo Medeiros Lima e que se intitulava "O patriota". Nessa matéria o sr. Medeiros Lima afirma que "O desenvolvimento para Jesus Soares Pereira devia se traduzir em educação para todos, em trabalho para todos, em bem-estar geral para a grande massa do povo brasileiro, a gente simples dos sertões do Nordeste, de onde ele próprio provinha..." e mais à frente conclui que "através do nosso convívio causou-me ele algumas surpresas." E que Jesus **"não era, por exemplo, de maneira nenhuma um marxista.** (Grifo meu) E não o era por temor da perseguição, da denúncia interesseira. Não o era apenas por convicção, pois ao longo de toda a vida não conseguiu jamais se libertar de sua formação positivista. **Não compreendia a vida sem honra, sem dignidade pessoal, sem respeito à criatura humana". (Grifo meu)**

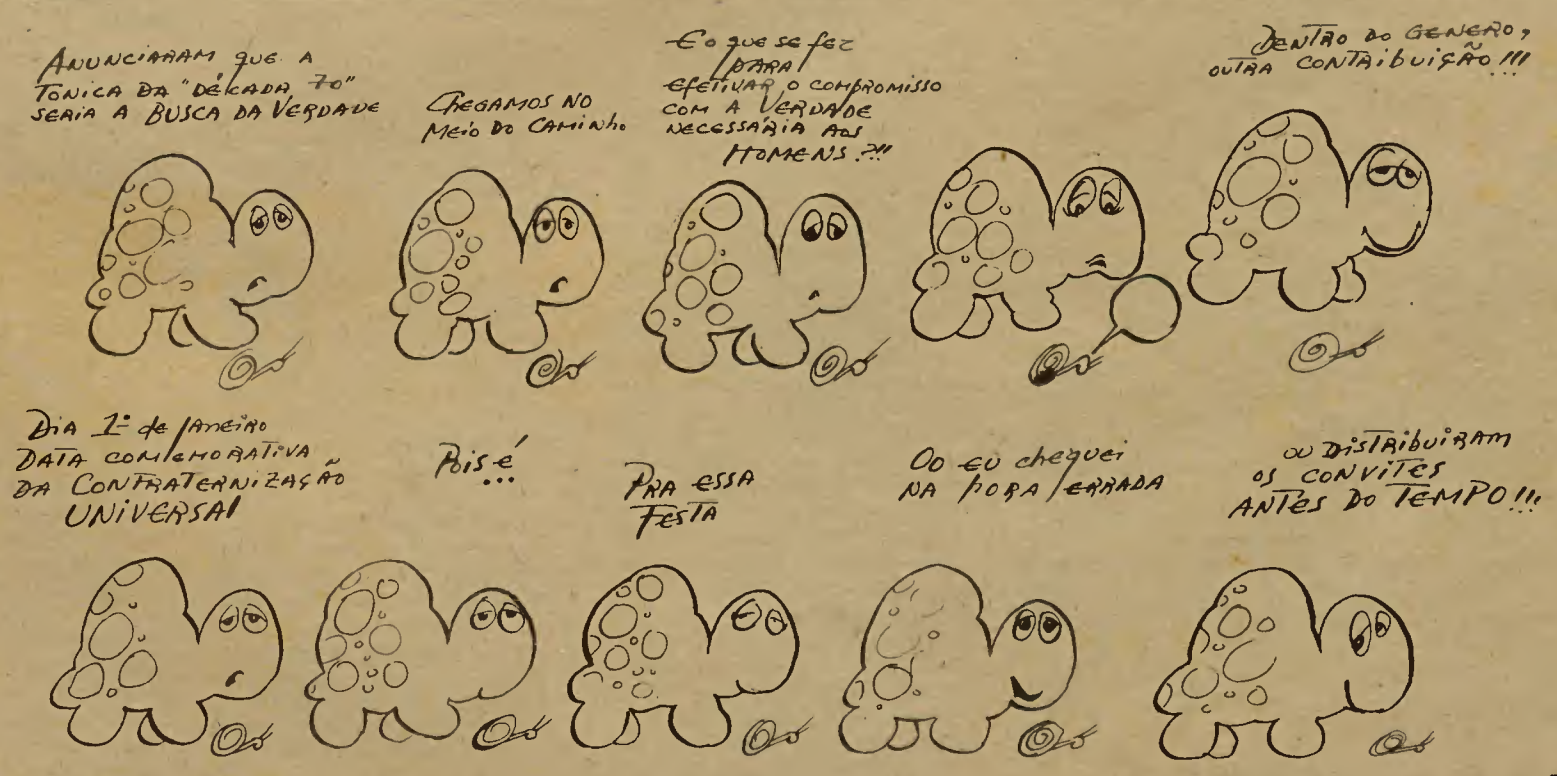
Absurdo dos absurdos! Dizer que Jesus Soares Pereira não era por temor da perseguição, inverdade. Também tive, assim como o sr. Medeiros Lima, a oportunidade de debater várias questões de interesse público e o que me causou surpresa foi a sua colocação, sr. Medeiros Lima. Durante uma das oportunidades em que conversei com o falecido homem público que era Jesus, abordei a sua (de Jesus) matéria "Abstenção motivada", onde expressei-lhe, além de meu apoio (e de outros) a minha solidariedade (por motivos comuns que nos uniam em torno do mesmo pensamento). Quer dizer, então, que o sr. Medeiros Lima acha que os marxistas compreendem "a vida sem honra, sem dignidade pessoal" e "sem respeito à criatura humana"?! É um pensamento digno de um "liberal" do tipo Soljenitzin mas que não tem nada em comum com o liberal Jesus Soares Pereira que eu conheci e, que era, pasme sr. Medeiros Lima, **também um marxista.** Jesus talvez não fosse, e isso eu acredito, um **militante ativo,** mas, na medida do **possível** e **viável** transparecia seus princípios; na minha opinião, o sr. Medeiros Lima acha que os marxistas são incompatíveis com posições liberais; ledo engano, pois todo o marxista é, no nosso sistema, automaticamente um liberal, mas a recíproca não é verdadeira já que seria um insulto à pessoa e ao seus ideais, afirmar, por exemplo, que Alceu Amoroso Lima (nosso Tristão de Athayde), um pensador católico **liberal,** fosse um marxista.

Para ilustrar o que afirmo, cito vários trechos, discutidos comigo e com o autor, do artigo «Abstenção Motivada», matéria que, para mim, junto com suas outras obras de vulto, deviam servir como exemplo pra muito «liberal» que anda por aí, «marxista» e não-marxista. Me disse Jesus que seu artigo saiu na primeira pessoa para que não soasse demasiadamente sectário (cito isso a bem da verdade já que, também, Jesus não pode ser mais perseguido como o foi em vida) pois para ele, pessoalmente, as «eleições» não tinham significado positivo em termos estruturais a não ser o prenúncio «de que o sistema se prepara para mudar de estilo», isto é, de máscara. Reconhecia que "à primeira vista o assunto parece de natureza muito pessoal" mas continha "questões de interesse geral.".

Ao comentarmos os artigos do prof. Barbosa Lima Sobrº para o JB, lamentou Jesus a atitude de tão eminente figura com relação a certo leitor do JB que tinha escrito uma série de cartas ao citado Barbosa Lima, mas que não tinham sido «devidamente» levadas em conta pelo colunista, tido como um liberal por todos, e o é, só que naquele momento fechou-se numa maneira não condizente com um tradicional defensor das «liberdades democráticas» que se preocupou até se o leitor se assinava ou não o pseudônimo, no que foi brilhante rebatido pelo missivista.

Ora, Jesus era um liberal mas que não disfarçava seus princípios, ouvia tudo e todos, era marxista sim e, conseqüentemente, defensor de nossas riquezas naturais para qual a palavra «patriota» restringe a real amplitude de sua filosofia cujos métodos obedeciam naturalmente às elucidativas equações científicas do materialismo dialético. Se a miopia política do sr. Medeiros Lima não conseguiu ultrapassar a superestrutura liberal de Jesus Soares Pereira, aí são outros quinhentos. «A falta de fé etc., etc.,» «prevaleceu ... não apenas o sentimento da dignidade ferida», (não era um moralista), «mas, o fruto das reflexões em torno da necessidade de cada qual guardar um mínimo de coerência, para que as atitudes adotadas ao longo da vida não venham a aparecer, aos próprios olhos, manifestações sucessivas de falta de critério». Jesus sabia o que queria, para si

VERINHA



e para os outros, mas respeitava a opinião contrária, tanto assim que confessou-me que uma pessoa muito ligada a ele era contra a abstenção como método.
Para ele «cada qual que adote, diante dos fatos, a atitude que lhe pareça mais consentânea com as sua convicções e com os interesses de classe ou de grupo social ou do conjunto da sociedade de que se sinta parte». Aprenda sr. Medeiros Lima o que é, na prática, o método dialético do conhecimento, parte integrante de Jesus Soares e outros brilhantes cérebros marxistas.

Outra faceta do Jesus em questão, era a de que sua abstenção se fundamentava, e muito bem, na não-participação na «arregimentação partidária consentida, no caso brasileiro, pelo menos» pois lhe parecia «amesquinhadora das aspirações de quantos desejem realmente algo digno de devotamento político». Dirigia-se ele a todos os discriminados políticos brasileiros, em todos os setores, segundo me falou, da vida pública, inclusive à juventude, pois o discriminado «não pode ignorar, ou mesmo procurar fingir que não o é» por que a punição é como um estigma indelével para toda a sua existência, ou para a existência do sistema . . .»
Dizia ainda Jesus: «Como compreender contradições tão flagrantes, ou como passar por cima delas, elegendo?»
Sr. Medeiros Lima não confunda as influências de uma formação positivista, as quais, não nego, Jesus Soares Pereira possuia, com os valores novos que as pessoas vão adquirindo no dia-a-dia, se bem que no caso de Jesus o escopo que o guiava era um escopo conscientemente dialético, daí tanta firmeza em suas atitudes que sempre foram seguras e senhoras de si, digamos que o que havia de espontâneo que já havia em Jesus, uniu-se ao teórico numa só argamassa humana, acredito que o homem de amanhã, que se forja hoje, possua as mesmas características, socialmente, de Jesus Soares Pereira o ser político-social.

P.S.: A carta, inicialmente, limitava-se ao artigo «Abstenção Motivada», tendo eu me comprometido pessoalmente com Jesus Soares a escrevê-la, mas, em vista das últimas circunstâncias, resolvi acrescentar outras considerações.

Américo Libero

Rio – GB

As razões do coração

"Deus foi tão generoso, deu talento, charme, boa pinta, simpatia contagiante, chance, mulher, filhos, glória e dinheiro". É assim que o sr. Giudicelli tem dó do cantor Wilson Simonal, cuja foz foi ouvida durante muito tempo pelo Departamento de Ordem Política e Social.

É fácil perceber a intenção do piedoso sr. Raul Giudicelli ao tentar transformar um simples caso policial num "julgamento de caráter político", quando a sentença do juiz Mena Barreto é clara: Wilson Simonal participou do seqüestro de um homem. Mais ainda: participou da agressão física a esse homem. Pior: acusou-o de ladrão e não pôde provar o que disse.

Para o sr. Giudicelli, estes crimes mereciam apenas o "nosso desprezo".

Nosso? De quem? Da "alegre rapaziada de esquerda", que segundo o sr. Giudicelli controla os meios de comunicação deste país. Sim, pois ele afirma em sua coluna do dia 11/12/74, que "desde que ele – Wilson Simonal – se mostrou infenso à alegre rapaziada da esquerda, seu nome sumiu dos jornais, seus discos não foram mais tocados e o nosso maior (e único) showman teve que esmolar alguns contratos fora dos grandes centros ou no estrangeiro".

Com isto o sr. Giudicelli não apenas nos informou que Wilson Simonal é o único showman do Brasil, como também deixou em situação politicamente comprometedora a própria direção do jornal onde escreve. E onde, naturalmente, deve também receber para isto. Quem o paga? Serão os agentes de Moscou? Pois segundo o sr. Giudicelli, ainda naquela coluna, "a URSS é a terra dos sonhos deste tipo de acusadores" (a alegre rapaziada de esquerda domina nossa imprensa).

Vale lembrar o recente episódio com o deputado Francisco Pinto, preso por ter difamado um país amigo. Cuidado. A embaixada da União Soviética permanece na Rua D. Mariana. E continuam as relações entre o Brasil e essa nação amiga.

Dizendo "rezei para que Nixon não fosse culpado", o sr. Giudicelli segue confundindo fama com lama. E acusa de "alegres rapazes da esquerda" alguns dos mais consagrados artistas brasileiros, e que até prova em contrário, nunca seqüestraram ninguém.

"Se fato idêntico tivesse ocorrido, por exemplo, com Roberto Carlos, Wanderley Cardoso, Jerry Adriani, Tarcísio Meira, ou Regina Duarte – não estaria havendo uma terrível campanha de solidariedade com o companheiro de trabalho?" pergunta o sr. Giudicelli. E não satisfeito de envolver pessoas ele insinua que nesse caso, teriam surgido uma missa em ação de graças para qualquer destes artistas, abaixo-assinados discursos nas Assembléias Estaduais e até no Congresso Nacional, consagrado pelo povo (seriam rapazes da esquerda?) nas eleições do dia 15 de novembro.

O público não se engana com falsas melodias. O que o sr. Giudicelli chamou de julgamento político nada mais é que a confirmação do julgamento popular anteriormente feito ao cantor. Ainda bem que no Brasil o povo pensa assim. A história está aí para mostrar como isto é importante: há mais de 25 anos, Maurice Chevalier "cantou para Hitler". E o povo francês, com o exército nazista na porta, reagiu imediatamente. O cantor, como diria o sr. Giudicelli, teve que "esmolar alguns contratos no estrangeiro".

Mas o que teria levado o sr. Giudicelli a perguntar quem tem dó de Wilson Simonal? Que razões esconde seu coração? Seria uma desconfiança no julgamento do réu Wilson Simonal? Ou seria um descrédito em instituições, como o Congresso, que desempenhou tão bem seu papel no julgamento de Nixon, acusado não de crime político, mas de mera sonegação de imposto de renda e violação de domicílio, entre outros delitos.

Quem teve dó de Nixon? Nem seus próprios companheiros de partido. Talvez isto explique porque na imprensa dos Estados Unidos dois jornalistas podem derrubar um governo com a simples exposição da verdade.

Quem terá dó do Sr. Raul Giudicelli?

Carlos Eduardo Fineberg e Galileu Marin F.

Rio – GB

CAMINHOS DO REENCONTRO COM O POVO

Saturnino Braga, o novo senador pelo Estado do Rio, emergiu das eleições de 15 de novembro como um dos possíveis líderes do MDB. Apesar de já haver passado pela Câmara dos Deputados, eleito em 1962 pelo extinto Partido Socialista, teve ali atuação discreta, ração pela qual, segundo ele próprio, a revolução o teria poupado ao se desabar sobre o Congresso o vendaval de 1964.

Engenheiro, graduado em 1954, teve desde cedo seu interesse voltado para a política e para a economia, o que o levou a freqüentar um curso da Cepal. Com tais credenciais ingressaria mais tarde no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico.

Filho de político, seu pai ocupou por três legislaturas seguidas uma cadeira na Câmara dos Deputados como membro da bancada do PSD, seção do Estado do Rio. Apesar de suas antigas idiossincrasias pelo velho partido conservador, Saturnino Braga o vê hoje com olhos diferentes, achando que ele, dentro das condições vigorantes na época, teria exercido bem sua função.

As razões que o levaram em 1962 a ingressar no Partido Socialista, "o partido dos sonhadores", como ele diz, foram as mesmas que o induziram desta vez a disputar uma senatoria pelo seu Estado: o amor à liberdade e o sentimento de justiça social.

Tendo vivido os últimos anos fora da política entregue às suas atividades profissionais como engenheiro-economista, Saturnino Braga sai agora do BNDE para o Senado da República. Homem jovem, mas ao mesmo tempo experiente, a ele certamente caberá o papel de relevo dentro e fora do Congresso, na medida em que souber se impor como defensor e líder da causa pública.

As linhas gerais do pensamento de Saturnino Braga estão contidas na entrevista que nos concedeu e que se segue.

ENTREVISTA CONCEDIDA A MEDEIROS LIMA

ML – O MDB, como é da tradição dos partidos políticos brasileiros, não se distingue pela coerência das posições. Constituindo-se numa espécie de frente única, da qual participam remanescentes de várias tendências, marginalizadas pelo movimento de março de 1964, como assegurar em face disso a unidade interna sem a qual corre o risco de ver se diluírem os resultados das eleições de novembro?

SB – Creio que esse quadro caracterizado pela sua pergunta reflete muito bem a realidade do MDB antes das eleições de 15 de novembro. Mas a partir daí, não. E isto porque durante a campanha o partido terminou se unificando em torno de alguns princípios retirados de seu programa, mas filtrados, discutidos e debatidos de modo a se tornarem uma espécie de programa mínimo capaz de conciliar todas as tendências internas. E foi exatamente com esse programa mínimo que fomos às eleições, sem que se observasse a menor discrepância entre os candidatos apresentados, do Rio Grande do Sul ao Amazonas. Estou certo de que o MDB saiu dessa campanha realmente fortalecido, além de haver adquirido uma base estrutural de que não dispunha antes.

Um outro aspecto que devemos levar em conta é que aquele partido majoritariamente composto de políticos marginalizados pela revolução de 1964 apresenta hoje, como resultado das eleições, uma outra feição. E digo isto considerando a grande renovação dos quadros e o surgimento de lideranças novas, não marcadas, por conseguinte, pelos acontecimentos de 1964. Unificado em torno de algumas teses centrais, sem espírito revanchista, o partido pode se constituir para a revolução, que admitimos como irreversível, numa alternativa de reencontro com as grandes aspirações do povo, como melhor distribuição da renda, restituição das liberdades civis e políticas, suspensão da censura à imprensa, etc.

Estou certo de que as alterações ocorridas no MDB, como fruto do pronunciamento popular, tendem a se consolidar, sobretudo na medida em que as novas lideranças forem assumindo posições de preponderância no seio do partido.

ML – Na análise dos resultados das eleições ressaltam alguns detalhes curiosos, a indicarem que o pronunciamento eleitoral transcendeu os cálculos, previsões e esperanças das lideranças partidárias. Este fenômeno que favoreceu o MDB não pode levar o partido a conclusões apressadas e perigosas quanto à verdadeira significação do pleito?

SB – Pode, sim. Acredito que há um risco de o partido vir a superestimar as posições conquistadas, como no caso de partir para uma atitude de agressividade que a situação efetivamente não comporta. Mas não devemos esquecer de que o MBD tem uma larga experiência, baseada no sofrimento do regime de opressão e de desprestígio aos quadros políticos como decorrência dos sucessivos atos institucionais. E isso pesa quando se é levado a analisar a posição correta a ser tomada daqui por diante. Não estamos interessados em correr novos riscos. O que nos importa de fato é contribuir de maneira efetiva para a normalização política do país. Para tanto é preciso não dar razões, nem argumentos, nem pretextos que nos levem a um retrocesso, o que seria catastrófico, a esta altura dos acontecimentos.

Reencontro nacional

ML – Há por parte de certos analistas tendência a considerar os problemas políticos e sociais levando exclusivamente em conta os resultados dos pronunciamentos codificados pelo regime institucional em que vivemos, como é o caso do processo eleitoral. Mas não lhe parece que em um país como o nosso este critério pode induzir a conclusões falsas quando se ignora, deliberadamente ou não, o fato de que à margem da sociedade ativa, daquela que participa da chamada economia de mercado, mais de 60% da população vivem em condições de subemprego e subnutrição? Não está aí a tendência a um controle maior sobre a ação política e o exercício efetivo da liberdade?

SB – Acho que sim. Por isso mesmo parece-me que um dos maiores objetivos de um partido como o MDB é tornar isto muito claro, procurando integrar na vida política e social do país essas enormes camadas da população que permanecem marginaliza-

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

das. É claro que este é um objetivo bastante longínquo. Isto não se obtém da noite para o dia. É preciso trabalhar com a realidade que aí está. Mas na medida do possível temos que lutar para transformá-la, criando condições novas que permitam elevar e incorporar ao convívio da sociedade os desamparados, os desvalidos, a gente pobre e miserável, que constituem a grande massa que povoa as nossas cidades e os nossos campos.

Recuso aceitar que seja inviável. É aí que se justifica uma ação comum, um esforço comum, uma luta comum de toda a nação. Na medida em que se amplie o processo de normalização gradativa sugerido pelo presidente Geisel estarão sendo criadas as condições para que todos nós possamos dar, através do debate amplo e sério, nossa contribuição nesse sentido.

ML — Aliás, se não me engano, V. em entrevista recente, falou no reencontro da sociedade brasileira com os valores da nossa civilização. Como isto será possível sem a incorporação daquela grande maioria de brasileiros aos padrões de uma vida digna? Não nos esqueçamos que Santo Tomás de Aquino já dizia que o homem para alcançar uma vida normal necessita de certo número de bens materiais.

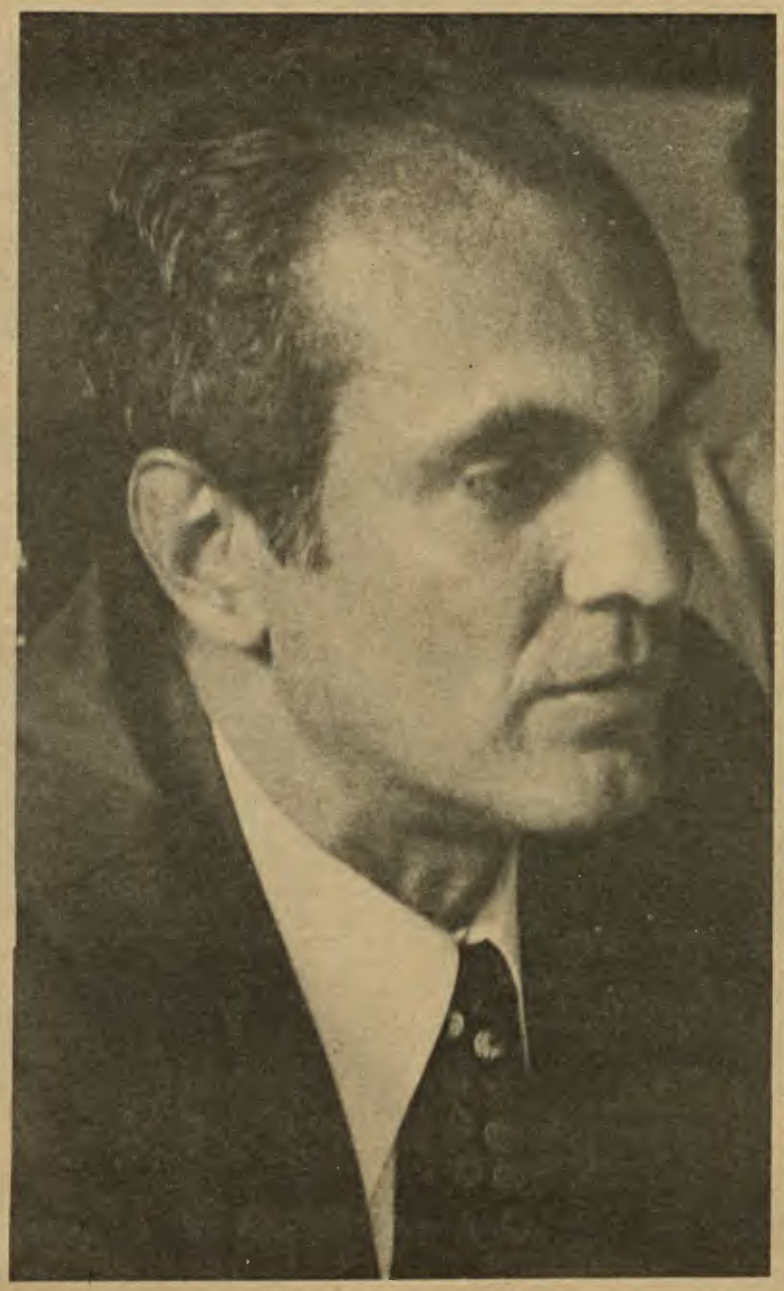
SB — Quando digo que os governos da revolução se afastaram do quadro de valores básicos da chamada civilização cristã-ocidental é porque se esqueceram dos conceitos de igualdade e justiça social em proveito exclusivo do crescimento do PNB, do chamado "milagre econômico". Foi o esquecimento ou o abandono desses conceitos que estimularam em todo o país o sentimento de oposição que acabou se cristalizando no MDB.

Esse desapreço pelo ideal de justiça, de equidade na distribuição da riqueza nacional, constitui um dos traços característicos dos governos da revolução. O mesmo pode-se dizer com relação aos abusos cometidos pelo aparelho de repressão aos atos de subversão e de terrorismo.

O retorno aos quadros tradicionais da vida política brasileira pode conduzir o governo a tomar medidas efetivas no sentido de reparar incompreensões e desacertos graves, como a revisão dos critérios de distribuição da riqueza nacional. O MDB, por sua vez, deve ajudar o poder público nesse sentido. Mais ainda: estamos dispostos a emprestar nosso apoio a todos os atos governamentais que conduzam ao restabelecimento da normalidade democrática, pois só por esta via é que chegaremos ao diálogo franco e aberto em torno dos grandes temas, objeto de apreensões gerais.

Petrobrás: irreversível

ML — É evidente que certos setores do movimento de março de 1964, em oposição às tendências anteriores, tendeu a transferir o comando do desenvolvimento das mãos do Estado para os grupos privatistas, representados especialmente pelas chamadas multinacionais, substitutas mais sutis e sofisticadas das forças colonizadoras do passado. Com isso, através da abertura de facilidades fiscais e financeiras, aliadas à compressão salarial, abriu-se o caminho para a grande concentração de renda e controle de parte da economia nacional por esses mesmos gru-



Roberto Saturnino: integrar na vida política e social as enormes camadas populares marginalizadas

pos. É bem verdade que setores básicos, em proporção razoável, continuam ainda em mãos do Estado.

Mas não deixa de ser curioso, por exemplo, a campanha que se inicia, com certo estardalhaço, em favor da participação das multinacionais na exploração do petróleo. Isso ocorre quando a descoberta de novas reservas, como as de Campos, Alagoas, Sergipe e Rio Grande do Norte, indicam que o país caminha para a auto-suficiência.

Estaríamos assim, mais uma vez, correndo o risco de perdermos o controle sobre um dos poucos recursos em que o Estado, como lembra Celso Furtado, pode exercer sua autonomia em face das grandes empresas, que é a defesa dos bens naturais não-renováveis, como é o caso do petróleo e de tantas outras reservas minerais, algumas delas hoje sob controle externo.

SB — Estamos de fato em presença de um debate reaberto em torno do problema da estatização no país. Mas no fundo o que está por trás disso são única e exclusivamente os interesses das multinacionais. Talvez a explicação se encontre em certas mudanças de atitude por parte de alguns órgãos do governo Geisel, como o Ministério da Indústria e do Comércio, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e outros setores mais, preocupados todos em fortalecer a posição do empresariado nacional.

Acredito que foi a partir daí que se reacenderam as preocupações em torno da defesa do privatismo, com o retorno daqueles velhos argumentos tão conhecidos do país inteiro. Mas de qualquer maneira temos que enfrentar esses falsos preconceitos e essas falsas colocações sem temer o risco das interpretações tendenciosas.

Não devemos esquecer que a vida brasileira apresenta uma particularidade "sui-generis", que é a preponderância de algumas emprêsas estatais em setores básicos da economia. Além disso, metade, ou quase, dos investimentos realizados no país são provinientes de entidades do Estado ou de empresas autárquicas ou de economia mista. Mas é exatamente por essa circunstância peculiaríssima que estamos conseguindo atravessar quase incólumes a crise que vai pelo mundo afora. Enfrentamos, é certo, dificuldades de balanço de pagamento mas não estamos dentro da recessão como acontece com outras nações. Não tivemos até aqui desemprego nem quebra na taxa de investimento. A economia continua a crescer razoavelmente bem. E por que? Porque o mundo todo se encontra em recessão e o Brasil não, permanecendo, como tem dito o ministro da Fazenda, como uma espécie de ilha do progresso? Exatamente porque os investimentos de origem governamental continuam a puxar a economia como uma locomotiva.

É graças à existência de empresas como a Petrobrás, Eletrobrás, Companhia Siderurgica Nacional, Usiminas, Cosipa, Vale do Rio Doce, etc. que a economia brasileira continua a crescer dentro de um quadro mundial de recessão. A esta altura querer condenar a estatização de certos setores é pretender iniciar um processo de regressão. Trata-se de setores de alta densidade de capital. Se não forem ocupados pelo Estado só as multinacionais terão condições de preenchê-los.

O que se pretende na realidade com a reabertura do debate entre estatização e privatização é apenas expulsar o Estado das posições que ele detém na economia brasileira para entregá-las aos grupos internacionais. É contra isso, é claro, temos que lutar com todas as nossas forças. Trata-se da defesa do nosso patrimônio, que é também um dos postulados fundamentais do MDB. Creio mesmo que haja quase que unanimidade de pontos de vista a esse respeito em todo o país. Não só a grande maioria pensante mas também a grande massa do nosso povo não concorda com a revisão dos fundamentos básicos de nossa política econômica, inclusive em matéria de petróleo.

A descoberta do campo de Garoupa veio reforçar sensívelmente a tese do monopólio estatal. Não creio em revisões aí, embora tivessemos estado bem próximos de uma ameaça nesse sentido em face das pressões resultantes da crise mundial de combustível líquido. Agora a coisa parece bem mais difícil. Mas de qualquer modo temos que colocar as questões dessa ordem em termos muitos claros, através de um processo permanente de desmistificação, denunciando aqueles que, interessados em servir aos seus próprios interesses, procuram confundir a realidade.

É preciso que se diga que a estatização no Brasil não afetou jamais a emprêsa privada nacional. Pelo contrário, com o campo aberto a todo tipo de iniciativa tem se beneficiado da ação do Estado, que não fere nem estreita suas perspectivas. Fere, sim, os interesses, as pretensões, as ambições desmedidas das multinacionais, desejosas de penetrarem naquelas àreas onde a entrada lhes é vedada.

Pressão das multinacionais

ML — A propósito gostaria de chamar sua atenção para comentário recente, publicado por um dos grandes jornais do Rio, em que se dizia o seguinte: 1°) que o empresariado, sentindo-se impotente diante da capacidade de arbítrio do poder público, reclama a revisão do AI-5; 2°) que o empresariado teria a partir de agora um programa político-democrático, ou de redemocratização; 3°) que a distensão política teria de cumprir-se em seus efeitos e conseqüências econômicos-sociais. Os atores não seriam apenas os empresários e os burocratas, envolvendo também outros grupos de participação social, como os sindicatos.

Mas o curioso nessa espécie de plataforma política é que a sua inspiração é ditada por estas conclusões: «O estatismo antidemocrático começa por «expropriar» a força de trabalho. As etapas seguintes levam os burocratas-gerentes do Estado a «expurgar» também os proprietários de capitais».

SB — Realmente é surpreendente esta colocação sob todos os pontos de vista. Temos que concordar, digamos assim, com a plataforma política, embora estranhando a sua procedência.

Mas, por outro lado, não podemos aceitar a denúncia desse pretenso crescimento no grau de estatização da economia brasileira. Ao contrário do que se diz, a verdade é que o empresariado nacional sente necessidade de um forte apoio por parte do Estado para enfrentar a concorrência das multinacionais. Se o Estado sair fora de campo e colocar-se na posição de árbitro isento, as empresas privadas genuinamente brasileiras serão esmagadas.

Não pode, portanto, o poder público ficar impassível diante desse quadro. Ele tem que lançar mão de todos os meios a seu alcance para assegurar a sobrevivência dessas empresas, aumentando inclusive o oferecimento de capital. O BNDE recentemente reformulou a conta das empresas nacionais a fim de que elas possam elevar sua capacidade de endividamento, absorvendo maiores financiamentos. Isto é feito sem a menor ingerência do BNDE na administração das emprêsas e sem ameaça ao controle acionário dos grupos privados nacionais que o detêm.

É evidente que a ação do Estado aí tem um caráter de defesa, incentivo e proteção aos interesses privados dos grupos que até aqui não foram absorvidos pelo capital estrangeiro. Não há, portanto, crescimento de grau de estatização. Tudo que se vem dizendo em sentido contrário é conversa fiada, distorção da realidade em proveito e benefício exclusivo dos grandes consórcios internacionais.

Nordeste

ML — Correspondente de um dos jornais do Rio, em Recife, em despacho recente, dizia que quinze anos depois de criada a Sudene, o Nordeste ainda não conseguiu realizar as transformações sonhadas, permanecendo como uma das áreas mais atrasadas da América Latina. Não lhe parece que esse fenômeno resulta da distorsão da política de industrialização ali aplicada por meio de incentivos fiscais e da tendência a não se tocar na propriedade rural, mantendo-se os grandes latifúndios improdutivos, que levam as populações do interior a migrarem para os grandes centros, onde incapacitadas profissionalmente, permanecem desajustadas e marginalizadas?

SB — Foi precisamente isto que ocorreu. Há, no entanto, medidas alternativas viáveis de serem tomadas para modificar esse quadro. Acho, por exemplo, que a unificação dos fundos, a criação dos chamados «fundões», como o Fundo da Amazônia, centralizando no Banco do Nordeste a colocação dos meios provenientes das isenções fiscais é um passo positivo, na medida em que vai ser possível concentrar os recursos naqueles projetos realmente prioritários e acabar de uma vez com a guerra entre corretores de incentivos oferecendo comissões cada vez mais altas para obter recursos para seus clientes.

Mas isso só não basta. O problema do Nordeste, com a sua estrutura de recursos existentes, requer uma política de industrialização mais racional e de acordo com as condições locais. Isto só pode ser alcançado na medida

→

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

A MUDANÇA NAS REGRAS DO JOGO POLÍTICO

O interesse popular na participação do pleito de novembro e o comportamento isento do governo no sentido de deixar livre a manifestação da vontade nacional, cumprindo a estratégia da distensão política gradual, selaram um encontro de fidelidade aos princípios democráticos que repele o artificialismo político.

Logo após os resultados eleitorais alguns setores políticos entregaram-se à tarefa de prognosticar a necessidade da reformulação do sistema eleitoral subscrevendo quanto a tese, o que vem sendo defendido pela oposição. Fala-se em voto distrital, voto misto, vinculação partidária até para as escolhas majoritárias, abolição das sublegendas e tantas outras medidas. Anuncia-se que a Fundação Getúlio Vargas tem um estudo a respeito do voto distrital e que se encontra já em mãos do governo para ser encaminhado aos partidos como subsídio para estudo e avaliação. Representantes partidários, filiados a uma mesma legenda, fazem pronunciamentos que se contradizem, demonstrando a ausência de um exame mais profundo do problema.

Estranho que a idéia reformista ocupe a maior parte do noticiário político, antes mesmo que a justiça eleitoral divulgue o resultado do pleito em termos globais. Até as eleições de novembro o assunto era fechado à temática arenista, embora a luta oposicionista no sentido de apurar o processo de identificação da vontade nacional. A fala da oposição caía no vazio do rolo compressor arenista, pois que o sistema vigente lhe era de todo favorável. De repente, entretanto, ainda sob o calor da refrega de novembro, alguns setores arvoram-se em defensores de uma reformulação dos instrumentos eleitorais, atitude oposta à acomodação anterior.

Entendendo-se que essas manifestações não sejam somente sondagens tentando provocar tomada de oposição, suspeita-se enxergar na pressa com que são feitas, no açodamento do seu enunciado, não pretenderem o aperfeiçoamento do sistema, mas uma casuística mais contundente no limitar o pronunciamento popular.

Uma lei dessa ordem, nos regimes democráticos, é fruto do mais amplo debate, do mais exaustivo exame e conseqüência da média de opinião nacional, instrumento válido da soberania popular na participação política. E quando se pretende a sua reformulação após uma eleição, devem ser levados em conta dois componentes essenciais para que se lhe reconheça a necessária legitimidade: a tendência política manifestada nas urnas e as teses que vinham sendo defendidas e foram identificadas na eleição.

Pretender-se mudar as regras do jogo a curto prazo, fugindo à evidência desses dois componentes essenciais é tentar um perigoso desserviço ao regime, distanciando-se a vontade nacional do novo sistema, gerando distorções quanto aos seus anseios e preferências. A mudança deve ser presidida nos moldes do comportamento do governo na fase eleitoral, um instrumento válido à distensão política. Jamais um retrocesso, um alargamento de vinculações indesejáveis ou um estreitamento no campo da atividade democrática.

Os recentes resultados eleitorais estão, não há dúvida, perturbando certos setores políticos, deformando-lhes a visão da imagem nacional, o que pode ocasionar um maior distanciamento da opinião pública.

O comportamento do governo Geisel no episódio eleitoral, dentro dos limites do que se convencionou chamar de gradual distensão política, não autoriza à percepção de uma mudança nas regras do jogo como manobra de contenção a essa meta que vem sendo cultivada pelo governo com isenção e seriedade.

Mini-partidos

O sistema vigente adota o princípio do bipartidarismo. As regras permissivas da criação de novos partidos são limitadas, o que as torna impraticáveis. Aí temos o exemplo do dr. Pedro Aleixo, político do mais alto nível nacional, da melhor qualificação, jurista, professor de direito, advogado habituado a dar vida aos textos frios da lei. Reúne ele todas as qualidades essenciais para através das normas legais, criar uma nova agremiação política, vencendo o bloqueio do bipartidarismo.

Até agora, entretanto, não conseguiu tornar realidade o terceiro partido, diante das restrições da lei que lhe impedem a caminhada. A legislação em vigor preservou o bipartidarismo das incursões que afetassem a sua estrutura, procurando acomodar a nação em dois departamentos estanques, oferecendo ao povo a alternativa de uma só linha divisória.

Para contornar o problema das novas agremiações e manter intocado o bipartidarismo, criou-se a sublegenda, uma espécie de mini-partido no seio dos dois grandes. A sublegenda teria o condão de aglutinar as divergências, notadamente do partido majoritário, de modo a resguardar a colheita do voto de legenda, que lhe era altamente favorável.

Alguns grupos se voltam agora contra a sublegenda, depois dos resultados eleitorais. Entendem que enfraquece a legenda mater, raciocínio oposto ao que deu suporte à sua criação. A seguir esse raciocínio, a eliminação da sublegenda propicia a necessidade de novas agremiações políticas. Eliminar a sublegenda sob a alegação de fortalecer a legenda mater, diante dos resultados de novembro, sem tornar permissível a criação de novos partidos, leva a inevitáveis conclusões: a de tornar mais reprimida a participação popular no processo da preferência política e, em conseqüência, forçar maior faixa de marginalização, principalmente por via do voto em branco.

Outra idéia, esta surpreendentemente estranha, é a de pretender-se vincular também às legendas o voto majoritário, o que violenta a tradição do direito eleitoral brasileiro, e subtrai do voto a essência vital como instrumento de participação política.

A mudança nas regras do jogo não deve ser instrumento a serviço do interesse de grupos vencidos nas urnas, mas identificar-se com a vontade nacional expressa no voto, tornando mais fácil e mais pura a manifestação política.

Realidade política

O pleito de novembro demonstrou, sem nenhuma dúvida, o interesse nacional em participar do processo e afirmar a sua vontade. As condições sob as quais se realizou tornaram nítidas essas conclusões. O povo teve no voto o instrumento democrático legítimo para manifestar a sua preferência. Usou-o num ato político da mais alta significação, acorrendo em massa às urnas e dizendo o que desejava.

De outro lado, essas condições tiveram do comportamento ético do governo, da sua isenção, a credibilidade que lhes oferece segurança e respeito à vontade eleitoral. A distenção política teve nesse comportamento a oportunidade de solidificar-se, transmitindo ao povo a confiança indispensável na estratégia política emergente.

Partindo daí é que se deve enxergar a reforma política. A impureza do artifícialismo malicioso, que amordaça ao envés de libertar, a ilegitimidade do interesse dos vencidos no distorcer o pronunciamento da soberania popular, que avilta ao invés de dignificar, a espúria manobra de envolver e confundir a nação num jogo às cegas, que esmaga ao invés de criar, não há mais lugar após o pleito de novembro que selou a identificação de povo e governo na fidelidade aos princípios democráticos.

A reforma política não pode e não deve, assim, emergir de uma atitude consentida, mas, bem ao contrário, deve nascer sob os princípios que ditaram as eleições e os seus resultados. O debate livre, a livre crítica, o exame isento, o pronunciamento sem injunções, são elementos indispensáveis à consecução dessa reforma que deve refletir o encontro do comportamento governamental com o interesse popular na boca das urnas.

A estratégia da distenção política gradual, do presidente Geisel, e a manifesta e inequívoca vocação democrática da nacionalidade, demonstrada em novembro, não podem servir de pano de fundo a uma reforma que não responda aos legítimos anseios políticos do país.

HUMBERTO ALENCAR

---

em que se criem também mecanismos de incentivo não só ao capital mas também à utilização do fator de mão-de-obra. Nós do MDB vamos cobrar isto do governo, oferecendo inclusive sugestões concretas a respeito.

Somos de parecer que a industrialização no Brasil, e particularmente no Nordeste, só tem sentido, pelo menos na fase atual, se ela for grandemente utilizadora de mão de obra, de maneira a absorver esses contingentes que vêm dos campos para as cidades em busca de trabalho. É claro que paralelamente deve-se botar para trabalhar as terras que estão desocupadas no campo. Impõe-se uma política de penalização ao latifúndio improdutivo e de aumento do imposto territorial sobre esse tipo de propriedade agrícola.

Medidas combinadas como essas é que podem levar ao Nordeste um surto de progresso capaz de ser usufruído por toda a população e não apenas por meia dúzia de grandes indústrias constituídas de capitais estrangeiros e capitais do Sul do país, usando tecnologia sofisticada, e que vão para lá apenas para descarregar imposto de renda. Comportamento dessa natureza não resulta em disseminação de um verdadeiro desenvolvimento econômico para a região.

ML – Não lhe parece indispensável a adoção de medidas que fixem realmente o homem à terra?

SB – Evidentemente. É indispensável orientar uma parte da política de incentivos para projetos rurais, de forma a que o homem do campo permaneça ligado à terra, nela trabalhando e produzindo.

Os caminhos das fusões

ML – Até aqui temos falado de alguns dos grandes temas nacionais, como se eu tivesse esquecido que V. é um senador eleito pelo Estado do Rio. Encerrando esta nossa entrevista, queria apenas perguntar o seguinte: sem entrar nas razões que induziram o governo a efetivar a fusão da Guanabara e do Estado do Rio, quais serão na sua opinião as consequências dessa medida do ponto de vista sócio-econômico?

SB – Há problemas a enfrentar, problemas de ordem administrativa, sobretudo, mas as conseqüências sócio-econômicas de um modo geral vão ser benéficas para ambas as partes. Sempre fui partidário da fusão embora tenha rejeitado a maneira como foi imposta às populações dos dois Estados.

O Estado do Rio foi obrigado a colher e a abrigar uma população muito grande, que hoje deve andar pela casa dos quatro a cinco milhões de habitantes, mas que trabalha e produz na Guanabara. Ao Estado do Rio propriamente, só da despesa na medida em que este é obrigado a conceder todo o equipamento urbano necessário, como habitação, calçamento, luz, água, esgoto, etc. Com o crescimento dessas populações, residentes na zona periférica do chamado Grande Rio, os problemas tornaram-se praticamente insolúveis. Basta uma viagem de inspeção a Caxias, Nova Iguaçu, São João de Meriti, São Gonçalo, Nilópolis para que se perceba que as municipalidades aí, e nem mesmo o Estado, contam com recursos suficientes para investir no equipamento urbano exigível. E isso porque há desproporcionalidade muito grande entre as necessidades em termos de investimento e a receita que essas populações geram ali.

Assim, a fusão, na medida em que permitir uma melhor distribuição de recursos de ambas as partes, vai dar condições para que se repare essa injustiça que se tem cometido contra o Estado do Rio em favor da Guanabara. Mas também para este, talvez em prazo não tão imediato, a fusão deve acarretar benefícios. O Rio é uma cidade nitidamente congestionada, não só do ponto de vista populacional como industrial. Hoje não se admite mais como desejável o crescimento de cidades acima de três ou quatro milhões de habitantes.

Acima dessa cifra, a qualidade da vida tende a cair verticalmente. Para os habitantes do Rio é cada vez mais desejável que o crescimento de sua industrialização se dê fora das fronteiras do antigo Estado da Guanabara. Não tem sentido, por exemplo, se continuar instalando indústrias dentro da zona urbana, dada a multiplicidade de problemas que daí resultam. Em compensação existem áreas muito grandes a serem ocupadas neste sentido ao longo do Vale do Paraíba, do eixo Rio-São Paulo, do eixo Rio-Belo Horizonte, do eixo Rio-Vitória.

Acredito sinceramente que a longo prazo, não há dúvida, a fusão vai se constituir em grande benefício, oferecendo melhoria sensível na qualidade de vida das populações do Rio de Janeiro. As receitas servirão ao Estado como um todo e não mais ao Estado do Rio ou à Guanabara separadamente.

Como disse, os problemas administrativos vão ser grandes, mas terão que ser enfrentados e podem perfeitamente ser resolvidos. Não esqueçamos também os efeitos políticos dessa integração, quando o novo Estado ganha uma posição de prestígio político comparável ao de São Paulo ou ao de Minas. E isso forçosamente há de se traduzir na obtenção de recursos da união, interessada no desenvolvimento geral da região.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

UMA GUERRA DOS EUA? CONTRA QUEM E POR QUE?

"Os EUA entrarão em guerra." Tal é a previsão do conhecido economista francês Jacques Attali, em sua mais recente análise sobre a "crise do capitalismo norte-americano". Na edição passada publicamos uma interpretação da crise vista do interior do próprio país: do pensador e economista norte-americano John Kennet Galbraith. Hoje trazemos a análise vista do outro lado do Atlântico, na qual o autor afirma que segunda a escolha a ser feita nos Estados Unidos, a Europa será vítima ou testemunha de três guerras possíveis. É o caso de se perguntar: e nós do terceiro mundo, em que ficamos nisso tudo? Seremos as vítimas escolhidas de qualquer uma delas?

A afirmação, segundo o próprio Jacques Attali, seria totalmente gratuita se não houvesse, para comprová-la, a atual conjuntura internacional e "alguns dos mais recentes resultados da ciência econômica." A data e a forma de tais guerras é que não são previsíveis, dependem da evolução da correlação de forças tanto interna quanto externamente.

O economista francês fundou sua análise em três novos estudos que, na sua opinião, revelam que uma das teses fundamentais e mais contestadas de grandes mestres da economia ("Ricardo e Marx, sobretudo") começa a ser comprovada na prática, ou seja: **a produtividade do capital tem a tendência natural a baixar, obrigando o sistema industrial a criar, sempre, novas estrategias para manter seu crescimento.**

Um desses estudos foi divulgado na França e se trata de uma pesquisa do INSEE, o outro é de autoria de um grupo de pesquisadores da North Western University (EUA) cujos resultados, são ainda provisórios e portanto não foram publicados, e o terceiro, finalmente, é do professor Pimentel, da Universidade de Nova Iorque.

A pesquisa francesa, diz Attali, mostra que a taxa de rendimento econômico do capital (relação entre lucro o capital investido), na França, cresceu desde 1959 e se estabilizou em 1969. Mas esse crescimento correspondente à parte do valor ajustado do lucro (de 22% para 28%) – que mal compensa a forte queda da produtividade do capital desde 1964 – e não a uma melhoria da produtividade do capital (relação entre o que foi produzido e capital investido). O estudo em questão ressalta também, quaisquer que sejam os dados utilizados, que a rentabilidade financeira do capital está em baixa desde 1969.

O segundo trabalho trata especificamente dos EUA e demonstra, mais uma vez, que os investimentos norte-americanos em países estrangeiros são mais rentáveis que nos EUA, Informa Attali que se calculou, grosso modo, quais teriam sido os resultados em 1968, se os 80 bilhões de dólares investidos no exterior o tivessem sido no próprio território norte-americano. Conservando-se as mesmas cargas fiscais, a renda nacional teria sido aumentada de 2,3 bilhões de dólares, enquanto os rendimentos do trabalho teriam sido acrescidos de 10 bilhões e a rentabilidade do capital diminuida em 8 bilhões.

Isso explica bem, acrescenta ele, como o pragmatismo econômico imediato , que encoraja os investimentos fora dos EUA, é contrário aos interesses do crscimento econômico norte-americano e aos interesses de sues trabalhadores.

O terceiro estudo diz respeito à agronomia e às limitações dos progressos técnicos. O professos Pimentel explica que o rendimento agrícola com técnicas modernas decresceu cerca de 25% nos últimos 30 anos nos EUA, e que para produzir uma caloria, é necessário 50 vezes mais calorias com fertilizantes químicos do que com técnicas naturais.

Existem várias razões para esssa baixa (relativa e absoluta) da produtividade nos países mais desenvolvidos:

- Aumento das reinvindicações dos trabalhadores;
- Coordenação cada vez mais difícil, num sistema liberal, dos grandes investimentos;
- Queda das taxas de investimentos nos setores básicos, que embora de maior utilidade são menos rentáveis (a petroquímica, por exemplo, antes da alta do petróleo).
- destruição do meio-ambiente;
- nocividade dos mega-instrumentos das grandes concentrações urbanas.

Para compensar essa baixa da produtividade, o capitalismo americano sempre recorreu a certos artifícios:

- reservando a parte maior do valor ajustado dos lucros.
- recorrendo à inflação, que, desvalorizando as dívidas e a poupança, torna rentáveis investimentos economicamente injustificados.
- expansão, como sempre, dos mercados. A abolição da escravidão é seu exemplo: a razão profunda foi a necessidade de criar novos mercados para novos consumidores com novos trabalhadores.

Concentração mundial

No início do século, a conscientização dos trabalhadores de sua própria força e de sua exploração, lhes abriu acesso a um nível de vida menos baixo e, para alguns, até mesmo a sociedade de consumo. Essa conscientização, contudo, foi acompanhada pelo surgimento de grandes estruturas de produção em série (mais rentáveis porque mais produtivas), novas formas de exploração dos trabalhadores e de exploração dos novos trabalhadores (os do terceiro mundo), pelo esvaziamento de regiões inteiras para concentrar as pessoas em torno de mega-instrumentos de produção e, conseqüentemente, das megalópoles.

Atualmente, todos esses procedimentos revelam-se insuficientes à escala de uma nação, mesmo quando se trata dos EUA. Os novos e imensos mercados mundiais são imprescindíveis às grandes estruturas industriais norte-americanas, novos mercados como o Brasil, Irã, Argélia, URSS, Rumênia, etc. As grandes empresas asseguram assim seu crescimento, que é a própria condição fundamental de sua sobrevivência. Isso explica o fato de elas terem aceito, sem muita resistência, a alta do preço do petróleo, geradora de novos mercados. Alta que para algumas delas – as companhias petrolíferas – é imensamente proveitosa, especialmente porque aumenta sua influência sobre Washington.

Esta nova fase da concentração mundial do capital para lutar contra a baixa da produtividade, pode afetar o equilíbrio interno norte-americano, porque ela põe, pela primeira vez, em evidência a contradição de interesses entre as grandes empresas financeiramente prósperas e o espaço nacional americano.

O desemprego, em algumas categorias sociais, atinge 20% e a inflação está acima de 10%, nivelando os donos de bens mobiliários em seu mais baixo nível. O deficit petrolífero é de 28 bilhões de dólares em 1974. O mau funcionamento de certos serviços públicos (saúde, educação, correios, rede ferroviária, são justamente criticados) pesa sobre a vida cotidiana da população. As desigualdades são sentidas muito mais duramente e a exploração de milhões de trabalhadores estrangeiros (6 a 12 milhões, segundo estimativas oficiais) agrava a situação.

Estima Jacques Attali que tal contradição não pode deixar de se refletir no campo político. E a partir dessa conclusão, considera que na atual conjuntura, dentre os inúmeros projetos capazes de serem propostos nos EUA, três lhe parecem particularmente verossímeis, levando em conta o abismo que separa a opinião pública da correlação de forças entre os diferentes grupos de pressão que influenciam o poder federal.

"Cada um desses três projetos corresponde, por sua ampritude, a uma especie de guerra: militar, econômica, ou contra a pobreza."

Cada um dêles implica num certo tipo de relação entre o Estado e o sistema industrial. Quando um dêles é predominante, fala-se de um complexo **industrial militar, industrial nacional** ou **socio industrial.**

O primeiro já é bem conhecido, e poderia com novas encomendas e novos mercados, reativar a atividade com ou sem uma justificativa real de guerra. Tal continuidade lhe parece improvável – a guerra do vietnam e suas conseqüencias não foram ainda esquecidas. A capacidade da indústria militar de criar empregos é bastante limitada. Com exceção de Israel, "hoje ameaçado em sua integridade e sobrevivência, é pouco provável que os EUA intervenham maciçamente em algum conflito, com o objetivo de reativar a máquina econômica interna". O complexo industrial militar continuará desempenhando seu papel no equilíbrio do terror, mas, no momento, perdeu grande parte da força de seu papel econômico motor.

A segunda forma de guerra me parece a mais plausível: por causa da queda dos investimentos nos EUA, as pressões serão mais fortes sobre os países onde operam firmas norte-americanas, para forçá-los a autorizar um repatriamento em massas dos lucros, a fim de melhorar a produtividade nos EUA e impedi-los de continuar a produzir para a exportação. Não é impossível ocorrer uma modificação no sistema fiscal norte-americano, para estimular a manipulação dos preços de transferências, e que anularia o sentido de qualquer medida fiscal por parte desses países.

Tal hipótese se baseia na constituição de um complexo industrial nacional que reúna a maioria do mundo sindical e o conjunto das empresas não multinacionais, vítimas da concorrência das exportações das filiais locais dos grandes grupos norte-americanos. Uma grande parte do Senado americano é sensível a esses argumentos. As próprias multinacionais não americanas começam a investir nos EUA, apesar das baixas taxas de rentabilidade, por acreditar, a médio prazo, nessa hipótese.

Decisão

O terceiro projeto seria uma guerra contra a pobreza e uma reativação da demanda do tipo "New Deal" ou "New Society," mas com outra amplitude. Ele implica, porém, numa tomada de consciência profunda pelo governo norte-americano, das causas reais da queda da rentabilidade do capital e dos custos sociais do crescimento norte-americano, assim como de uma vontade política de remediá-los, através de um grande esforço coletivo na luta contra todo tipo de desigualdade, coordenação dos equipamentos de toda natureza, públicos ou privados, e, enfim, uma transferência da margem em direção aos setores industriais de base, assegurando uma certa autonomia econômica ao espaço nacional americano.

Essa evolução exigiria evidentemente, acrescenta Attali, uma mudança radical da correlação de poderes e um apoio político a longo prazo.

Atualmente tais temas não têm auditório, exceto poucos professores universitários e alguns senadores, e alguns grupos minoritários, mas em breve invadirão a cena política norte-americana, pois as falhas de infraestrutura conduzirão muitas empresas a desejar a sua própria nacionalização.

Tal tipo de guerra obviamente é o mais desejável, embora tenha um ponto em comum com o segundo: implica na volta à prioridade que o governo norte-americano deve dar ao espaço nacional, contra a própria lógica do sistema financeiro multinacional que ele apoia e que o apoia. Crise implica decisão. Nos EUA como nos outros países, a escolha deve ser feita muito breve. Foi preciso a crise de 29 para que surgisse o "New Deal," Pearl Harbour para que os EUA entrassem na guerra, Sputnik para que se desenvolvesse a NASA.

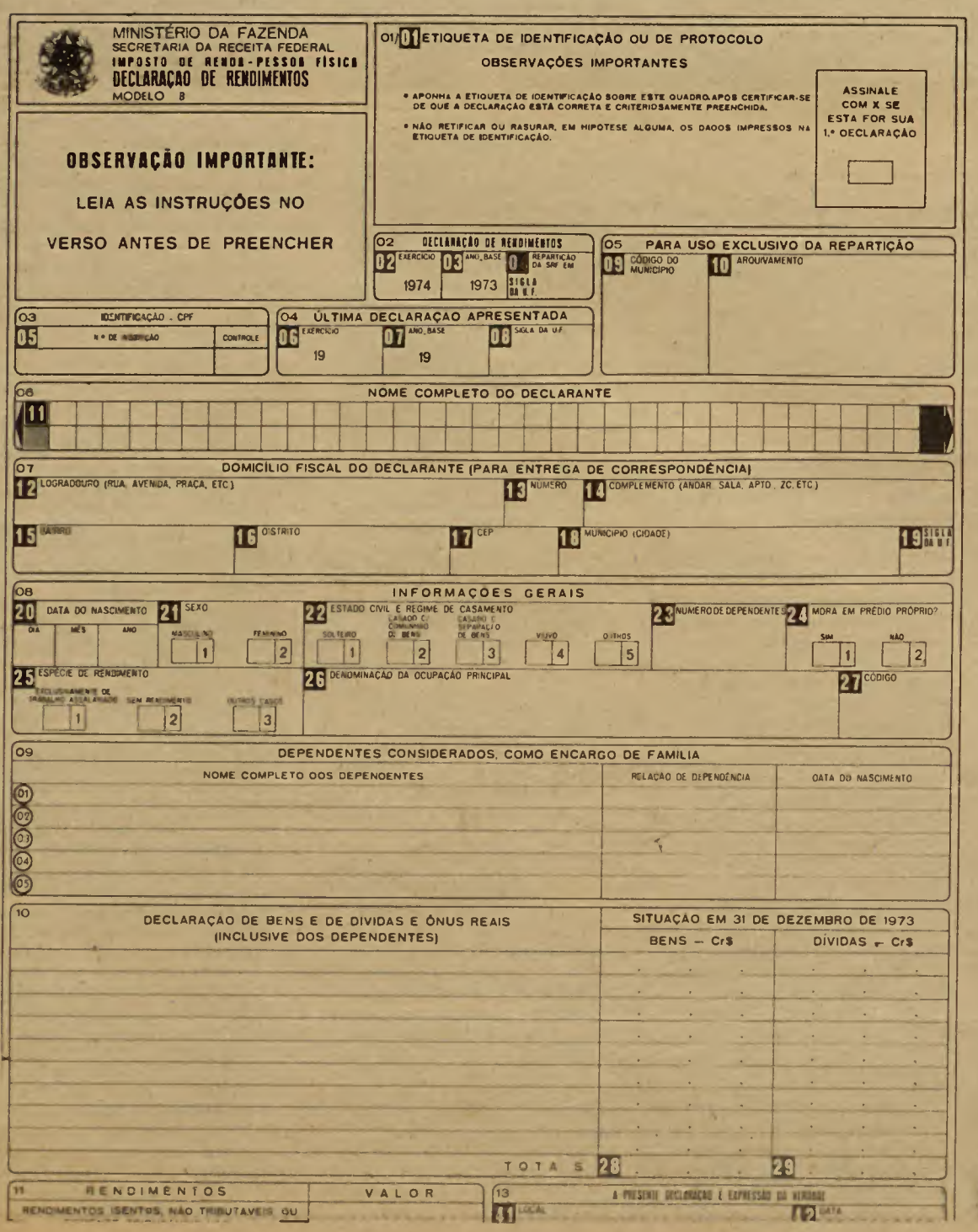
É provável que seja necessário um aguçamento da situação atual, da recessão, para que seja desencadeado na vida política norte-americana um processo de decisões que conduza a uma escolha ou compromisso, entre as três guerras possíveis, dos quais a Europa, segundo a escolha que for feita, será vítima ou testemunha.

E nós do terceiro mundo, em que ficamos nisso tudo?

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

QUEM TEM MEDO DO IMPOSTO DE RENDA?

Para aqueles que já pagam seu imposto de renda com dificuldades, o ano de 1975 não promete ser dos melhores. A nova tabela não só aumenta o desconto na fonte como vai obrigar o contribuinte a pagar dois impostos iguais em um mesmo ano. O assalariado foi o maior prejudicado pelo novo sistema de desconto na fonte, com o que o contribuinte perde muito em termos de poder aquisitivo imediato.



MINISTÉRIO DA FAZENDA
SECRETARIA DA RECEITA FEDERAL
IMPOSTO DE RENDA - PESSOA FÍSICA
DECLARAÇÃO DE RENDIMENTOS
MODELO 8

01 ETIQUETA DE IDENTIFICAÇÃO OU DE PROTOCOLO

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

* APONHA A ETIQUETA DE IDENTIFICAÇÃO SOBRE ESTE QUADRO APÓS CERTIFICAR-SE DE QUE A DECLARAÇÃO ESTÁ CORRETA E CRITERIOSAMENTE PREENCHIDA.
* NÃO RETIFICAR OU RASURAR, EM HIPÓTESE ALGUMA, OS DADOS IMPRESSOS NA ETIQUETA DE IDENTIFICAÇÃO.

ASSINALE COM X SE ESTA FOR SUA 1.ª DECLARAÇÃO

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE:
LEIA AS INSTRUÇÕES NO VERSO ANTES DE PREENCHER

02 DECLARAÇÃO DE RENDIMENTOS — 02 EXERCÍCIO: 1974 — 03 ANO-BASE: 1973 — 04 REPARTIÇÃO DA SRF EM — SIGLA DA U.F.

05 PARA USO EXCLUSIVO DA REPARTIÇÃO — 09 CÓDIGO DO MUNICÍPIO — 10 ARQUIVAMENTO

03 IDENTIFICAÇÃO - CPF — 05 Nº DE INSCRIÇÃO — CONTROLE

04 ÚLTIMA DECLARAÇÃO APRESENTADA — 06 EXERCÍCIO: 19 — 07 ANO-BASE: 19 — 08 SIGLA DA U.F.

06 NOME COMPLETO DO DECLARANTE — 11

07 DOMICÍLIO FISCAL DO DECLARANTE (PARA ENTREGA DE CORRESPONDÊNCIA)
12 LOGRADOURO (RUA, AVENIDA, PRAÇA, ETC.) — 13 NÚMERO — 14 COMPLEMENTO (ANDAR, SALA, APTO., ZC, ETC.)
15 BAIRRO — 16 DISTRITO — 17 CEP — 18 MUNICÍPIO (CIDADE) — 19 SIGLA DA U.F.

08 INFORMAÇÕES GERAIS
20 DATA DO NASCIMENTO: DIA, MÊS, ANO — 21 SEXO: MASCULINO 1, FEMININO 2 — 22 ESTADO CIVIL E REGIME DE CASAMENTO: SOLTEIRO 1, CASADO C/ COMUNHÃO DE BENS 2, CASADO C/ SEPARAÇÃO DE BENS 3, VIÚVO 4, OUTROS 5 — 23 NÚMERO DE DEPENDENTES — 24 MORA EM PRÉDIO PRÓPRIO? SIM 1, NÃO 2
25 ESPÉCIE DE RENDIMENTO: EXCLUSIVAMENTE DE TRABALHO ASSALARIADO 1, SEM RENDIMENTO 2, OUTROS CASOS 3 — 26 DENOMINAÇÃO DA OCUPAÇÃO PRINCIPAL — 27 CÓDIGO

09 DEPENDENTES CONSIDERADOS, COMO ENCARGO DE FAMÍLIA

	NOME COMPLETO DOS DEPENDENTES	RELAÇÃO DE DEPENDÊNCIA	DATA DO NASCIMENTO
01			
02			
03			
04			
05			

10 DECLARAÇÃO DE BENS E DE DÍVIDAS E ÔNUS REAIS (INCLUSIVE DOS DEPENDENTES) — SITUAÇÃO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1973

	BENS — Cr$	DÍVIDAS — Cr$
	. . .	. . .
	. . .	. . .
	. . .	. . .
	. . .	. . .
	. . .	. . .
	. . .	. . .
	. . .	. . .
	. . .	. . .
TOTAIS	28 . . .	29 . . .

11 RENDIMENTOS — VALOR
RENDIMENTOS ISENTOS, NÃO TRIBUTÁVEIS OU

13 A PRESENTE DECLARAÇÃO É EXPRESSÃO DA VERDADE
41 LOCAL — 42 DATA

O contribuinte do imposto de renda deve estar meio atordoado com a quantidade de notícias, entrevistas, desmentidos e esclarecimentos publicados na imprensa, na semana passada. Apanhado de surpresa pelo decreto-lei 1.371, que estabeleceu as alíquotas do imposto a ser descontado na fonte, no próximo ano, ao invés – como era de hábito – de atualizar as faixas salariais, ele ouve dizer que vai pagar menos imposto em 1975, mas não entende o porquê das críticas generalizadas que o decreto provocou.

Em resumo, o decreto é o seguinte: a alíquota máxima, que era de 15%, foi aumentada para 16%, enquanto a partir do segundo semestre, uma nova faixa salarial – de Cr$ 8.600,00 – sofrerá um desconto em folha de 20%, percentual antes nunca atingido. À primeira vista, esses números parecem indicar que a carga tributária aumentou. Na verdade, para o assalariado de menor renda, até que diminuiu.

Pela nova tabela, quem ganhou, este ano, Cr$ 3.000,00 mensais líquidos, descontou em folha Cr$ 99,40, enquanto em 1975, quem tiver esse mesmo rendimento líquido sofrerá um desconto de apenas Cr$ 47,00. Para uma renda líquida de Cr$ 5.000, o desconto na fonte, em 74, foi de Cr$ 331,04 mensais, enquanto em 1975 esse desconto cairá para Cr$ 247,00.

Uma renda líquida de Cr$ 10.000,00 continuará pagando menos: Cr$ 1.081, mensais, este ano, contra 1.047, no próximo ano. O desconto na fonte sobre um rendimento líquido de Cr$ 20.000,00, entretanto, já será maior em 1975 que este ano: Cr$ 3.047,00 contra Cr$ 2.581.

Segundo o ministro Mário Henrique Simonsen, da Fazenda, as modificações introduzidas a partir do ano que vem obedecem a critérios eminentemente práticos, pelos quais como prefere a maioria dos contribuintes o imposto seria pago praticamente todo na fonte.

Esse seria o primeiro passo para a implantação do sistema de bases correntes – pelo qual se recolhe o imposto no mesmo ano em que se obtém o rendimento – mas há falhas graves no sistema e incoerências que precisam ser eliminadas. Assim como é preciso impedir que a implantação do sistema obrigue o contribuinte a pagar, em um só ano, dois impostos iguais: o de 1974, pago em parcelas depois de apresentada a declaração e o de 1975, que deverá ser quase todo – ou mesmo todo – descontado na fonte para cerca de 80% dos contribuintes.

O fim da restituição

Para o professor Geraldo de La Rocque, ex-subsecretário para assuntos legislativos do Ministério da Fazenda e hoje diretor de uma empresa de consultoria fiscal no Rio, "a nova tabela visa a eliminar uma faixa muito grande de assalariados – de renda mais baixa – que todo ano tinha direito a restituição e agora vai passar a não ter. Na verdade, não houve aumento de carga tributária. Fez-se uma tempestade num copo d'água, mas o que ocorreu, na verdade, foi um ligeiro agravamento para os grandes assalariados".

– Inclusive, é preciso reconhecer que houve uma vantagem que redunda em economia, que foi a eliminação de milhões de indivíduos que deixaram de ter direito a restituição. O processamento é caro, por isso, sempre fui contra essa faixa baixa de declaração. No ano passado, o processamento da declaração de cada contribuinte custava Cr$ 180,00. Se considerarmos que o número de declarações apresentadas este ano (ano base de 1973) foi de cerca de 11 milhões – dos quais apenas 3 milhões ganhava o suficiente para pagar – é possível calcular a despesa que estas declarações representavam para a união.

– Ainda sobre essa faixa baixa, a obrigatoriedade da declaração não faz sentido. No ano passado, o limite era de Cr$ 10.700. Ora, isso representa uma renda mensal de Cr$ 891,00. Então, todo sujeito que ganhasse Cr$ 900,00 por mês estava obrigado a apresentar declaração. É evidente que esse trabalhador não iria pagar, porque só o desconto de INPS mais médico já o coloca fora da faixa. Então, não se justifica a obrigatoriedade da declaração.

Para La Rocque, há uma incoerência muito grande nesse sistema: hoje, de acordo com a tabela de desconto na fonte, quem ganha Cr$ 2.300,00 por mês não desconta imposto de renda, mas quem ganha Cr$ 1.158,00 brutos também não desconta na fonte, mas está obrigado a apresentar declaração. Então, você verá uma massa de indivíduos – muito maior agora – que vai ter que fazer sua declaração muito embora não deva ter nem imposto a pagar nem a receber. A pagar porque não atingiu o teto de Cr$ 27.600 e a receber porque não descontou na fonte.

Por que só o assalariado?

– Agora, há dois fatores a serem observados. Como está, verifica-se uma economia sobre o processamento das restituições, mas não eliminou aqueles que continuam declarando e que se chama o lixo das declarações. Lixo não no sentido pejorativo, mas no sentido de processamento de dados. O que me parece o mais acertado é que, considerando que o desconto mínimo de fonte do assalariado é de Cr$ 2.300,00 mensais – ou Cr$ 27.600 anuais, – o assalariado deveria merecer um tratamento especial.

– Por exemplo, ele somente deveria estar obrigado a apresentar declaração quando excedesse a esse valor. Então, dentro do princípio de relacionar a tabela de desconto na fonte – que é uma tabela progressiva só para o assalariado – por que não relacionar as outras classes da mesma forma?

La Rocque não discute quanto ao mérito das outras classes. "Elas também são diferentes, têm outras formas de abatimento, outros recursos, mas o assalariado não. Ele, deveria ter um tratamento especial. Aí sim, a economia seria substancial, porque você teria uma massa de mais de 1 milhão – talvez milhões – que não precisaria declarar.

– Você multiplica essa turma toda que não paga nem recebe pelas despesas com formulário, remessa pelo correio, o folheto que ele recebe – são impressos milhões, porque são para milhões de indivíduos dos quais alguns milhões não pagam nem são nada do contexto global do que – muito a gosto dos exegetas fiscais – se chamaria o universo de contribuintes. Se você multiplicar, ainda, esses milhões pelo custo de processamento de cada um – que no ano passado era de Cr$ 180,00 – pode dar asas à imaginação antes de ter uma idéia de quanto isso representa.

– O argumento em defesa dessa tese, argumento que o ex-ministro Delfim Neto achava

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

muito acertado, é que, mediante esse processo, obtinha-se um cadastramento de todo mundo. Particularmente, acho esse adestramento meio ilógico. Foi outra coisa contra a qual me insurgi. É errado fazer-se cadastramento de imposto de renda. O cadastramento do indivíduo deveria ser feito de duas formas: ou ganhando um número ao nascer, o qual o acompanharia pelo resto da vida, ou através da previdência, como, ocorre nos Estados Unidos. (Lá a declaração leva o número do indivíduo no Social Security, que corresponde ao INPS aqui).

La Roque explica que esse sistema seria muito mais eficiente porque de todas as áreas de atividade relacionadas com a grande massa, a previdência é a que mais atinge todo mundo: "Dificilmente você encontra alguém que não seja inscrito na previdência, mas há uma quantidade enorme na previdência que não está inscrito no imposto de renda."

Sistema de Bases Correntes

Resumindo, La Roque considera a alteração das alíquotas uma "preparação psicológica" para a introdução ao sistema de bases correntes. Porque houve uma celeuma em torno da alteração para que, no próximo ano, possivelmente, se faça nova alteração para, aí sim, ingressar o contribuinte no sistema de bases correntes.

Esse ingresso, talvez, já no ano que vem, será gradativo e, como primeiro teste, abrangerá apenas o assalariado. O sistema, em sí, tem duas vantagens: uma para o fisco, porque recebe antecipadamente um dinheiro que no final do ano já estaria avultado; outra para o contribuinte, porque no final do ano ele já terá pago seu imposto e vai brincar seu réveillon em paz.

– Mas, para que o sistema de bases correntes seja implantado, é preciso um reajustamento, nessas alíquotas, muito bem feito, para que ele venha a abranger a maior massa possível, com correção exata. O sistema exige que o contribuinte pague, sem prazo, o que não teria sido descontado, mas a Secretaria da Receita Federal terá que se aparelhar muito bem para permitir que no último dia do exercício o contribuinte pague, mas que se tiver a receber, receba – ele pode ter um revés nos últimos meses, uma doença etc. que implicaria em uma redução. Nesse caso, a Secretaria teria de estar apta a restituir imediatamente o dinheiro.

– Nessas condições, o sistema pode ser implantado, sem problemas.

Acumulação, o Problema Crucial

Entretanto, a antecipação do pagamento do imposto com seu desconto na fonte provocou uma sobrecarga para o contribuinte. Esse problema é considerado por La Roque o fundamental. Enquanto fontes do Ministério da Fazenda admitem que o débito poderá ser parcelado "ainda mais," para aliviar o contribuinte, La Roque acha que "a única solução seria cancelar – ou adiar sine die – o pagamento do exercício que vai se acoplar com o seguinte.

– Quando chegasse no fim-do-ano, todo mundo ficaria devendo um ano, o qual não se pagaria. Sem isso, ninguém agüentaria, porque teria que pagar dois impostos em um ano. O ministro Simonsen fala em imposto de renda como "aplicação financeira."

– Aplicar o que, se o sujeito já tem problemas até para viver com o que ganha?

SÉRGIO MACEDO

ANTES E DEPOIS DE CAMPOS

ADÃO PEREIRA NUNES

OS campistas sabiam que o Cabo de São Tomé entesourava petróleo. Assim, furaram as areias de Boa Vista, no Farol, há meio século. Porém, mal e mal arranharam o chão, pouco mais que os tatus e caranguejos, nada além de algumas centenas de metros. A sonda apenas catucou rica jazida calcária, mas não deu para penetrar na caverna secreta. Bastou para que os perfuradores abrissem a boca no mundo: — Foi sabotagem do diacho do gringo!

Transformada a experiência em lenda, fez-se outra tentativa, baseada em estudos do grande geólogo Alberto Ribeiro Lamego, homem culto, polígrafo da estatura de Euclides da Cunha. Alberto Lamego nasceu em Campos, Euclides da Cunha em Cantagalo, planície e montanhas fluminenses. Os dois, honra e glória do Brasil.

Alberto Lamego insistiu, tinha ciência para tanto, e insistiu de tal maneira que tememos seu assassínio. Conhecia-se a trágica história de Belmiro Gouveia, que contrariou monopolizadores, implantando fábrica de linhas à beira do São Francisco.

Alertada, a Petrobrás apareceu para verificar a presença do óleo. Foi muito além da primeira tentativa, mão não chegou ao fim. Desistiu. O petróleo não passaria de invencionice dos muxuangos, nativos de olhos azuis, vivíssimos, embora façam contas pelos dedos. José Cândido de Carvalho os imortalizou. O petróleo não seria mais que boitatá, fogo fátuo. Mas não era só o técnico reputado que reafirmava, muitos nacionalistas perseveraram. Barcelos Martins, médico humanitário, nascido quase no Cabo, na Baixa Grande, se alistou no batalhão dos novos voluntários da pátria, na guerra santa do Petróleo. Aliciou valentes, entrosou-se com outros guerreiros, sob o comando do general Horta Barbosa. Convocou reunião na praça, no mesmo local em que os campistas José do Patrocínio e Luiz Carlos de Lacerda pregaram a Abolição e Nilo Peçanha combateu pela República. O ideal sempre se renova e progride, seu nome agora era Petróleo.

Armou-se modesto palanque. Barcelos Martins chegou cedo, com Nelson Martins, Artur Lontra Costa, Heraldo Viana, e Domingos Azevedo. Diante deles, a matriz, em derredor a praça ampla e vazia, em cada desembocadura de rua, intransponível barreira policial. Os mais exaltados nacionalistas eram sumariamente detidos. Por detrós da muralha repressiva, dezenas e dezenas de homens sem temor acenavam. Não havia microfones, o vento nordeste diluia as palavras como mensagens cifradas. Que fazer? Barcelos Martins abriu o peito, fundado o primeiro centro de estudos e defesa do petróleo em nossa pátria: — Há petróleo no Brasil, tem que haver, se há petróleo em todos os países da vizinhança. Somos metade da América, tem que existir petróleo em nosso país, se há petróleo na outra metade.

Os interessados em nossa escravização impedem que ele jorre das entranhas da terra. Nós, campistas, presenciamos por muitos anos, navios estrangeiros carregando areia das praias. Diziam os ladrões, era para lastrear os porões vazios. Desconfiávamos. Hoje, confirmadamente, sabemos que eles furtavam areia monazítica. Ninguém impediu a expoliação,

afora o clamor do povo. Impede-se agora que libertemos o petróleo, libertando o Brasil.

O delegado de polícia se aproximou:

— Pode falar à vontade, até ficar rouco. Não proíbo discursos, impeço que sejam ouvidos. Cumpro ordens.

Passaram-se anos. No gabinete do prefeito Municipal de Campos chega brilhante turma de alunos da Escola Superior de Guerra. A sala é pequena para tantos. Estantes pejadas de livros raros diminuem o espaço, grande quadro a óleo fixa o momento da partida de heróis para a guerra do Paraguai.

Tem a palavra o orador destacado para saudar o prefeito, agradecendo a fidalga acolhida. Aproveita o momento para revelar, solenemente, a doutrina da Escola Superior de Guerra, sintetizando: — "A Petrobrás é intocável!"

Os visitantes não compreendem porque o prefeito se comove: era o médico Barcelos Martins.

O PETRÓLEO foi poreiando de norte a sul. O primeiro poço, por ironia, sangrou em Lobato. Monteiro Lobato fora encarcerado pela veemência com que defendia a causa. Ninguém pode prever as voltas que o mundo dá. . .

Periodicamente, Jesus Soares Pereira informava sobre o desenvolvimento das pesquisas. Ele e o incorruptível baiano Rômulo de Almeida partejaram a famosa Lei 2004, com que se registrou a Petrobrás.

— Por enquanto, dizia, somente espetamos pequeninas veias. Um dia, por certo, feriremos uma artéria calibrosa. O perigo está em perdermos o monopólio da exploração, importação e refino. A comercialização total virá a seu tempo, mas toda a vigilância é pouca.

Por que cassaram Jesus Soares Pereira?

FOI preciso ver para crer, o baixio de São Tomé confirmou o dito popular. Jorra petróleo defronte à Boa Vista, à luz do farol, sob o mapa de Alberto Lamego. Lancetaram a artéria. . .

O ministro Ueki, patriótico cristão novo de sangue japonês, entusiasmou-se, quase sambou, confessando, como perito abalisado: "A história do petróleo será contada assim, antes e depois de Campos."

Calcula-se o contentamento do general Ernesto Geisel, defensor do monopólio estatal do petróleo, desde os tempos de coronel. Alah ajudou os árabes, ajudou, também, o povo brasileiro. Está consolidada a Petrobrás, viva o Brasil!

QUE pedem os campistas? São cinqüenta mil os desempregados, sem contar os que ganham apenas para a sobrevivência, pois a penúria domina todo o norte fluminense. Em São João da Barra, na foz do Paraíba, há uma ilha, a da Convivência, em que a paisagem humana é tão triste como a do sacrificado Nordeste.

Contudo, de coração, os campistas desejam, antes do mais, que seu petróleo pague os bilhões de dólares de dívidas, libertando nossa pátria da agiotagem internacional. Pedem, tão somente, e mais do que nunca, que se reforce a Petrobrás, sonho de tantos bravos, paisanos e militares. Toda a vigilância será pouca, como repetia mestre Jesus Soares Pereira.

Todavia, pela memória de Barcelos Martins, esperamos que não aconteça com o petróleo o que ocorreu com o açucar. Na xícara das divisas de exportação, há mais doce que café; apesar disso, as favelas continuam se alastrando em derredor das centrais açucareiras. O petróleo de Campos precisa abastecer de querosene todas as lamparinas do Brasil.

CEDEM

Manifestações em Moçambique: fim do colonialismo português é um dado novo do correlacionamento mundial

Guerra civil na Irlanda: os europeus vivem uma de suas piores crises

O MUNDO EM CRISE DE TRANSFORMAÇÃO

Num balanço dos acontecimentos mundiais, do ano que encerra e dos dois últimos que passaram, a situação é muito difícil e com negras perspectivas para o ano que se inicia.

A crise econômica internacional, que começou a mostrar seus sinais já no final de 73, tende a crescer de gravidade e ameaça diversas economias nacionais. Segundo as autoridades do FMI, a maioria dos países desenvolvidos terá um crescimento quase nulo e uma taxa inflacionária também alta.

Essa realidade, que para muitos é considerada como apocalíptica e um sinal do fim do mundo, na verdade significa apenas uma **fase de transição.** Historicamente a humanidade tem vivido diversas fases de transição. Não a passagem de um ano para outro ou de um século para outro, mas a mudança de etapas históricas. E nessas fases, muito dura foi a vida. Entretanto, como a humanidade tende a buscar o seu aperfeiçoamento, tanto material quanto espiritual, as novas etapas sempre foram melhores que as passadas.

O lamentável em tudo isso é que essa passagem, uma alteração qualitativa nos rumos da humanidade, trará sofrimentos para muitos e o aguçamento desses sofrimentos para a grande maioria dos povos. Esses sofrimentos, medidos pelas guerras, doenças crônicas e endêmicas, miséria permanente e subnutrição constante, mais a fome, não são uma fatalidade e nem uma necessidade, mas produzidas por uma injusta distribuição da riqueza mundial. Há muitos que defendem como natural todos esses fatos, em nome de uma irracional visão do mundo – na natureza só os fortes sobrevivem – como se os homens, seres racionais, fossem e pudessem ter seus atos nivelados aos simples mecanismos da natureza.

O homem é um ser natural, mas exerce sua atividade natural de um único modo: transformando-a pelo trabalho. E pelo trabalho foi capaz de chegar até onde está. O homem não é um lemingue, com ciclos de autodestruição. Nem está preso aos fios do destino, um destino obscuro e de difícil compreensão. O homem, enquanto indivíduo, realmente não pode ver o futuro com a clareza de quem olha por uma vidraça limpa e translúcida; no entanto, pode definir os rumos de seu futuro e os objetivos da humanidade, quando se liga a outros homens. E assim tem sido e essa é a justificativa da existência das sociedades humanas ao longo da história.

Europa

Para o velho continente, berço da moderna civilização, o quadro é muito ruim, com seus mais importantes países capitalistas vivendo um período de extrema gravidade. Itália, França, Inglaterra e Alemanha Ocidental vivem uma fase bem crítica com o crescente aumento das taxas de desemprego e uma inflação incontrolável. Os demais países, membros ou não do MCE, pela natureza da crise, também estão sendo atingidos. A RFA e a Holanda ainda serão os únicos que poderão respirar um pouco melhor, pois tiveram superavits no balanço de pagamentos, o que lhes permitirá sustentar a crise em níveis inferiores aos existentes na França, Inglaterra e Itália.

Os nove países do MCE decidiram, no dia 17 de dezembro, em Bruxelas, reduzir suas importações de produtos energéticos (petróleo, carvão, etc.) de forma progressiva, como um meio de diminuir sua dependência e reduzir os altos custos dessas importações. Atualmente, segundo o MCE, a Europa importa 63% de suas necessidades energéticas. Pelo plano de redução progressiva, pretendem atingir 1985 com apenas 50 ou 40% das atuais importações.

O MCE conseguiu por intermédio de Giscard d'Estaing, presidente francês, que os Estados Unidos, representados por Ford e Kissinger, na Martinica, aceitassem a reunião de produtores e consumidores de petróleo, ao contrário da posição norte-americana, que desejava criar uma espécie de cartel de consumidores, para agir contra a OPEP. Para o MCE, essa reunião é muito importante, pois evitará um confronto direto entre os países mais desenvolvidos e a OPEP, principalmente se levarmos em consideração que 80% do petróleo consumido pelos Nove é de origem árabe.

Para os EUA, que produzem 70% do petróleo que consomem e controlam 5 das 7 irmãs, o cartel contra os produtores de petróleo (a Agência Internacional de Energia) tinha uma só finalidade: lutar contra a possível nacionalização de suas empresas petrolíferas que atuam no golfo pérsico, na Venezuela e em todos os países árabes, explorando e comercializando o petróleo dessas regiões. Com Nelson Rockefeller (Exxon, Gulf, Standard Oil) na Casa Branca, gerenciando os interesses de suas multinacionais, a Europa será fatalmente chamada a fazer frente com os EUA em possíveis atividades retaliatórias contra as nacionalizações dessas empresas e outras ameaças a seu livre domínio das matérias-primas dos países subdesenvolvidos.

De um modo geral o quadro econômico, social e político para a Europa será o seguinte:

- desemprego em aumento, com sucessivas lutas sindicais para minorar a situação e greves econômicas e políticas;
- total desequilíbrio das economias nacionais, que tenderão a certa unificação, o que produzirá violentas comoções políticas;
- instabilidade político-institucional e o ressurgimento de movimentos fascistas, com as naturais implicações de violência contra os movimentos populares reivindicatórios;
- transformação político-econômica na maioria dos países, com a queda de alguns governos e a liquidação de alguns bolsões conservadores, como Espanha.

Oriente Médio

De acordo com os últimos acontecimentos – principalmente os constantes ataques israelenses às colônias de refugiados palestinos em território libanês – as novas exigências egípcias ("Israel deverá retirar suas tropas de extensas e importantes áreas em todas as frentes árabes, Golan, Sinai e Cisjordânia, para que possa reiniciar a Conferência de Paz de Genebra") surpreendente para a maioria dos governantes israelenses, na realidade significa apenas que o Egito, ao contrário do que Kissinger disse aos dirigentes de Israel, sempre pretendeu reconquistar os territórios.

Da parte dos sírios, como declarou Hafez Assad, há o consenso de que depois do prazo de seis meses dado para a reabertura da Conferência de Paz de Genebra, haverá grande perigo de uma nova guerra. E a Síria "saberá prolongá-la de maneira que seus resultados não favoreçam Israel de modo algum". Hafez Assad gostaria que as

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Guerrilheiro palestino: possibilidade de unificação da luta contra Israel

gestões de paz promovidas pelas Nações Unidas conseguissem realmente impedir uma nova guerra. Entretanto, segundo o presidente sírio, "não creio muito no sucesso desses esforços".

O objetivo militar sírio, no caso de uma nova guerra, será o de prolongá-la o máximo possível, pois a economia israelense, mesmo com a ajuda dos EUA, não conseguirá sustentá-la por muito tempo. Um fato que ficou claramente demonstrado pelos últimos embates militares havidos na região. Sobre a possível ocupação norte-americana dos campos petrolíferos árabes, como já foi denunciado por diversas revistas norte-americanas e européias, considera que "seria um ato de infinita estupidez".

"A simples ocupação dos campos não daria ao ocupante o controle do petróleo. A força ocupante nunca seria capaz de manter os trabalhos nesses campos", observou o presidente Hafez Assad, que considera como muito improvável que os EUA venham a tentar tal coisa, a não ser que o desespero os force a tanto. De uma maneira geral a tendência para o Oriente Médio é a seguinte:

- aguçamento das contradições entre árabes e israelenses, com a probabilidade concreta de uma guerra a pouco tempo;
- aguçamento das contradições internas do mundo árabe, com países mais marcadamente progressistas, de um lado e países mais conservadores de outro;
- aguçamento das contradições sociais e políticas dos países árabes e em Israel;
- ressurgimento militar das organizações palestinas, em nível mais amplo, com a possibilidade de total unificação dos guerrilheiros palestinos e a organização de um forte núcleo armado, capaz de fustigar Israel e a Jordânia.

Estados Unidos

Os EUA, reconhecidamente a maior potência mundial, estão enfrentando uma séria crise, que para muitos será igual ou pior à famosa depressão de 1929. O desemprego, já atinge cerca de 7% da população ativa norte-americana. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Automobilística dos EUA, Leonard Woodcock, ao analisar o comportamento da indústria automobilística durante o ano que finda, prevê uma demissão por volta de 1 milhão de operários nesse setor.

Esses são apenas alguns dos mais claros sinais da forte crise que envolve o colosso do norte. Embora as autoridades norte-americanas, agora sob a regência de Ford e Kissinger, tenham querido transferir para os árabes (OPEP) a raiz de sua crise, alegando que foram os altos preços do petróleo que a motivaram, sua origem está na decadência político-econômica do sistema norte-americano.

Esse fantástico poder, militar e econômico, que vem se decompondo ao mesmo tempo em que se fortalecia, com a libertação dos povos coloniais – os acontecimentos mais importantes dos últimos trinta anos e o fortalecimento do sistema socialista, embora enfraquecido, ainda está em condições de tentar novas formas de remanejamento. Debatidas e discutidas pelos mais importantes intelectuais do sistema, escondem-se sob os diferentes aspectos: cooperação internacional, integração econômica por zonas, interdependências de regiões sócio-econômicas, etc.

Para os EUA, que sempre usaram a ONU como um escudo às suas manobras imperiais, a última Assembléia Geral da entidade internacional foi extremamente desagradável. A "tirania da maioria", no cínico linguajar dos dirigentes norte-americanos, expressou a vontade do terceiro mundo e mostrou aos EUA que seu domínio político absoluto está chegando ao fim. Essa maioria – que só não é tirana quando apóia os EUA – ao defender os direitos dos palestinos e outros povos subdesenvolvidos, reafirmou a "interdependência global" do sistema e mostrou que as nações mais desenvolvidas podem ser mais poderosas, mas, também, por causa disso mesmo, são vulneráveis e fracas. Para os EUA tal constatação foi decepcionante, mas é um sinal de que os tempos são outros.

A única perspectiva de saída para a crise norte-americana reside em poder transferi-la a outros países, mesmo que isso signifique o aumento da miséria geral no mundo. A tendência é o aguçamento da crise interna do sistema e o desenvolvimento de fortes lutas sociais, pois aí o proletariado urbano marginal dos negros, "chicanos" e outros será acrescido de mais gente – os brancos demitidos de suas empresas. No plano internacional, sentirão cada vez mais a perda de seu poder e influência, mesmo contando com o grande poderio das multinacionais, controladoras de parte das economias subdesenvolvidas.

América Latina

Para os latino-americanos a situação é grave e tenderá a ser agravada pela forte pressão norte-americana, que tentará transferir seus prejuízos para o continente latino-americano. A difícil unidade, que era mantida pela OEA, pelo menos na forma legal, sofreu rudes embates. Ela dificilmente teria condições de subsistir, pois qualquer unidade que não seja baseada em princípios tende a se destruir.

Com a nova Lei de Comércio dos EUA, um instrumento político que relembra os editos imperiais da velha Roma ou os diktat da era vitoriana, os EUA ameaçam os produtores de matérias-primas com represálias comerciais, fora os insistentes boatos de que ressuscitará a política do "porrete". Desse modo, caberá aos latino-americanos, liderados pela Venezuela e Peru, buscar outras formas de sobrevivência econômico-político-sociais, independente do sistema capitalista norte-americano.

O quadro mais provável para a América Latina será o seguinte, país por país:

- Argentina: continuará envolvida na crise político-institucional, com fortes tendências para um "enfrentamiento" geral a partir do segundo semestre de 75;

- Uruguai: devido a quase insolvência econômico-política do país, tudo indica que sua crise terá que ser solucionada de modo violento, podendo depois dos "enfrentamientos" surgir um poder do tipo peruano;

- Chile: o governo da Junta Militar continuará a ceder em mais pontos aos interesses estrangeiros, a inflação e a violenta queda do poder aquisitivo serão fatores muito importantes no desenvolvimento da oposição ao regime, inclusive com realização de greves econômicas e políticas;

- Peru: conseguirá sobreviver à violenta campanha de "desestabilização" promovida pela CIA, aprofundará as linhas de sua revolução nacionalista e suas relações com o terceiro mundo;

- Bolívia: o governo de Banzer será forçado pelas pressões populares e militares a adotar medidas nacionalistas e buscar uma maior independência;

- Colômbia: é outro país que está em vias de se "desestabilizar" e caso não aceite as posições venezuelanas e peruanas, de criar um organismo interamericano de produtores de matérias-primas, sofrerá os fortes efeitos da crise;

- Venezuela: por sua condição de membro da OPEP e por suas ameaças de nacionalização das empresas petrolíferas estrangeiras, principalmente norte-americanas, é o país que mais sofrerá com as tentativas da CIA em "desestabilizar" seu governo. Para os EUA, a Venezuela, caso consiga realizar as nacionalizações, passará a ser o inimigo número um. Juntamente com o Equador, que é dócil aos interesses norte-americanos, principalmente os petrolíferos, embora também seja membro da OPEP, a Venezuela terá que lutar muito para evitar que os EUA tenham sucesso em suas investidas para manter o poder e a força no hemisfério. De um modo geral, tanto para os sul-americanos quanto para os centro-americanos, 75 será um ano de definições. Um ano em que as linhas-mestras do futuro serão traçadas.

PEDRO AYRES

O-ORGAL

ORGAL S. A. — Máquinas e Equipamentos

CEARÁ — PIAUÍ — MARANHÃO

Empilhadeiras CLARK
Retro Escavadeiras MICHIGAN
Pás Carregadeiras MICHIGAN
Tratores de Rodas VALMET
Tratores de Esteiras KOMATSU
Hancock Scraper MICHIGAN

PEÇAS GENUÍNAS PARA TRATORES EM GERAL
DA AFAMADA MARCA **"LANDRONI"**

Escritório — Departamento de Máquinas e Departamento Técnico:
Rua J. da Penha, 505

FONES: Gerência Geral 26.9364
Departamento Comercial 26.5256
Departamento Administrativo e Financeiro 26.5786
Departamento Técnico 26.5255
DEPARTAMENTO DE PEÇAS: **Coronel Ferraz, 88**
Fone: 26-77-06 — 26-43-33

Caixa Postal, 445 — Fortaleza-Ceará
ORGAL — FILIAL DO MARANHÃO

Av. João Pessoa, 260 — Filipinho — Fone 2.0935
São Luiz — Maranhão

CEDEM

GILBERTO GIL

APERFEIÇOANDO O IMPERFEITO DESPREZANDO A IMPERFEIÇÃO

"Os críticos agem como censores, são inquisitoriais, auditores de indústria que não sabem nada do pessoal da fábrica. Como diz Caetano Veloso: pus todos os meus fracassos nas paradas de sucesso."

C – Gilberto Gil, o que você está fazendo hoje, musicalmente?

GG – Fiz umas coisas para cantar e há, principalmente, o meu trabalho com a Banda. É um trabalho difícil, de aglutinação de uma série de elementos dispersos, a partir dos **próprios músicos em si**, indivíduos com características próprias, gostos pessoais, um "approach" diferente em relação à música. Juntar isso já é um trabalho difícil, imagine criar para fora das injunções da personalidade de cada um. É uma experiência de sentido comunal, uma pequena comunidade com problemas econômicos, emocionais, de todos os tipos, enfim: somos seis ou sete pessoas fazendo música, além das que tomam conta do equipamento.

Esse grupo vive junto, viaja junto, todos participando da vida de todos. Esse trabalho, de certa forma, me dá espaço, me oferece espaço existencial e humano para uma série de experimentos que eu realizaria em qualquer outro contexto mas que depende visceralmente disso, desse convívio, desse relacionamento com pessoas, de uma avaliação constante através desse nosso comportamento geral e do que está ocorrendo no mundo: sentir o intercâmbio de energia existente entre nós e o mundo e através dele ver como diferentes personalidades, diferentes situações interiores estão reagindo a diferentes situações exteriores. As reações, por exemplo, de cada membro da Banda diante de uma cidade grande e diante de uma cidade pequena; junto a um ambiente quieto e a um lugar agitado; uma platéia receptiva e uma platéia hostil, enfim, sentir todas as situações novas que enfrentamos.

É muito diferente você passar por essas experiências sozinho e vê-las com um grupo onde você exerce uma liderança virtual pelo fato de ser, no caso, o artista principal: tudo adquire uma nova dimensão. Nos dois últimos anos, de um ano e meio para cá, tenho feito isso basicamente.

C – Sempre trabalhando com a Banda?

GG – É, trabalhando com a Banda, bolando números novos para espetáculos, transando música, tentando revitalizar nessa medida individual um trabalho de música, de músicos, de execução, de concertos, de exercício da música como uma coisa diária e renovada, utilizando toda uma técnica moderna de improvisação, de criação espontânea de música livre, tentando aglutinar tudo isso a algo que é música popular, ligada a padrões, clichês, a certas coisas do passado que você não pode derrubar inteiramente sob pena de não ter condição alguma de apresentar o seu trabalho. É uma situação trágica no sentido de remoção de escombros, de colocação de novos tijolos, a fim de levantar novas paredes.

Trata-se de um desafio constante, uma situação mais desafiadora e complexa do que se eu tocasse e cantasse sozinho, já que isso representaria para o público uma referência mais nítida, mais clara, facilitando meu trabalho por um lado, naturalmente, mas nesse sentido do fácil como uma negação ao desafio, ao processo. Tenho preferido o mais difícil. Pode ser que eu mude, de repente, ou que haja uma revitalização de coisas pessoais, mais íntimas, diretamente ligadas a uma musicalidade minha, pessoal e intransferível. Pode ser que daqui a alguns anos todas estas considerações sejam revistas.

C – Quer dizer que individualmente você está em pausa, atuando, no caso, a Banda?

GG – Não, esta radicalidade é impossível. Afinal de contas, toda a veiculação desse trabalho está sendo feita em nome da minha pessoa e de todo o "background" do que trago como compositor, cantor, etc. Mas o trabalho que a gente tem realizado é de total integração: levo ao trabalho que faço com a Banda o que eu sou e contribuo com o que eu sei de música, essa coisa ligada ao simples, ao arquétipo brasileiro, e tudo isso é feito dentro de um contexto de aglutinação com outros elementos como, por exemplo, o jazz, o rock, trazidos à Banda pelos outros músicos.

C – Você poderia caracterizar esse aspecto do simples dentro de sua música?

GG – Não dá. A verdade é que sou uma pessoa simples, autodidata, com uma formação doméstica como a de um sambista, sem experiência erudita, ligado à música brasileira de maneira direta, intuitiva.

Culto à personalidade

C – Então, o caminho da entidade musical e mítica que você representava era o mais fácil?

GG – Colocar tudo em cima da personalidade do artista, da facilidade pessoal de comunicação com o público é muito do gosto do público brasileiro. Temos os exemplos de Juca Chaves, Vinícius de Morais e tantos outros. Mas a transa de música mesmo ficou restrita aos jovens que fazem rock, que fazem som, como eles dizem. É restrita também ao público dito marginalizado pelo consenso geral, uma platéia exclusiva desse som. E a «meed» fica consumindo música enlatada, essas baboseiras repetitivas: consomem por um lado produtos impessoais, absurdos, do rádio e da televisão, da música de supermercado e, por outro lado, no teatro, vão consumindo as personalidades.

C – Parece-me que de algum tempo para cá você e alguns outros tentaram acabar com essa cultuação exagerada da personalidade.

GG – Sim, porque isso não interessa de maneira alguma ao nosso trabalho. De minha parte, não foi feito de maneira violenta: foi um caminho natural, – tive de partir para outra coisa, fazer um pouco de jazz.

C – Você acha que o público entendeu?

GG – Reagiu entendendo e não entendendo. Reagiu, ficando de lado ou ficando contra. Por exemplo, aqui no Rio, as críticas a esse trabalho foram muito decepcionadas, amargas, muito irreverentes, quase que desrespeitosas a essa tentativa. Desconheciam quase o que podia estar por trás disso, como intenção de revitalização de um trabalho de abertura, de mudança de um curso, de uma tendência.

Todo mundo exigia que eu continuasse a fazer o que fazia antes, repetindo-me até, aquela velha estória de usar o charme pessoal, do mito da facilidade de comunicação, quando na verdade o público tem de entender de vez em quando que o artista tem de explorar as dificuldades de comunicação exatamente como uma fonte de comunicação. Comunicar a incomunicabilidade, o impasse. Não sei se é o mais importante, porque tudo é cíclico. Nestes dois últimos anos ficou sendo o mais importante, porque o outro caminho já era muito fácil: era muito fácil chegar no palco e pegar o violão e cantar coisas nordestinas e ligar o meu trabalho a algo interiorano, do canto do homem do campo, do protesto, essas coisas.

C – Foi esta atitude que o levou a esse trabalho com a Banda?

"A gente está querendo é botar vida no palco"

Venha a minha casa, venha conhecer Gilberto Gil

GG – Lógico, a forma tem de estar ligada a uma aproximação com a idéia. A complexidade da Banda foi útil para a expressão da complexidade dessa mudança.

A minha idéia é justamente transmitir não apenas um desses aspectos de clichê, não mais uma "simplicidade" clichê, padrão, mas apresentar um trabalho de renovação constante em toda a sua complexidade. A Banda é o elemento formal que congrega essa complexidade: já traz em si o problema dos humores de cada um, das dificuldades, das situações psicológicas, do ser cada dia um desafio do fato de tudo isso estar fora do meu controle pessoal. Foi uma necessidade minha, de integração, a tentativa de fugir à especialização, a uma certa folclorização de minha pessoa, e partir para uma linha mais aberta, de jazz, nesses últimos anos.

C – Essa linha de jazz adotada por você foi mal interpretada, como você disse. Como se defenderia desta acusação?

GG – Não tem. A defesa é isto, esta exposição de motivos. É toda essa coisa de apresentar um trabalho complexo em si mesmo. Então, quando dizem que está complicado, respondo que é isto mesmo que estou querendo mostrar pra vocês. Tem quem faz o fácil. Eu mesmo faço, de vez em quando, o digestivo, o direto. Mas também tem horas que a gente busca uma coisa mais complexa, como condição de emulação. Para criar, para descobrir novas áreas. É um trabalho de **prospecção**, neste momento em que tudo está muito removido, quer dizer, os terrenos foram muitos mexidos em termos de música, nestes últimos vinte anos, no mundo inteiro.

Então, é como se eu quisesse apresentar tudo o que chegou a tocar a minha sensibilidade, tudo o que se agregou ao meu processo criativo, como o ouvinte, o intérprete, o crítico do que ouço, o reavaliador: música pop, erudita, música de rádio, folclórica, experimental, dançante, séria, banal, todas essas rotulações e divisões didáticas que apareceram por aí. Uma tentativa de aglutinar tudo isso para não cultivar apenas uma linha, para **não ser uma linha.** Procurei fugir a uma linha que fosse ligada a um gosto apenas meu, marcadamente pessoal, a uma preferência pelo mais telúrico e então cheguei a uma espécie de apreciação genérica das correntes que apareceram por aí em termos de música popular, em termos de música feita para o público, e o trabalho ficou sendo tudo isto: muito rock, muito jazz, muito baião, muito samba, muita música eletrônica, música caipira, tudo muito misturado. E é uma coisa muito difícil tanto para nós quanto para o público.

C – Difícil, por quê?

GG – É muito difícil ficar tentando procurar essa coisa nova, complexa, fazer essa música do que cantar o mais simples, mais consagrada, músicas minhas mesmo ou dos outros, ou então pegar uma linha nordestina, ou linha de morro, ou fazer samba de fossa, de nostalgia, de protesto, fazer músicas nordestinas de protesto, ou adotar também uma linha folclórica, de música negra, basicamente negra, ligada a ritos, a arquétipos religiosos.

É como não é nada disso em particular, fica sendo tudo isso, porque todos esses elementos acabam entrando em minha música. Tem sido tudo isso, pelo menos quando ouço a Banda tocando, quando toco, quando canto, quando o show se processa, quando a música se realiza – o que ouço é isso.

C – Esta atitude musical seria também forçada pelas circunstâncias exteriores?

GG – Claro que é. A atitude interior não é isolada. Você é seu corpo, você integra o tempo todo com a eletricidade, as vozes das pessoas, com a temperatura, a febre ou o calafrio do outro, a fome ou a superabundância do outro, a política, a ética, o nível mental, a forma mental que está por aí, de certa forma você incorpora tudo isso, é parte de tudo isso.

E essa tentativa de integrar tudo é porque aparentemente tudo é feito de partes que estão fora de você, em certa medida, senão você não seria dividido, senão eu não falaria em aglutinação, caso não houvesse divisão, provocada por um processo fora de seu controle, exterior a você, todo um processo social, econômico, político, os novos alinhamentos no campo internacional, os intercâmbios de cultura americana invadindo o mundo e ao mesmo tempo sendo invadida em cada local, pelas coisas locais, sendo antropofagicamente tragada pelas coisas aqui do Brasil, por exemplo, se misturando.

Meu trabalho é necessariamente um reflexo de tudo isso. Daqui em diante tenho a impressão de que vou ter de parar um pouco, me desligar desse atendimento ao mundo. Gostaria agora de colocar uma certa opacidade nessa superfície de reflexos para tentar de novo uma determinação periódica, precária, relativa, de um gosto mais pessoal, uma música que esteja um pouco mais isenta desta reflexão toda.

C – Esta modificação do impulso de sua criatividade não ocorreu como conseqüência de sua viagem ao exterior?

GG – Isto foi apenas um dado. Podemos analisar também por este lado, embora não seja a causa básica, única e fundamental da modificação do que houve, porque muitos elementos dessas novas incorporações, dessas novas formas de ver e de tentar utilizar coisas para fazer música foram proporcionadas exatamente por esse corte. O fato de ter vivido em países da Europa, nos EUA, esse corte proporcionou de certa forma o surgimento de uma série de outros temas, lingüagens, outras línguas.

Jorge Ben: um gênio

C – Dentro do processo externo sobre o qual não se tem controle e que obriga a uma aglutinação de elementos aparentemente dispersos e que significaria também uma espécie de "limpeza", isto seria uma volta, uma necessidade de busca para dentro de si, também?

GG – Acredito que seja uma reavaliação em termos "mononucleares", da formação de um novo núcleo **seu**, e você acaba chegando naturalmente a um tocar e um cantar que já não são mais nem o «blue«, nem o samba, nem o rock, nem o xaxado, separados, nem mais a tentativa de juntá-los, mas já a uma síntese sem nome. Algo que de novo é um **primitivo.** Acaba sendo o resultado do esquecimento, de tudo o que foi esquecido por ter sido lembrado exaustivamente durante muito tempo. Meus próximos trabalhos, daqui a um ano, vão estar mais ligados a isso – a algo que se aproxima dos cantores de «blues».

C – Em que sentido, os cantores de blues?

GG – No sentido de que eles já são o primitivo, a síntese. A gente discute, tem reflexões, a necessidade intelectual de refletir o mundo enquanto eles não especulam na área intelectual, eles, os cantores de «blues», o cantador nordestino, por exemplo, eles agem, fazem, são, soam. Só que estou falando de categorias praticamente extintas e que só sobreviverão nessas novas formas: são os novos cantores de "blues", o novo cantador, o cara que já saiu dali e passou por um tempo novo do mundo e de novo ele é primitivo sem ser primitivo com relação ao que foi primitivo antes dele, mas ele de novo alcança um gesto, uma situação, uma realidade musical, artística, digamos, dentro dele, que é mais um gesto que ele sempre faz e que é o mesmo, tem o mesmo significado, significa a vida – ele e a vida - o que o cerca de imediato, não há descrição mais, não há essa coisa que foi nítida nos últimos anos de música, uma divisão clara entre as **mentes são e como elas pensam o mundo** e a arte sendo o resultado nítido desse conflito.

Um cara que tem isso no Brasil, por exemplo, é o Jorge Ben. É o único grande cantor de «blues» do Brasil, neste sentido, sempre tocou suas coisas do mesmo jeito, uma coisa só, é como se estivesse no começo. O equivalente brasileiro do cantor de «blues». Por isso ele tem essa integridade toda, essa força. Um cara que é gesto puro, ato puro. Um gênio, como poucos. João Gilberto, por exemplo, é genial, mas é o oposto.

C – Em que sentido?

GG – Ele trabalha com a estratégia, com o recolhimento, é mais apolíneo. Trabalha a espontaneidade, cria, busca, exercita, burila o debrugar do ser diante da música. É todo um processo de burilação até chegar ao resultado e o resultado já é uma aproximação total, uma integração, que, de resto, fica sendo como a de Jorge Ben, mas partindo de um processo inteiramente diferente, porque Jorge Ben já é ou está ali, ele encontra a naturalidade, a unidade, por não sair dela, ele é analógico. João Gilberto chega através do analítico, pela minúcia, pela separação dos detalhes e reintegra a unidade.

Eu estou um pouco no meio, porque passei muito tempo me dedicando a um trabalho de análise, à minha interpretação e visão das coisas, e agora sinto que vou chegar mais para o outro lado, ou como processo de sedimentação vou unir as duas coisas. É o que eu gostaria, ou o que percebo. Isto, aliás, é a imagem que tenho hoje: meu trabalho é um pouco primitivo, sou um pouco o cantador e um pouco o pensador, alguém que tem uma atitude analítica, intelectual, de avaliação, de especulação.

C – Então, você estaria partindo para o encontro do seu começo?

GG – Não, não é o meu começo. Vou encontrar o anterior ao meu começo. O meu começo já foi a própria busca, já tinha todo um sentido: "Estou vendo as coisas e vou apanhar aqui e ali". No começo tinha um pouco ainda o gesto livre, espontâneo, mas ele já estava todo dirigido. Já fui tocar violão por causa da bossa nova, por causa de um tipo de linha básica surgida, era uma visão muito universitária, toda uma visão dirigida, digamos, todo um processo ideológico em gestação dentro de mim, uma visão de como eu ia dispor de minhas energias no sentido de uma determinada luta, um engajamento como processo existencial ligado a uma reflexão dessa diversidade da época que vim viver.

Partindo disso, essa complexidade foi ficando cada vez mais nítida até chegar a um exaurir completo, de sua ânsia, de seu impulso inicial, para chegar a essa coisa mais simples que se situa, digamos, antes de eu ter desejado sair por aí para ser artista, à fase em que já não há desejos de veicular um ego, uma personalidade, de marcar, de me fazer símbolo, caminho, exemplo. Isto é anterior ao momento em que eu quis ser tudo isso, é um encontro meu, uma coisa desconhecida que vem por aí, que vai estar mais próxima do apaziguamento, da morte mesmo, no sentido maior, no sentido de assumir a importância da não importância, o não importar ter uma cor, um nome.

A música é um caminho para mim. E hoje cada vez mais entendo isso, realizo isso. E só enquanto sendo caminho para mim, enquanto ela me guiar para uma destinação que não tem fim, quer dizer, uma destinação sempre projetada, sempre jogada para um futuro, enquanto realizo isso é que posso realizar algo ideológico, digamos assim, para **os outros.**

Antes, a tendência era dedicar o trabalho mais a uma situação ilusória de que fazer tudo pelos outros, pelo pensar nos outros. Dedicar meu trabalho todo ao pensar no mundo significava **estar fazendo.** Mas, talvez, estivesse fazendo por mim mesmo, também, e agora sei que quanto mais consciente de estar fazendo por mim, estarei fazendo pelos outros. A coisa se inverte um pouco e talvez seja o próprio cerne do que a gente poderia chamar de maturidade, que se caracteriza exatamente por essa mudança, talvez quando o indivíduo começa a se importar mais consigo, exatamente porque já não se atribui a si mesmo a importância para os outros. Ele passa a ser importante por si mesmo e é nesse encontro de si mesmo que encontra os outros. É não se trata de um ponto de vista exclusivamente ideológico, nada daquilo de "tenho de fazer algo pela humanidade", visto dentro desse prisma estrito do plano das idéias, mas é uma atitude existencial, mais verdadeira, vivida de fato.

Mercado e sobrevivência

C – Quanto ao seu produto no mercado diante dos outros competidores?

GG – Mas é só sobrevivência... A especulação sobre este aspecto só entra em jogo sob o ponto de vista da sobrevivência. Cada vez penso menos nisso, cada vez penso menos na competição, cada vez acontece mais por acaso, sem propósito. Gravo o «Xodó», por exemplo, porque gostei da música, e estourou, ficou em primeiro lugar nas paradas, desenvolveu todo um lado de mercado para mim e que na realidade não tinha planejado.

Cada vez penso menos, tenho mais fé, sou mais religioso mesmo. Cada vez mais entrego tudo ao fato de que se faço, resulta. Não é muito fáustico: não trabalho muito com o demoníaco, com a intenção mágica da poção, de ter o controle do resultado, algo como prever para poder. Não, é poder para poder. A coisa em si mesma. Viver para viver. Algo cada vez mais fora da conversa consigo mesmo. Cada vez converso menos comigo mesmo, cada vez mais deixo a discussão desses problemas, não fico muito preocupado, não tenho muita logística no meu trabalho. A estratégia fica muito animal, muito a da onça na selva, a gente sabe que está na selva e sabe que foi dotado de certos reflexos, certos mecanismos...

C – Você adquiriu um status que lhe permite esta tranquilidade?

GG – Ela poderia ter vindo independente do status, quer dizer, do nível de status (não do status em si, porque tudo depende dele), independente do valor se eu não tivesse atingido o que queria em termos de ambições pessoais, das conquistas, se eu não tivesse conquistado as coisas que queria, talvez também eu tivesse chegado a isso exatamente por não ter conquistado essas coisas. É aquele negócio de que a derrota e a vitória são iguais. Como diz Caetano Veloso, "pus todos os meus fracassos nas paradas de sucessos."

C – Que diz a respeito da crítica especializada, dos críticos?

GG – Parece que a crítica ignora tudo isso. Fica discutindo detalhes superficiais – porque o artista tinha antes um fuzil na mão e agora rebola no palco. O tempo está passando e as coisas estão aí, para todo mundo ver. Mas a crítica presta um desserviço, ela fabrica o gelo do sistema. Nunca chegaram junto de mim, por exemplo, para saber o que há por trás de tudo, nunca perguntaram nada, nunca discutiram alternativas. O crítico tem de entender que é um auxiliar do artista: basicamente, o principal é a obra do artista e que ele está ali, do lado, como um segundo criador, para trabalhar com o artista.

J.R. Tinhorão diz, por exemplo, em uma de suas críticas, que recebeu uma pilha de discos de Martinho da Vila, Gal, etc., e teve de perder uma noite de sono ouvindo aquelas coisas. Como se fosse uma tortura e não o trabalho dele. O crítico, em geral, age como um censor que não tem nada a ver com aquilo e recebe aquele monte de papéis, de músicas, de peças, e tem de ler aquilo tudo, como um burocrata ligado a outras coisas, lendo poemas de Chico Buarque de Holanda, Raul Seixas e nem sabe o que estão querendo dizer. São verdadeiros auditores de indústria que não sabem nada do pessoal que trabalha, não sabem como é o restaurante da fábrica, nem a cara das pessoas, nem a cor das paredes, nem o calor que faz lá dentro. Vão ver um show e põem nota...

Lá em Porto Alegre um crítico publicou algo sobre o meu show: o título da coluna era "Nota 7 para Gilberto Gil." Um show que tem três horas de música, onde acontecem mil coisas no palco, várias pessoas se exercitando, vivendo uma situação trágica, a situação da criação, criação do prazer e do desprazer, três horas de vida e o cara tem uma nota para isso: nota 7. Cadê sua sensibilidade seu gosto, sua paixão?

Se nada lhe comove mais, se nenhum show, nenhum artista pode provocar a lágrima de contentamento ou descontentamento, ou a raiva, então, pare, entregue tudo às máquinas. Ou melhor, diga logo, não suportei, o som é estridente, chato, seja mais claro, diga as coisas reais, fale de suas sensações reais, não tenha medo porque é Gilberto Gil, porque é um artista importante e você tem de defender o artista e ao mesmo tempo atacar, porque se isentar também de gostos nostálgicos. Vá lá, chegue, e deixe bater no seu ouvido. Mas eles vão ouvir um show munidos de um referencial todo anterior e a cada música que se canta, eles puxam o cartãozinho com os antecedentes do artista, para ver se confere são inquisitoriais. O artista parece estar respondendo a um inquérito.

Acham que o mundo é coisa que já foi descrita, que não tem mais mistério, são pessoas desencantadas, não acreditam mais na fantasia. Então, parem o mundo, deixem as máquinas funcionar por nós, abandonem a mente. Eu podia pegar as músicas de maior sucesso e fazer um show de meia hora, limpo, arrumadinho, bem ensaiado, mas não é nada disso não, a **gente está querendo botar a vida no palco**,mostrar tudo, os equívocos, os tropeços, o burilar diário de cada coisa: aperfeiçoar o imperfeito, desprezando a perfeição. Eles querem a perfeição cristalizada sem aperfeiçoar mais nada, abandonando esse processo de aperfeiçoar o imperfeito que é duro, diário, constante, penoso, é como carregar a cruz, mas eles não querem, não têm nada de cristão, nada de religiosos, nada de políticos, esqueceram tudo.

E a gente está aí, assumindo todas as responsabilidades, vivendo como homens integrais. Esse é o trabalho da gente. Venham à minha casa, vejam como eu vivo, como sou eu vendo televisão, na cozinha, venham conversar comigo. Imaginem que não queremos a visão cabisbaixa, aceitação da rotina e da escravidão, sem rebeldia, aceitação do domínio da cibernética, sem o entendimento dele. Uma retirada também pode ser uma forma de dizer não a tudo.

Entrevista concedida
a GILSON DE MOURA

1

O brasileiro precisa olhar no olho a tragédia de seu país.

Olhar nos olhos da tragédia é fazer com que ela seja dominada.

Transcrevo isto da revista «Visão» de 5 de agosto/74.

Algo que estava engavetado na revista «Visão», mas que seus editores resolveram publicar depois da morte de Oduvaldo Vianna Filho.

Eram declarações de Oduvaldo Vianna Filho.

É bem possível que muita coisa tenha morrido junto com Vianninha, mas ainda assim podemos colocar o seu recado debaixo das teclas e seguir em frente:

O escritor brasileiro precisa olhar no olho a tragédia de seu país.

Que tragédia é essa?

Aguarde o próximo capítulo.

2

Está fazendo 15 anos que desci em São Paulo pela primeira vez, metido desajeitadamente dentro de um paletó azul e com uma mala de lona – também azul – na mão.

Era um fim de tarde de verão e havia um resto de sol amarelo, mas eu tremia de frio.

Nunca tinha ouvido falar em poluição e ia levar muito tempo para ouvir isso, para entender isso, para viver isso.

Não tinha ouvido falar de muitas outras coisas, mas tinha a cabeça povoada de sonhos – como, por exemplo, o de vir a trabalhar num grande jornal do sul – e para trás deixava todo um mundo velho de fala arrastada, de prosaicos costumes, de valores antigos.

Eu estava muito assustado: ia entrar no século XX e não podia fazer a menor idéia do que esse novo mundo iria significar para mim.

Creio que foi nesse dia que comecei a escrever o meu livro – um livro que não sei quando vai acabar. Minto, eu o sei muito bem: na minha morte. Certamente.

Esse livro fala da cidade e da roça, da roça e da cidade – e poderá ser desdobrado em muitos volumes, com predominância no gênero **romance**. Haverá também contos, entrevistas, cartas, artigos – e depoimentos como este.

E tudo será visto pela ótica de um retirante, que ficou muito impressionado na tarde que chegou a São Paulo pela primeira vez e viu escrito dentro do túnel da 9 de Julho: "Mate um baiano por dia, para manter a cidade limpa."

Muitas coisas aconteceram de lá para cá, e todas elas foram decisivas para um aprendizado de vida – uma légua tirana que não é difícil prever onde termina.

Eu estava então com 19 (já cheguei aos 34 anos) e nesse espaço de tempo que passou vivi cinco vezes em São Paulo, duas vezes em Lisboa, uma vez no Porto e já estou no Rio pela quarta vez.

Todas essas mudanças foram marcadas por muitos atropelos, dificuldades, busca.

E me custaram muito dinheiro – um dinheiro que tive sempre que catar na máquina de escrever, em muitas redações de jornais e agências de publicidade, perdendo um emprego aqui, ganhando outro ali – enfrentando sempre um duro batente que começa invariavelmente às nove da manhã mas não tem hora para acabar.

Como ainda hoje.

Creio que esse livro de que falei acima trate disso, fundamentalmente.

Venho do Junco, antigo distrito do Inhambuque, um lugarzinho perdido nos confins do tempo, pelas bandas do sertão da Bahia. Nasci a 13 de setembro de 1940, às 8 horas da noite, conforme Maricas Cochebas pôs no registro, muitos anos depois. A parteira se chamava Tindole. Em março deste ano peguei a Sonia (minha mulher é carioca) e voltei lá, para rever tudo. Quebrei a cara: o Junco, que não tem estrada asfaltada, que tem apenas uma vereda de uns cinqüenta quilômetros, para pegar o asfalto de Salvador a Paulo Afonso, pois esse Junco velho já tem vinte carros, incríveis modelos **made in** São Paulo. Assim como já tem 20 aparelhos de televisão, ligados num motorzinho da luz que só funciona das sete às dez da noite, assim mesmo quando não está quebrado. E quando me admirei: – Mas aqui já tem televisão? – a resposta foi mais do que clara:

– Tem sim, Pedro Bó.

3

Norman Mailer:

– Quem pode criar uma vasta tela quando a própria imaginação deve-se submeter a uma pletora de pormenores em cada articulação da sociedade? Quem pode viajar para tantos lugares quando a complexidade de cada grupo absorve toda a nossa atenção, como uma flor carnívora alimentada a estrume?

Eis aí: já se foi o tempo em que era muito mais fácil ver a vida olhando-a por uma única janela.

4

Ora, vivemos num país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza.

Já cometemos todos os milagres e somos campeões de tudo – da Copa do Mundo à tuberculose.

Leio nos jornais que minha irmã se chama Cafiaspirina da Silva e que mamãe se chama Bayer – uma senhora alemã muito benfazeja.

Numa discussão de grupo, em que uma agência de publicidade pretendia traçar um perfil do jovem brasileiro, hoje, rapazes de 18 anos, classe média, universitários, revelaram que:

Querem se casar com moças virgens.

Querem um carro e um apartamento.

Querem ouvir a palavra de Cristo e ou/a palavra da revista «Planeta».

Mas nunca leram um livro de Jorge Amado e nem sabem quem é Graciliano Ramos.

Aliás, eles confessam que ler livro não está com nada.

E é isso aí.

Na praia de Ipanema, os rapazes audazes e alegres do surfe falam uma estranha língua.

Todas as palavras com **ch** eles pronunciam como se fossem palavras da língua inglesa.

Foi meu irmão quem me contou – ele tem 16 anos.

E minha mulher acaba de me informar que um grande número de seus ex-colegas do Colégio Pedro II enlouqueceram.

Ela está muito impressionada com isso – mas eu não.

Uma amiga minha pediu dinheiro ao marido, numa sexta-feira, dizendo que precisava rever uns parentes, em Santos.

Despediu-se dos filhos, dizendo que ia fazer uma longa viagem.

Ela se atirou pela janela, lá em Santos. Foi encontrada na calçada, no dia seguinte.

Mas o crítico Moacy Cirne diz que sou um escritor existencialóide.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

EU TE AMO MESMO ASSIM

"O escritor situa-se na sua época: cada palavra tem repercussões. E cada silêncio também." Jean-Paul Sartre.

ANTÔNIO TORRES

E talvez ele tenha toda razão.
De minha parte acho que Moacy Cirne é apenas um pau-de-arara que tem vergonha de ser pau-de-arara.

Ele deve se lamentar muito por não ter nascido na Europa – e não se chamar Levi-Straus.

Um amigo me escreve de São Paulo:
«As lanchonetes desta cidade dizem tudo sobre o regime cultural deste país.»
E James Baldwin diz:
«Quem ama não fica rico».

E Jorge Amado uma vez escreveu:
«Ficamos vivendo a tragédia de fazer ironias.»
Mas isso já faz muito tempo.

Quanto aos escritores, bem, quanto aos escritores.

Alguns de nós decidimos que o melhor mesmo é espernear – é um direito que nos assiste. Mas a meu ver estamos mesmo é muito perplexos – tentando dizer as coisas a qualquer preço, tentando encarar o nosso material de qualquer jeito, tentando penetrar na nossa caótica realidade para trazer dela um sentido de ordem, dentro da nossa limitada disciplina intelectual.

Na verdade estamos tentando repensar o nosso tempo de modo pelo menos conseqüente – o que poderá resultar numa grande orientação para nós próprios.

E já que não existe uma orientação prévia e, como observou Carlos Nélson Coutinho, «tudo anda em desfavor para um reapren dizado da arte», estamos atirando em todas as direções.

Acho que os livros publicados no Brasil nos últimos tempos, de autor brasileiro, refletem bastante essa perplexidade.

Vejo-me um pouco em cada um deles, me reflito, reflito.

Só que nossos amados editores não estão nada satisfeitos com o resultado de nossas inquietações.

Eles vêem o nosso trabalho como mercadoria não comercializável – e decidiram fechar-nos as portas.

Nesse momento eles estão embalando seus enlatados importados, os best-sellers de lucro certo e fácil, com os quais estão corrompendo o gosto do leitor, desviando-o de nossas conturbadas histórias que dizem respeito à conturbação do próprio leitor. Se ele passar ao largo, tanto melhor.

Quanto a isso, podem se considerar vitoriosos.

Aqui está um exemplo. Uma carta de São Paulo:
"Teu livro, Cão, andou jogado na minha estante durante quase dois anos. Não sei porque, não tinha vontade de lê-lo. Um pouco daquéla desconfiança que bate na gente pra ver filme nacional. Não dá pé, deve ser uma droga, e daí por diante.

Pra encurtar: neste fim de semana, por absoluta falta de livros outros, ou "mistérios magazines", ou ficções científicas livros do Brasil, dei uma espiada no teu «Um Cão Uivando Para a Lua,», espiada que só acabou no domingo à tarde e, meu Deus do céu, que livro maravilhoso.

Ele me fez um grande mal. A gente acaba esquecendo a angústia que vem curtida desde não sei quando, do mesmo jeito que a gente se esquece de onde vive e como é que vive. Teu livro foi um soco na cara. Foi como se acabasse a anestesia durante a extração. "E doeu muito" ass) Luiz Celso de Piratininga.

Para mim esta carta é bastante clara e reflete o complexo de culpa de seu autor em relação a mim, já que quem a assina é um amigo pessoal.

E a conclusão que cheguei foi esta: a descrença em relação aos autores brasileiros é muito grande e isso graças à não participação do próprio leitor no nosso processo cultural.

Se os editores insistem em nos deixar à margem, a tendência é aumentar o fosso.

O problema não é particular, porém.
Tiro minhas conclusões por tabela e chego ao seguinte raciocínio: na verdade, o que não está interessando é a coisa nacional, os problemas nacionais, a discussão, o debate..

5

Tudo isso e o céu também.
Mas eu tenho a obrigação cívica de se ser otimista.

Tenho de perder esse meu jeito triste e adocicar bastante a minha voz, para que ela deixe de ser amarga.

"Sorria, meu jovem, a vida é bela, viver é natural, e se Deus não lhe fez bonito, não se queixe dele."

É o que devo me dizer, todas as manhãs, diante do espelho, enquanto escarro o bafo de uma noite mal dormida.

Tente digerir bem os sanduíches da realidade, de que Allen Ginsberg lhe falou num poema – o que dizia que para nós um almoço nu é o normal, não o escondamos sob folhas de alface.

Coma com coentro, e seja feliz – a sua dor é o louco motor da sua pala, a fala.

A minha voz, no entanto, anda um pouco rouca. Mas em compensação descobri que o travo do cravo faz bem à garganta.

Da Bahia até São Paulo agora são só 30 horas de viagem, agora, depois do asfalto.

Antes eram 7 dias e 7 noites, num velho trem que descarrilhava sempre em Monte Azul, aí pelos lados de Minas Gerais.

E mamãe dizia: – Cresce logo, menino, que é pra tu ir pra São Paulo.

Dizem que metade dos que forma ficaram no caminho – e foi assim que nasceu o Estado de Minas Gerais.

E dizem também que mineiro é um baiano cansado, uai.

Aí apareceram Caetano Veloso e Gilberto Gil e disseram:
"Nós nos recusamos a folclorizar o nosso subdensenvolvimento."

Mas isso também já faz muito tempo.
A um amigo que se queixa e diz: "Não aguento mais", sem explicar o que – como se fosse preciso – costumo responder:
"Todos nós, crianças desta era, ainda não aprendemos a conviver na esmagação, entre o patrão e a prestação. Uma cruel esmagação."

Vivi três anos em Portugal, entre 65 e 68 – e acho que é por isso que digo estas coisas.

Aliás, parte delas estão em «Os Homens dos Pés Redondos», um romance que publiquei o ano passado

E agora me deu vontade de mudar de assunto.

6

Foi exatamente no meu segundo dia em Lisboa que conheci Alexandre O'Neill.

Ele trabalhava numa grande produtora de filmes publicitários e tinha uma porção de recortes de revistas brasileiras pregados nas paredes – páginas de anúncios.

Disse-me que gostava muito do jeito brasileiro de dizer as coisas – e que a língua portuguesa estará salva enquanto existir um país chamado Brasil.

Exagero ou não, era a sua opinião.
O'Neill já tinha muitos livros publicados e dele guardo um poema, que leio sempre, para refrescar a memória.
É «O Poema Pouco Original do Medo» e começa assim:
"O Medo vai ter tudo
Pernas
Ambulâncias
E o luxo blindado
de alguns automóveis."
Ele tinha então quarenta anos, a idade exata do salazarismo.

Alexandre O'Neill sabia o que estava dizendo.

Mas eu tive que conviver muito com aquele velho Portugal para entender isso.

Tive que assistir ao desaparecimento de muitos companheiros de trabalho, numa agência de publicidade, sem mais nem menos, para nunca mais voltarem.
Tive de acompanhar pelas tascas e botecos a tragédia e trajetória de rapazes desesperados nas vésperas de embarcar para a guerra – de onde sabiam que podiam até nem voltar. Ou, se voltassem, poderiam já estar mutilados, ou loucos, ou com uma hepatite.

E assim fui correndo o país de alto a baixo e fui vendo mulheres de preto (viúvas de maridos vivos) britando pedra nas estradas, arando terra, carregando pesados cestos nas cabeças.

Enquanto nas cidades outras mulheres lavavam as rodas importadas de seus patrões, lavavam as entradas dos edifícios, ajoelhadas, e carregavam pesados cestos para os mercados.

Eram as mulheres quem se encarregavam do trabalho pesado, porque os homens haviam fugido: para a França, para a Alemanha, para o Canadá, para os Estados Unidos, para a Venezuela.

Era um país muito triste, um país de velhos cabisbaixos, porque os jovens ou estavam na guerra ou estavam tentando atravessar a fronteira, clandestinamente.

E três homens conversando numa esquina era um comício.

Enquanto isso a propaganda oficial anunciava aos quatro cantos que o povo português era um povo de heróis.

Era preciso não esquecer o mundo que Portugal criou – e o Brasil vinha sempre citado nesse exemplo.

Nunca me esqueci do dia em que meu patrão me levou para fazer um trabalho no Porto.

Ele era de lá – e me deixou ir junto da janela do avião, para que eu apreciasse melhor a paisagem.

Quando estávamos chegando, ele tirou um espelho do bolso, ajeitou seus raros fios de cabelo, olhou lá para baixo e me disse:
– E uma terra de heróis.

Mais tarde, durante o jantar, ele viria a estranhar o meu pouco apetite, diante de tantos pratos variados que não consegui tocar.

Foi aí que o grande homem falou:
– Imagine se coméssemos tão pouco assim como o senhor, como poderíamos ter dado um dom Afonso Henriques, que com uma única mão sustentava uma espada de oitenta quilos!
Na empresa desse homem era proibido falar ao telefone e todos os seus funcionários, com muitos anos de casa (alguns até com 25 anos), simplesmente o odiavam.

Pelo menos enquanto estavam comigo, só falavam nele.

Um dua fui almoçar na casa de um deles e encontrei lá, pendurado na parede, um imenso retrato do patrão.

O meu colega de trabalho se desculpou, dizendo que sentia necessidade de agradá-lo, pois em Porutgal não havia muitos empregos.

Sua mulher me esclareceu mais ainda:
– Ele queria chamar um padre para benzer o retrato. Mas eu não deixei. Assim também já era demais.

Era um quadro moral muito pouco animador, eu pensei então – e tentei computar mais essa mazela ao salazarismo, do qual o patrão tinha muito orgulho, e em cuja honra sua empresa havia, há tempos, promovido uma grande festa pública, pelas ruas do Porto.

Com o tempo fui descobrindo que cada pessoa só falava mal do patrão se estivesse sozinha comigo. Ninguém confiava em ninguém – nestes e em outros assuntos.

Parecia haver uma total descrença no próprio gênero humano – e assim os homens seguiam o seu caminho de tédio, curvado, frustrados, infelizes.

Enquanto Alexandre O'Neill anotava em seu poema:
"E cada um por seu caminho
havemos todos de chegar
quase todos
a ratos.
Sim,
a ratos."
Só para lembrar: a poesia é necessária?

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

ESQUINA

Isto é o Reveillon do Inter-Continental Rio.

Você sabe o que é uma festa sensacional? (O Reveillon do Hotel Inter-Continental Rio). Você sabe o que é se divertir uma noite inteirinha? (Com ceia e champanhe importada). Você sabe o que é ver coisas espetaculares? (Mulatas geniais sambando pra valer). Você sabe o que é ouvir músicas de todas as épocas? (O Maestro Araripê e seus 22 músicos estão encarregados disso). Você sabe o que é ver um amanhecer no lugar mais lindo do Rio? (Na praia da Gávea, tomando café da manhã na beira da piscina). Você sabe quanto custa tudo isso? (Cr$ 400,00 por pessoa). Você sabe que no Rio, como em todos os lugares do mundo, as coisas começam acontecendo nos Hotéis Inter-Continental? (Inclusive 1975).

MENU

Supremo de Mariscos – Molho Calypso
Creme de aspargos

Peru recheado ao forno – Molho giblet e cranberry – Bouquetière de legumes
Batatas Risolées
ou
Lomito de boi grelhado – Molho Bordolesa – Jardineira de legumes
Batatas bataille

Biscuit glacé Saint-Sylvestre
Mignardises
Café do Brasil
1 garrafa de M. Chandon para 2 pessoas.

Dia 31 a partir de 22 h.
Café da Manhã às 5 h (Cr$ 25,00 por pessoa)
Traje: Black Tie ou Summer
Reservas: tel.: 399-2200 – R. 304 e 308

HOTEL
INTER-CONTINENTAL
RIO
Praia da Gávea, 222

VOCÊ SABE QUE A PAN AMERICAN ESTÁ DE PIRES NA MÃO?

Ao anúncio do Hotel Inter-Continental Rio, publicado no «Jornal do Brasil» de 23/12/74, cujo "facsimele" reproduzimos acima, poderiam ser acrescentadas ainda estas perguntas:

● Você sabe que o Hotel Inter-Continental Rio pertence à cadeia de hotéis da Pan American Airways?

● Você sabe que Pan American Airways atravessa séria crise financeira, tendo, inclusive, recentemente, vendido alguns de seus jatos para saldar compromissos urgentes?

● você sabe que o governo norte-americano, considerando a precária situação da Pan American Airways, negou a concessão de vultoso empréstimo à empresa?

● Você sabe que os funcionários do Hotel Inter-continental Rio foram "convidados" – conforme circular fixada no quadro de avisos do hotel –, a contribuir com a ajuda de Cr$ 5,00 a Cr$ 20,00 para o soerguimento financeiro da Pan American Airways que, coitadinha, não pode dispensar a generosa contribuição de seus servidores?

● Você sabe o que representa a contribuição de Cr$ 5,00, por cabeça, de todos os que estão vinculados ao grupo da Pan American Airways, a volumosa arrecadação que será apurada?

● Você sabe que, se a moda pega, dentro em breve todo o operariado brasileiro estará ajudando as pobres empresas americanas, ora tão ameaçadas pela crise do petróleo?

"Este não precisa mais de Sorte-Grande"

Quarta-feira da semana retrasada, desembarcava de um Electra, vindo de São Paulo, o coronel Andreazza, ex-ministro dos Transportes. Era um dia chuvoso e a fila de taxis era longa no Santos Dumont. O coronel teve que entrar na fila, e esperar sua vez durante uns trinta ou quarenta minutos. Inquieto, durante a longa espera, o sr. Andreazza voltava-se incessantemente para trás e para os lados, na esperança de que alguém o reconhecesse. Em vão.

A única pessoa que o identificou foi um vendedor de bilhete de loteria, o famoso perna-de-pau, cantado num poema famoso de Acenço Ferreira. O perna-de-pau chamou um colega e mandou-o oferecer um bilhete de natal ao ex-ministro. O vendedor o cercou, ia dar o galo, empurrou-lhe o bilhete na mão, esperou com ele o taxi, tentou enfiar-lhe a sorte no bolso. Mas não adiantou. Andreazza riu cordialmente, abraçou com efusão o bilheteiro, embarcou num mini-taxi fusca. O perna-de-pau, ressentido, comentou na fila: "Este não precisa mais de sorte-grande".

Multinacionais na Aços Piratini

Para o vereador Viton de Araujo (MDB), de Porto Alegre, a transformação da Aços Finos Piratini em empresa nacional pode oferecer o risco de desnacionalização dessa importante indústria gaúcha.

– O que o governador deseja – diz Viton – é aproveitar o seu final de mandato para, enquanto tem maioria no Legislativo, entregar a Aços Finos ao controle do capital estrangeiro, proveniente de grupos alemães e americanos, "que já foi injetado na Siderbrás."

Outro vereador a condenar violentamente a fusão da Aços Finos com a Siderbrás foi Brochado da Rocha, para quem Triches, "que termina sua gestão enfrentando vários inquéritos administrativos, talvez venha prestar contas à história por mais essa atitude contra os interesses da população rio-grandense."

Costume de praça vai à casa

Em matéria assinada por Seymour Hersh, ganhador do Prêmio Pulitzer, o jornal «The New York Times» veiculou uma série de denúncias acerca de atividades da CIA nos próprios terrenos do Tio Sam (terrenos da matriz, não nas filiais), envolvendo ativistas contrários à guerra do Vietnãm de um lado (espionados) e apaniguados de William Colby e James Schlesinger do outro (espiões).

O herdeiro intelectual do homem de Neanerthal, Jerry Ford, apressou-se em declarar que tinha repreendido William Colby (atual diretor da agência), dizendo que "não toleraria atividades daquele tipo neste governo," enquanto Hersh em seu artigo bradava que "a gigantesca operaçaão doméstica e ilegal da CIA violou a Constituição, pois a **segurança** interna está a cargo da polícia federal (FBI)".

"Molto divertente," então nós sul-americanos, que conhecemos vários emissários dessa agência, somos os únicos que devemos arcar com as incursões destes especialistas em golpes? Os falsos moralistas não permitem bagunça em suas casas mas promovem mil badernas nas casas alheias. A CIA destilou um pouco de seu veneno na própria casa do Tio Sam, invertendo os fatores do ditado "costume de casa vai à praça".

Os preços (inflacionados) da Saúde

Nosso colaborador João Carlos Rodrigues necessitou, na semana que antecedeu ao Natal, de um exame radiológico da coluna vertebral e de uma escanometria. Eis a diferença de preços (todos altos) em três locais diferentes da zona sul do Rio. Instituto de Urologia, no Humaitá (640 cruzeiros – cerca de 92 dólares); Clínica Nossa Senhora da Paz, em Ipanema (900 cruzeiros – cerca de 127 dólares); e Raio-X Pompeu Loureiro, em Copacabana (1059 cruzeiros – cerca de 157 dólares). Como pode-se verificar, o preço mais barato é quase o dobro do salário mínimo.

Será a inflação, o prejuízo do juramento de Hipócrates, ou podemos chamar isso de Plano Nacional de Saúde?

Ainda quer mais Rabin?

O jornal alemão Die Welt, recentemente, publicou uma entrevista com o "premier" israelense Yitzhak Rabin. Nessa entrevista, além de reafirmar sua disposição de não dialogar com a OLP, o primeiro ministro criticou severamente os países europeus pela conduta adotada face a crise mundial do petróleo, dizendo que a Europa tinha simplesmente "se ajoelhado como um mendingo, e logo diante dessas figuras medievais de reis, xeques e sultões, **só porque eles têm combustível.**

É de se perguntar a Rabin o que move as máquinas israelenses: **o espírito de Abraão?**

"JOSUÉ DE CASTRO E A DESCOBERTA DA FOME"

Este livro, publicado pela Editora Leitura, trata da personalidade e da obra de Josué de Castro. O autor, Alain Tobelem, que foi aluno e, depois, colega, como professor na Sorbonne, do famoso médico brasileiro, baseado no importante estudo de Josué de Castro, concorda e proclama que todas as doenças do mundo, geralmente, são causadas pela deficiência na alimentação, ou melhor, pela falta da complementação adequada, proporcionada pelas proteínas: as carnes, os ovos, o leite, etc.

Quanto ao sexo, as pessoas pobres, ou aquelas que não se alimentam devidamente, nos países subdesenvolvidos, são as que têm mais filhos, numa espécie de compensação natural, aumentando assim a própria pobreza.

Este comentário do professor e escritor francês Alain Tobelem foi editado, com sacrifício financeiro, pela Editora Leitura, confiando na aquisição do livro pelos amigos, colegas e admiradores do notável e inesquecível pernambucano Josué de Castro.

O livro impressiona, realmente. Uma leitura obrigatória, principalmente para os que pensam no futuro de seus filhos. (Preço do exemplar: Cr$ 20,00).

Adquira seu exemplar na redação de «Crítica» – Av. Rio Branco, 156 – sala 1.222.

O PIONEIRO JOSUÉ DE CASTRO

Éramos estudantes quando nos encontramos, no Rio, pela primeira vez, longe do nosso Recife, no final da década de 20. Tornamo-nos amigos, e nossas relações fraternais só foram interrompidas agora, com o seu desaparecimento em Paris, onde passou a viver depois de 1964, quando lhe cassaram os direitos políticos e o demitiram, ao mesmo tempo, do elevado cargo de Embaixador do Brasil junto aos organismos internacionais sediados em Genebra.

Registrado com o nome imponente de Josué Apolônio de Castro, suprimiu, desde a Universidade, o prenome histórico, para torná-lo mais simples e mais popular, e que seria imortalizado depois por sua notável obra de cientista, de escritor, e de combatente infatigável contra os males causadores da fome — **praga fabricada pelos homens.**

Era incompreensível e demasiado chocante que a fome, devorando continuamente grande parcela da humanidade, em todos os continentes, ainda não houvesse comovido homens de governo, sociólogos e antropólogos, profundos conhecedores do cataclismo, para denunciarem ao mundo o genocídio da fome, com o fim de mobilizar a opinião pública para minorar, ao menos, as desgraças consequentes do flagelo universal.

Josué de Castro teve a coragem de fazê-lo, como atividade cultural pioneira, não só escrevendo livros de grandes méritos como "Geografia da Fome" e "Geo-política da Fome", como também debatendo em assembléias nacionais e internacionais o fenômeno até então silenciado por todos os que o conheciam, mas consideravam profundamente inconveniente denunciá-lo. Disse mais, com a dignidade que o caracterizava, ao receber a Grande Medalha da Universidade de Paris, em 1954, que antes de tomar conhecimento da fome na sua região nordestina, ele a sentiu, dolorosamente, em sua própria casa.

Médico ilustre, escritor e cientista, cuja obra está traduzida já em 34 países, jamais esqueceu em toda sua vida o drama da fome, que continua sacrificando, impunemente, centenas de milhões de pessoas em toda a vastidão do nosso planeta, indiferente ao que se faz para exterminar os seus males.

Em 1932, três anos depois de formado pela atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, fez no Recife a primeira pesquisa social realizada no País para apurar as condições de vida do povo.

Josué de Castro foi presidente, por dois biênios, do Conselho da Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO), de 1951 a 1956.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

A LITERATURA PAULISTA APÓS 1922

Depois do simbolismo, que teve em Cruz e Souza e Alphonsus de Guimarães suas mais altas expressões poéticas, "nenhum outro movimento ocorreu em nossa poesia até cerca de 1922, quando se inicia em São Paulo e, logo em seguida, no Rio a influência das escolas européias de vanguarda, gerando, entre nós, um movimento que se tornou conhecido sob o nome de modernismo"

Segundo depoimento de Manuel Bandeira, Mário de Andrade e outros, "o impulso inicial do movimento modernista veio das artes plásticas. Em 1913 chega a São Paulo o pintor russo, depois naturalizado brasileiro, Lasar Segall, que aqui realiza uma exposição de seus quadros expressionistas. Em janeiro de 1916, a pintora paulista Anita Malfatti, educada no estrangeiro, realiza, também em São Paulo, uma exposição, na qual, além de seus quadros, influenciados pelo expressionismo alemão, apresentava ao público algumas telas de pintores cubistas europeus".

Não será difícil prever que a exposição suscitou um grande escândalo no então provinciano meio da capital paulista. Ademais, "o escritor Monteiro Lobato escreveu a propósito dela um violento artigo, cujo título era "Mistificação ou Paranóia?". Os meios artísticos da cidade pegaram fogo. Os jovens, ao contário de Lobato, entusiasmaram-se, ficando vivamente impressionados com a mostra da pintora. Entre eles, Mário e Oswald de Andrade. Em 1920, ambos descobrem, juntamente com Menotti del Picchia, ainda na capital paulista, o escultor Brecheret, "influenciado também na sua arte pela corrente antiacadêmica européia". Nesse mesmo ano Oswald de Andrade funda a revista **Papel e Tinta** e, em novembro, publica na imprensa um artigo intitulado "Meu Poeta Futurista", onde transcreve alguns versos de **Paulicéia Desvairada**, livro que só seria editado dois anos depois, justamente em 1922.

Bem, é precisamente desse ano que podemos, portanto, datar o movimento modernista como "movimento organizado", já que em fevereiro o grupo paulista, composto de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia, Paulo Prado, Yan de Almeida Prado, Plínio Salgado, Cândido Motta Filho e outros, "em combinação com artistas do Rio, como o pintor Di Cavalcanti, Ronald de Carvalho, Renato de Almeida e Villa-Lobos, promoveram, no Teatro Municipal da capital bandeirante, a chamada Semana de Arte Moderna, com exposição de artes plásticas, concertos, conferências e declamação de versos "modernos", "futuristas". Graça Aranha emprestou, com seu prestígio, grande solidariedade aos então jovens inovadores Todas as noites (aliás, 3) o teatro encheu-se à cunha, na feliz expressão de Manuel Bandeira; os poetas foram ruidosamente vaiados; mas a sua ação continuou, depois da famosa Semana, nas páginas da revista **Klaxon** e de outras publicações que foram sucedendo-se.

Difícil dizer qual das correntes européias a que mais influiu nos nossos modernistas da primeira hora. Diz Manuel Bandeira: "É certo que o futurismo terá sido o que menos pesou." E quais as principais contibuições deles? "Introduziram em nossa poesia o verso livre, procuraram exprimir-se numa linguagem despojada da eloqüência parnasiana e do vago simbolista, menos adstrita ao vocabulário e à sintaxe clássica portuguesa. Ousaram alargar o campo poético, estendendo-o aos aspectos mais prosáicos da vida, como já o tinha feito, ao tempo do romantismo, Álvares de Azevedo. Movimento a princípio mais destrutivo e bem caracterizado pelas novidades da forma, assumiu mais tarde cor acentuadamente nacional, buscando interpretar artisticamente o presente e o passado brasileiro, sem esquecer o elemento negro entrado em nossa formação."

Porta-vozes

Foram suas mais significativas expressões: Mário de Andrade, o papa do modernismo brasileiro, nascido em São Paulo em 1893, autor de algumas obras notáveis, como **Paulicéia Desvairada, Losango Cáqui, Clã do Jabotí, Remate de Males, A Costela do Grão Cão, Livro Azul, Lira Paulistana, Carro da Miséria** e **O Café** – todas de poesia; **Amar, Verbo Intransitivo** (romance), **Macunaíma** (rapsódia) e vários livros de contos excelentes, sem levarmos em conta seus ensaios sobre literatura, música, folclore e artes plásticas.

Oswald de Andrade, a figura mais combativa do movimento, nasceu em 1890, e é autor de vários romances, inclusive essa obra-prima que é **Memórias Sentimentais de João Miramar**, peças de teatro absolutamente revolucionárias para a época, como por exemplo **O Rei da Vela**, e responsável por três curiosíssimos livros de poesia: **Pau-Brasil, Primeiro Caderno do Aluno de Poesia Oswald de Andrade** e **Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão.**

Ribeiro Couto, paulista de Santos, do ano de 1898, estreou com **O Jardim das Confidências**, lançando, em seguida, **Poemetos de Ternura e Melancolia, Um Homem na Multidão, Noroeste e Outros Poemas, Cancioneiro do Ausente** e **Dia Longo.** Na ficção, **Tia Belinha** e **Cabocla**, romances, e **A Casa do Gato Cinzento, O Crime do Estudante Batista, Baianinha** e **Outras Mulheres**, entre as suas coletâneas de contos.

Guilherme de Almeida, campineiro, nascido em 1890, "foi na ação renovadora de 22 um elemento moderado, jamais se entregando à facilidade do verso livre, sem peias, jamais renunciando à nobreza dos temas e da linguagem". Obras principais: **Raça, Meu, Acaso, Cartas que não mandei, Nós, Messidor, Encantamento, Rua, O Anjo de Sal**, etc.

Ora, lançando a poesia **pau-brasil**, Oswald de Andrade "separava-se ruidosamente de Graça Aranha. O modernismo cindia-se em correntes diversas, guardando, todavia, os mesmos processos formais, e unidas apenas no combate ao academismo. Em São Paulo formou-se, em oposição ao primitivismo de Oswald, o grupo que se chamou "Verde-Amarelo" e depois da "Anta", composto por Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Plínio Salgado e outros. "Para esse grupo, o "pau-brasil era nefasto, pois se tratava de pau colonial, arcaísmo da flora, expressão de país subserviente". Propunham estudar a contribuição índia em nossa formação e pretendiam emprestar à arte uma inalienável "função social e política".

Menotti del Picchia, de 1892, estreara em 1913 com **Poemas do Vício e da Virtude**, a que se seguiram: **Moisés, Juca Mulato, Máscaras, Jesus, A Angústia de D. João** e **Amores de Dulcinéia.** Em 1925, portanto após o Movimento, publica **Chuva de Pedra**, já dentro da nova estética. À fase verde-amarela pertence **República dos Estados Unidos do Brasil.** Na prosa de ficção contribuiu com **O Homem e a Morte, A Mulher que Pecou, Dente de Ouro, A Tormenta** e **Salomé**, talvez sua obra-prima. Quanto a Plínio Salgado, chegou mesmo a representar um momento de esperança para o nosso romance autônomo, especialmente com **O Estrangeiro**, datado de 1926, mas suas atividades políticas afastaram-no da literatura, entregando-se ele ao integralismo e ao panfletário desabusado e fácil, sem qualquer interesse maior.

Por fim, Cassiano Ricardo, nascido em São José dos Campos em 1895, autor do célebre **Martin Cererê** e cuja atuação no período áureo modernista se deu com obras de caráter nitidamente polêmico, tais como: **Vamos Caçar Papagaios, Deixa estar, jacaré** e **Borrões de Verde e Amarelo.** Após a publicação, em 1947, de **Um dia depois do outro**, Cassiano Ricardo surpreende a crítica brasileira com sua excepcional renovação. A esse livro sucedem-se: **A Face Perdida, Poemas Murais, O Arranha-Céu de Vidro** e outros.

À geração modernista, pertencem ainda: Sérgio Milliet, nascido em 1898 e autor de vários livros de versos, de crítica literária e de ficção, tais como: na poesia, **Poemas Análogos, Oh Valsa Latejante** e **Poema do Trigésimo Dia**; na ficção: **Roberto** e **Duas Cartas no Meu Destino**; e na crítica os inúmeros volumes do seu **Diário Crítico.**

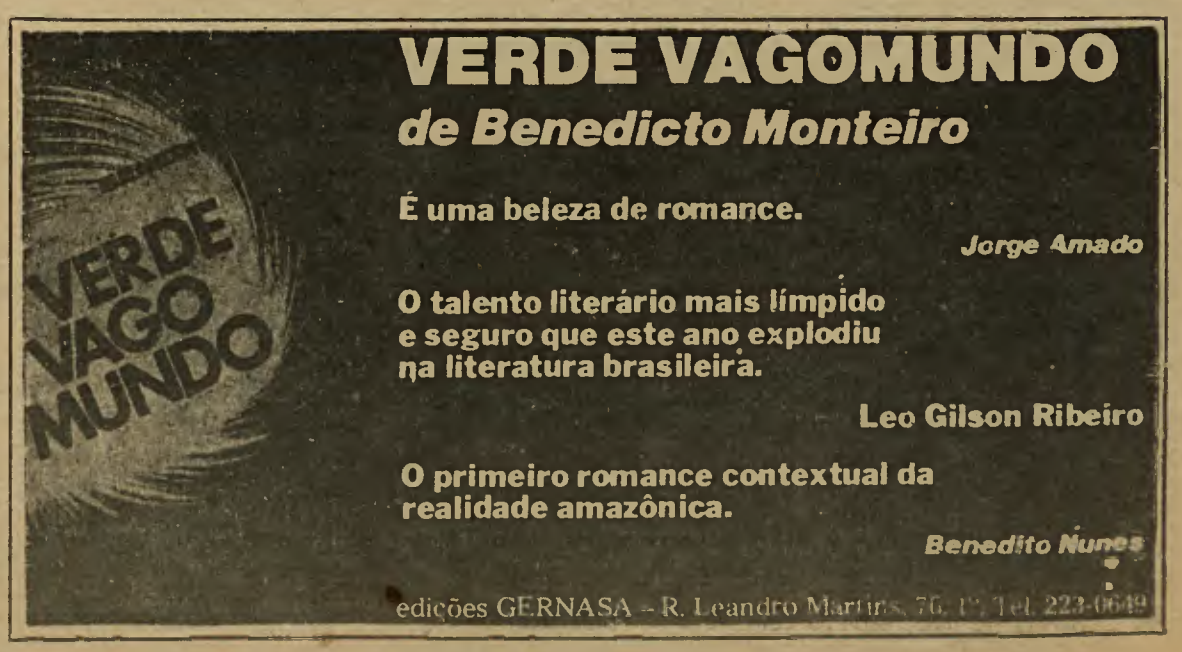
Rodrigues de Abreu, falecido em 1927, seria "o irmão desertado, o irmão doente" do modernismo, na classificação de Andrade Muricy. Tuberculoso, falece prematuramente, deixando obra exígua, ainda que de grande comoção e extrema sensibilidade. **A Sala dos Passos Perdidos** (1924) e **Casa Destelhada**, obra póstuma, oferecem-nos um poeta de "ritmos largos, paralelísticos", de "tom augural e grave nos temas da noite, da morte, da religião", e que de certa forma, anteciparia a futura mensagem de Augusto Frederico Schmidt.

E, por fim, Antônio de Alcântara Machado, que, morrendo aos trinta e quatro anos de idade, "deixou em seus livros o melhor depoimento sobre certa época da vida paulistana, fixando numa linguagem colhida nas fontes populares da cidade, principalmente nos bairros ítalo-brasileiros, e assimilada com sabor de verdadeira criação". Obras: **Pathé Baby** (1926), **Brás, Bexiga e Barra Funda** (1927), **Laranja da China** (1928), **Mana Maria** (obra inacabada, de publicação póstuma, 1936), e finalmente **Cavaquinho e Saxofone** (também póstuma, 1940).

O pós-modernismo

O pós-modernismo, que corresponderia à geração de 30, a que pertencem Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Augusto Frederico Schmidt, Murilo Mendes, Jorge de Lima, encerrando-se com Vinicius de Morais, na poesia, e Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Raquel de Queiroz, na ficção, em São

Cassiano Ricardo



Paulo não atinge grandes alturas, nem na ficção nem na poesia. É uma geração intermediária, de valores isolados, que não parece ter sentido necessidade de inovação, ainda que todos esses poetas e ficcionistas de que trataremos agora tivessem sabido afirmar a própria individualidade.

No que diz respeito à poesia, estamos nos referindo a Edgard Braga, Fernando Mendes de Almeida, Oneyda Alvarenga, José Tavares de Miranda, Rossini Camargo Guarnieri, Afrânio Zuccolotto, Jamil Almansur Haddad, João Accioli, Cid Franco, César Arruda Castanho, Pedro Oliveira Ribeiro Neto e Luís Martins. Edgard Braga, alagoano radicado em São Paulo, autor de um livro reacionário, **Lâmpada sobre o Alqueire,** mais tarde aderiu ao movimento concretista, tendo passado pela poesia órfica e metafísica, tipo Fernando Pessoa, sendo seus melhores livros: **Odes, Albergue do Vento, Inútil Acordar, Lunário do Café e Extralunário,** lançado em 1960.

Fernando Mendes de Almeida, nascido em 1918, é autor de **Carrosel Fantasma,** editado em 1937, e onde se nota a presença constante de Mário de Andrade, ainda que seus versos demonstrem lirismo-de tendência popularesca.

Oneyda Alvarenga é autora de um livro só: **Menina Boba,** poesia de altíssimo nível, e que acaba de lançar pela Livraria José Olympio Editora: **Mário de Andrade, um pouco,** estudo profundo sobre a personalidade do autor do **Ensaio sobre Música Brasileira.**

Rossini Camargo Guarnieri, em 1938, estreou com **Porto Inseguro,** obra de tendência vivamente social; apareceram depois, **A Voz do Grande Rio, Três Poemas,** além da novela **Memórias de um Galo de Briga** (1955).

José Tavares de Miranda, pernambucano radicado há muitos anos em São Paulo, publicou: **Alamboa, Voz em Ergástulo, Galba dos Infernos e Passo da Memória.**

Afrânio Zuccolotto, poeta excelente, lançou em 1948 **Poemas,** a que se seguiu **Porto Geral.** Jamil Almansur Haddad possui obra vasta: **Alkamar, a Minha Amante, Orações Negras, Orações Roxas, Poemas, Primavera em Flandres,** além de **A Lua do Remorso,** seu melhor livro, e de um alentado estudo sobre a vida e obra de Castro Alves.

João Accioli, nascido em Goiás em 1922, cedo se fixou em São Paulo, onde publicou: **Olho d'Água e A Canção do Amanhã.** Cid Franco, que também fez política e jornalismo, é responsável por inúmeros livros de poesia, entre os quais: **À Procura de Cristo.** César Arruda Castanho, autor de **Poemas da Rua Andante e de Mar de Espanto,** praticou também o romance, assinando **Um Pinguinho no Mapa** e **O Apito do Trem.** Pedro Oliveira Ribeiro Neto ingressou na ficção em 1933 com o romance **E a Vida Continua,** mas é a sua bagagem poética a que pesa mais, principalmente pelo número de obras, infelizmente nem sempre de nível igual. Luís Martins, carioca, há mais de trinta anos em São Paulo, publicou em 1950 **Cantigas da Rua Escura,** livro de altas qualidades poéticas; além de jornalista e crítico de artes plásticas, é autor de um dos poucos romances bons que se escreveu sobre o ciclo do café: **Fazenda,** sem levarmos em conta seu magnífico estudo sobre Almeida Júnior.

REYNALDO BAIRÃO

A ETERNA JUVENTUDE DE IZAAK WALTON

Um caso especial da literatura inglesa é o de Izaak Walton, pequeno comerciante de ferragens, nascido em Stafford em 1593, que conquistou a imortalidade com um despretensioso tratado sobre assunto alheio à literatura. Mas, haverá realmente algum assunto extra-literário?

Esse tratado, **The Complete Angler or The Contemplative Man's Recreation (O Perfeito Pescador Desportivo,** 1953), foi publicado quando seu autor já contava sessenta anos, mas como ele viveu até aos noventa e aos cinqüenta estava afastado dos negócios, teve bastante tempo para se dedicar às suas ocupações favoritas: ler, escrever e pescar. Não sei se exatamente nessa ordem.

Essa venerável figura das letras inglesas também escreveu biografias de homens ilustres: os **metaphysical poets** John Donne, sir Henry Walton e George Herbert e os bispos Hooker e Sanderson. Os poetas Donne e Walton eram seus companheiros de pesca; Hooker e Sanderson, seus amigos e admiradores, mantinham aposentos de suas ricas residências campestres à disposição de Walton.

Mas, só com essas biografias não teria o velho Izaak conquistado lugar tão relevante na literatura inglesa; esse lugar, nunca é demais repetir, foi alcançado só pelo imenso sucesso do **Complete Angler,** livrinho de encanto todo especial, tão especial que em sua carreira através dos séculos tem conhecido uma glória constante e seu autor foi elevado a objeto de verdadeiro culto nos países de língua inglesa.

A história editorial dessa obra dá testemunho de sua vitalidade e permanência. Teve cinco edições em vida do autor e, com o passar do tempo, seu êxito foi crescendo, de modo que em 1935 esse número chegava a 284. Atualmente andará perto da 400ª edição, em tiragens respeitáveis, às duas ou três por ano. Para um livro escrito há mais de três séculos esses dados não são insignificantes.

Foi o dr. Samuel Johnson que tirou o **Complete Angler** do esquecimento em que começava a cair, um século depois de sua publicação. Em 1750, por sugestão de Johnson, o reverendo Moses Browne fez uma edição do tratado de Walton e insistiu na sua qualidade literária, "apesar de ser um livro sobre pesca".

Na verdade, trata-se de um dos mais perfeitos exemplos de prosa pastoril dialogada, jamais escritos, em qualquer língua. Os elogios se acumulam, partindo de autores como Pope, Sheridan, Walter Scott ou Charles Lamb. Este último, escreveu: "o **Complete Angler** adoça o gênio de um homem a qualquer momento". Wordsworth dedicou-lhe dois sonetos.

O livro é sinônimo do ambiente idílico da **Merrie Old England.** Mas, a velha Inglaterra do tempo de Walton não era tão alegre assim. Mercador de ferragens, que conseguiu fazer dinheiro com seu negócio, era leal ao rei e fiel anglicano irrepreensível, opositor da ditadura de Cromwell; essa lealdade poderia lhe ter custado a bolsa e a vida.

Mas, tendo fechado sua loja londrina de Fleet Street e vivendo no campo, variando de pouso em casa de prelados amigos, Walton pôde sobreviver à sanha dos **round heads.** Paroquiano de Donne, ao tempo em que publicou sua biografia do grande pregador e poeta (1640), já era mais um homem de letras que um simples comerciante.

Sua vida é ligada à idéia de paz, tranqüilidade campestre, sabedoria e virtude. Walton, que enviuvou duas vezes e viu morrer um a um seus nove filhos, diante da adversidade, cada vez mais se apegou ao consolo da religião e à companhia de homens piedosos. As provações de sua longa vida, que aceitou com resignação cristã, foram amenizadas pelo inocente prazer da pesca, com seus fiéis amigos, pessoas de distintas classes sociais, como o aristocrata Charles Cotton ou o cozinheiro Thomas Barker. Como ocorre em nossos dias, o esporte democratizava as relações humanas, nivelando todos os participantes em torno do interesse comum.

Cotton, tradutor de Montaigne e autor de versos burlescos, escreveu uma segunda parte do **Complete Angler** que, a partir da segunda edição, nunca mais foi separada da obra. Trata-se de um diálogo, eminentemente técnico, entre os personagens Piscator Junior e Viator, sobre a pesca de trutas com iscas artificiais. Cotton dá continuidade aos vivos diálogos de Walton mas não possui a força vital e a naturalidade do mestre, sem o qual seu nome não constaria da literatura inglesa.

A forma dialogada e os personagens Piscator e Viator (Venator a partir da segunda edição), foi adotada por Walton seguindo os modelos em voga desde o século anterior. Os personagens se encontram no campo, numa bela manhã de maio, e discutem seus esportes favoritos. Naturalmente, a maioria das falas é de Piscator, que faz o elogio da pesca e ministra conselhos práticos para o seu exercício.

O livro reflete a personalidade filosófica de seu autor e é escrito numa prosa fluente, entremeada de curiosa miscelânea de versos, anedotas, o louvor das águas correntes e claras, canções, descrições rurais, alegre companheirismo masculino e nostalgia do amor de jovens pastoras. Alguns versos como **Come live with me and be my love** ou **If all the world and love were young,** ficaram famosos. Uma peculiaridade interessante: Walton era leitor de Fernão Mendes Pinto e cita o viajante português em apoio de sua opinião de que a pesca é um esporte nobre pois "reis e sacerdotes sempre o praticaram".

Izaak Walton

Os historiadores da literatura inglesa costumam mencionar a influência sobre Walton do **Boke of Saint Albans,** para cuja segunda edição (1496) a freira Dame Juliana Berners teria escrito um tratado de pesca, o famoso **Treatyse of Fysshynge with an Angle.** Esse tratado de certo não lhe era desconhecido, mas o **Complete Angler** tem fonte direta, só descoberta recentemente.

Trata-se da obra anônima **The Arte of Angling** (1577), cujo único exemplar foi descoberto em 1954 num antiquário de Londres por um colecionador americano que o doou à Universidade de Princeton. A principal prova da influência desse ensaio é o aparecimento dos personagens Piscator e Viator. Mas, Arnold Gingrich, em defesa de Walton, comparou essa obra a um simples tema trauteado por um anônimo; esse tema, trabalhado e enriquecido, resultou na melodiosa orquestração do **Complete Angler.**

Muitos temas anônimos têm sido assim retomados e fixados pelo poder expressivo de um mestre da prosa. Observadas as devidas distâncias e proporções, é o caso do **Lazarillo de Tormes,** o genial fragmento anônimo castelhano que originou os romances picarescos, consubstanciados na prosa imortal do **Buscón** de Quevedo. O que faz a eternidade de livros como o **Buscón** ou o **Complete Angler** é o fato de que eles conservaram intacta a sua legibilidade, através dos séculos. Não são peças de museu, envelhecidas em vitrinas, são livros vivos, cheios de seiva e humanidade, pertencem à língua falada pelo povo e são os seus imorredouros monumentos.

O fascínio do **Complete Angler** cedo chegou aos Estados Unidos. Em 1819, Washington Irving, depois da entusiástica descoberta do livro de Walton, lido durante o inverno, dispôs-se a pescar no rio Hudson, com um grupo de amigos, também literatos. Tão logo chegou a primavera, "enlouquecidos como Don Quixote depois da leitura dos romances de cavalaria", partiram para as margens do rio, carregados de petrechos de pesca. O malogro foi total, Irving cravou o anzol na roupa, embaraçou a linha nas árvores e quebrou a ponta do caniço. Seus amigos não tiveram melhor sorte; cansados, desistiram da idéia de pescar e deitaram-se na relva para reler o **Complete Angler,** concluindo que a pesca só podia ser exercida nos claros regatos da Inglaterra.

Mas muitos leitores de Walton nunca deixaram de praticar o doce esporte, mesmo fora das ilhas britânicas. Um desses leitores foi Unamuno, que em 1904 dedicou ao amável patriarca, um longo e sensível ensaio, cheio de entusiasmo e reconhecimento.

No capítulo VIII do livro de Walton, o sábio Piscator faz referência a uma elaborada receita de peixe ao forno, com vinho clarete e especiarias. Parece excelente, e só a leitura já nos abre o apetite. Mas o autor recomenda que aquela preparação culinária só deve ser servida a pescadores, ou, na falta destes, a "homens de grande honestidade". E conclui: "Espero que o leitor seja ambas as coisas, e, assim sendo, confio-lhe o segredo desta receita".

ISMAEL CARDIM

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

"O estranho mundo de Zé do Caixão": logo depois a censura provocaria a falência de Mojica

"Esta noite encarnarei em teu cadáver": Mojica começa a entusiasmar Glauber Rocha

"EXORCISMO NEGRO": NOVO FILME DE MOJICA MARINS

Em exibição em SP por esses dias mais um longa-metragem de José Mojica Marins, o Zé do Caixão. Trata-se de «Exorcismo Negro» com o próprio diretor, Jofre Soares, Geórgia Gomide e outros.

A carreira cinematográfica de Mojica, filho de um toureiro de circo e de uma bailarina, começou em 1958 com o filme «Sentença de Deus», sobre colégio interno, que nunca foi exibido. Dirigiu em 1960 e 1962 mais dois longametragens desconhecidos, «Éramos Irmãos» e «Meu Destino em Tuas Mãos».

Em 1966, produtor independente residindo e trabalhando numa sinagoga nos arredores de SP, dirige o seu primeiro filme de terror («À Meia-Noite Levarei Tua Alma»), onde lança o personagem Zé do Caixão, que pretende alcançar o Bem praticando o Mal. O filme faz sucesso de bilheteria e no ano seguinte lança o segundo da série («Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver»); que alcança ainda melhor sorte e entusiasma alguns cineastas como Glauber Rocha e Rogério Sganzerla, emboira a crítica continuasse (como ainda hoje) omissa a respeito.

Mais três filmes foram realizados na série Zé do Caixão: «O Estranho Mundo do Zé do Caixão» – 1968, «A Maldição do Demônio» e «O Ritual dos Sádicos», ambos em 1969. A proibição dos dois últimos pela Censura Federal, provocou a falência de Mojica como produtor independente, embora lhe tenha aberto outras perspectivas como diretor.

Em 1972, depois de várias outras atividades, inclusive ter trabalhado como ator em «O Profeta da Fome» de Maurice Capovilla, José Mojica Marins volta à direção. Primeiro foi um sudestern de triste memória, depois, voltando ao gênero fantástico onde sempre se destacou, «Quando os Deuses Adormecem» (1972) e «Finis Hominis» (1973), dois filmes interessantes que foram mal distribuídos. Há poucos dias estreou em SP «Exorcismo Negro» (1974), que a propaganda sugere ser uma volta ao personagem Zé do Caixão, que nos dois filmes anteriores tinha sido trocado por um estranho faquir.

José Mojica Marins é incontestavelmente um **autor**, com um estilo, uma temática dominante, um público, até mesmo uma equipe. Se o estilo é primitivo e amadorístico, a temática obsessiva e pseudo-filosófica, o público invisível e a equipe o mais das vezes incompetente, tudo isso torna ainda mais surpreendente a repercussão da sua obra. A Convenção Francesa de Cinema Fantástico deste ano que finda exibiu, meses atrás, «O Estranho Mundo» e «Esta Noite...», com enorme repercussão. Em 1973 Mojica foi tema de conferência na University of Buffalo, NY, realizada pelo crítico Elliot Stein. Hoje começa-se a refletir que seus filmes aproximam-se da arte popular, refletindo de modo único grande parte do nosso inconsciente coletivo.

Se bem que desde 1968 tivesse começado a utilizar atores profissionais (Íris Bruzzi, Jofre Soares), abandonando pouco a pouco os terríveis "testes profissionais" da sua sinagoga-estúdio (onde os candidatos a atores tinham de comer baratas e acariciar aranhas), e, por experiência comercial abandonado um expressivo branco-e-preto por um geralmente carnavalesco colorido, José Mojica Marins, o Zé do Caixão, está presente novamente com sua décima segunda obra, insólita e livre, isto é, caso a Censura Federal não tenha metido a tesoura.

Notícias de Glauber Rocha

O cineasta Glauber Rocha acaba de terminar dois filmes na Europa e radicou-se no México, onde pretende fixar residência e iniciar uma co-produção com os EUA.

Desde «O Dragão da Maldade» (1969) que obteve o prêmio de melhor direção no Festival de Cannes, nenhum filme de Glauber passou mais no Brasil. Para quem não sabe, no entanto, ele realizou um filme no Congo, «O Leão de Sete Cabeças» (1970), com Gabrieli Tinti, Jean-Pierre Léaud, Hugo Carvana, Rada Rasimov, e outro na Espanha, «Cabezas Cortadas» (1971), com Francisco Rabal, Pierre Clementi e Rosa Maria Pena, uma alegoria sobre o franquismo, uma possível seqüência a seu melhor filme, «Terra em Transe» (1966). O primeiro é muito influenciado por Godard, com quem Glauber vinha de colaborar em «Vento di Leste», o segundo é um filme à la Buñuel. Ambos, por problemas de censura e distribuição, são inéditos no Brasil e muito pouco conhecidos mesmo na Europa e nos EUA.

Os dois novos filmes glauberianos são «O Câncer», iniciado em 1968 no Rio e terminando em 73 em Roma, obra experimental em 16 mm com Odete Lara, Rogério Duarte, Hélio Oiticica, etc. e «A História do Brasil» (1972/74), documentário político-didático intencionalmente planejado para TV em nove episódios de uma hora, mas que será exibido nos cinemas numa versão de duas horas e meia. Abandonado e retomado de acordo com os desvios e reajustes da política nacional, é composto, em parte, de material documental tipo Canal 100, DIP e Agência Nacional, e de cenas de ficção.

Atualmente, portanto, os 3 filmes mais importantes sobre o Brasil estão sendo feitos ou terminados ou exibidos fora do país: («**Canudos,**» de Ruy Guerra filmado na República Dominicana, «O Rei da Vela,» de José Celso Martinez Corrêa sendo editado em Lisboa, **A História do Brasil** de Glauber Rocha na prateleira no México). Até quando?

CINEMA RACISTA NO SUL DA ÁFRICA

Como meio de propaganda dos mais eficazes, o cinema também é utilizado por regimes totalitários, colonialistas e reacionários. É o caso de todo cinema sul-africano e rodesiano, reflexo de sociedades racistas onde os habitantes de origem européia (15% da África do Sul, 5% na Rodésia) mantêm a maioria negra sem direito de voto, de locomoção, de reunião, de casamento inter-racial, etc

O cinema afrikaaner começou por cerca de 1916 com **Die Voortrekkers**, apologia da saga boer contra os ingleses e os zulus, e prosseguiu com **Symbol of Sacrifice** – 1918, glorificando a vitória colonialista dos ingleses contra os negros.

Toda produção seguiu o caminho desses exemplos pioneiros. Filmes épicos ou naturais para o mercado externo, apologia do "apartheid way of life" para o mercado interno, que é bom frisar, consiste de salas de exibição **separadas** para brancos, negros, mestiços e asiáticos. De 1945 a 1971 foram rodados 100 longa-metragens, o que não é muito em número (produção brasileira :80 por ano), mas é razoável se observarmos que só existem filmes "para brancos" (2 milhões e 500 mil habitantes).

Entre as co-produções (geralmente com a Inglaterra e os EUA) que alcançaram distribuição internacional podemos citar **Zulu** – 1963 e **Sands of Kalahaari** – 1965 de Cy Endfield, de **Dingaka** com Stanley Baker. **Majuba** – 1968 e **Shangani Patrol** – 1971 (este rodesiano) se bem que superproduções são tão racistas e colonialistas que nunca puderam ser exibidos fora dos seus países de origem (e colônias portuguesas até o 25 de abril).

A censura evidentemente é rigorosíssima. O exemplo mais "liberal" do cinema afrikaaner é **Katrina** de Emil Novak e Jan Rautenbach, melodrama tipo "mamãe Dolores" de uma mestiça que apaixona-se por um padre racista enquanto seu filho namora uma moça branca, até que finalmente os 4 amantes são separados para salvação da república, da moral e da pureza racial. Snif Snif.

Poucos filmes portanto conseguem retratar a verdade do sul do continente negro, todos significativamente feitos de maneira clandestina. O mais importante e famoso ainda é **Come Back, Africa** – 1959 feito pelo americano Lionel Rogosin e que retrata o vexaminoso estado dos trabalhadores da maior mina de ouro do mundo, e mostra a situação racial de Johanesburgo, além de lançar a cantora Mirian Makeba, que depois disso teve de abandonar o país. Destacam-se ainda **End of Dialogue/Fim do Diálogo** produzido e realizado pelo Congresso Pan Africano (que representa a resistência no exílio) e **Rodhesia, count down,** feito pelo inglês Michael Reaburn.

JOÃO CARLOS RODRIGUES

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNE CEDEM

Joaquim: agora uma história de alcova

JOAQUIM NARRA A GUERRA ENTRE OS SEXOS

O choque entre os sexos é o tema do quinto longa-metragem de Joaquim Pedro de Andrade, «Guerra Conjugal», adaptação de vários contos escritos por Dalton Trevisan.

É no cinema o que Drummond representa na literatura: um artista altamente dotado, lúcido e fecundo, mas propositalmente arredio, econômico de palavras, antibadalativo e raramente falando a jornais. O público conhece Joaquim Pedro de Andrade pelos seus filmes: jamais por qualquer presumível instinto exibicionista. Sem originar-se da crítica, escreve com plasticidade e elegância, embora com "frieza". Ao exibir **O Padre e a moça** na Cinemateca do Rio de Janeiro, fez essa apresentação:

"Acredito no princípio de que as soluções de questões formais em um filme devem ocorrer quase automaticamente, como decorrência de uma posição ideológica fundamental assumida pelo autor. Acontece, entretanto, que eu ainda ando à procura de minha definição e uso o próprio cinema nessa busca, ou me formo pelos filmes que faço. Assim, em vez de veículo de crítica, com os problemas formais se resolvendo por um critério de eficácia, meu cinema tende a ser mais um processo de conhecimento em que as soluções são experiências. Isso, no contexto da matéria cinematográfica, cria problemas novos e põe em questão os valores tradicionais da obra de arte".

Egresso do curtametragem, bacharel em Física, nascido no Rio em 1932, Joaquim Pedro trabalhou em 1958 como assistente de direção dos irmãos Geraldo e Renato Santos Pereira em **Rebelião em Vila Rica.** Em 1959 realizou dois documentários culturais, **O Mestre de Apipucos** (Gilberto Freyre) e **O Poeta do Castelo** (Manuel Bandeira). Em 1960 fez seu primeiro curto de ficção, **Couro de gato,** vencedor de um prêmio internacional e mais tarde incluído em **Cinco vezes favela** (1962).

Couro de gato narrava a vida, paixão e morte de um gato cujo couro sempre vai acabar nos tamborins das escolas de samba para animar o carnaval. Em todos os cantos da favela, na época da grande festa popular, os felinos andavam sob perseguição cruel e implacável. Suas garras e sete fôlegos mostravam-se insuficientes para deter os meninos interessados em vender-lhes a pele a troco de alguns níqueis. O curta metragem – como, aliás, todos de **Cinco vezes favela** – obedecia aos postulados do neorealismo italiano, e alguns atingiam similaridades com o realismo socialista. **Couro de gato** salvou-se em meio a quatro outros filmes fracos e inconsistentes, demagógicos e imaturos no tratamento da linguagem cinematográfica.

Paixão e mito

O primeiro longa do cineasta foi **Garrincha, alegria do povo** (1963), sobre a paixão ardorosa do carioca pelo futebol. Joaquim desmitificava o mito: i. é., o futebol não era um esporte inocente, mas uma catarse, onde o torcedor esvaía aos berros todos os seus anseios e frustrações acumulados durante a semana.

Garrincha foi saudado pela crítica como o melhor documentário de longametragem já realizado no Brasil até então. Joaquim trazia ao primeiro plano as histerias nervosas da massa latino-americana, o ululer atemorizante de uma multidão que, uma vez politizada, representaria força poderosa e invencível. Mas não era só isso que o filme deixava transparecer: ele também derrubava a lenda do jogador de futebol ídolo invejado, querido, amado, rei e senhor de todas as coisas. Mostrava as mazelas do contrato escravo subjugando um ser humano ao clube, preso à concentração, sem grandes direitos.

O filme exibia também algo que aconteceu ao próprio Garrincha, qual uma profecia: o craque de futebol não passa dos 35 anos de idade jogando, acaba logo; ao passo que um cantor, um cientista, um advogado, um teatrólogo, um cineasta – enfim, quase todas as outras profissões liberais oferecem maior continuidade e talvez mesmo uma existência permanente.

Vida e amor

Três anos depois (1966), surgiu **O Padre e a moça,** segundo o poema de Carlos Drummond de Andrade. Joaquim ressaltou no texto um tema que o interessou especialmente: "É o da dificuldade de viver e amar, de ter relações com uma pessoa, da importância que estas relações têm para uma vida. (...) A figura do padre é a figura-limite deste problema, com a impossibilidade de relação com outra pessoa representada fisicamente pela batina que o contém e o separa dos outros".

O Padre e a moça é a alegoria da pureza: Helena Inês, linda e casta, representa o corpo vivo na cidade morta. O único jovem que a poderia interessar, o farmacêutico bêbado (Fauzi Arap), é um impotente sexual, embora rebelde contra determinadas facetas morais vigentes no lugarejo. Mariana, bela e saudável, é o motivo dos olhares platônicos e concupiscentes da velharia imprestável: ela passeia de cabelos ao vento, arisca e ligeira como uma bailarina, e vive eternamente na insatisfação. O velho dono do armazém (Mário Lago), explorador da miséria, procura submetê-la atando-a ao casamento, como forma de dobrar a rebeldia e eternizar a renúncia. Chega o padre novo (Paulo José) ao lugar e é despertado também pela única preocupação dos habitantes em decadência: o sexo e sua ameaça de renovar a vida, e de emprestar caracteres demoníacos se realizado fora do casamento (a moral). O vigário, igualmente jovem e na força da idade, se debate ante o perigo de sucumbir a Mariana, que busca salvação nos seus conselhos.

Depois de **O Padre e a moça,** Joaquim filmou o documentário a cores **Brasília: contradições de uma cidade nova.** Em seguida, fez um documentário sobre o Cinema Novo brasileiro, **Improvisiert und zielbewusst,** para a Tv alemã.

Antropofagia

O terceiro longametragem de Joaquim Pedro foi **Macunaíma** (1969), segundo o livro de Mário de Andrade. Desejando fazer-se à altura do escritor, o cineasta empregou dois anos no projeto de **Macunaíma,** seriamente interessado em levar à tela uma adaptação tanto quanto possível fiel e digna.

Esperto e preguiçoso, sentimental e cínico, sensual e ingênuo, desleal e generoso, **Macunaíma** segue circulando nas telas dos cinemas brasileiros como um dos seus personagens mais expressivos, formando ao lado de Antonio das Mortes e Zé do Caixão a trindade básica dos heróis nacionais. (Mas enquanto figura picaresca e selvagem, em um mundo de progresso atômico, constitui um ser derrotado: "Os dentes destroem pouco em comparação com as armas modernas", JPA).

O filme e o livro estão voltados ao tropicalismo antropofágico, cujas raízes devoradoras – plantadas especialmente no surto cafeeiro da ex-paulicéia desvairada – permanecem atando a sociedade brasileira. Mário de Andrade retratou, em seu livro, o estar atônito e estupefato ante a progressiva transformação da comunidade agrícolo-artesanal bandeirante em um parque industrial vigoroso e dinâmico – a interferência incômoda da máquina automobilística ruidosa e poluidora na harmoniosa tranqüilidade bucólica da província. Meio século depois, Joaquim Pedro defrontou uma nova realidade: a espada de Dâmocles pendendo sobre a cabeça da humanidade, ameaçando-a com um eventual e terrível cataclisma nuclear.

Com efeito, mudaram as formas de a androfagia se manifestar – ontem "apenas" o homem era o lobo do homem; hoje, a este aspecto foi acrescentada a possível destruição mundial por bombas de hidrogêneo lançadas de foguetes intercontinentais – e o cineasta inferiu ter Mário desejado exprimir uma antropofagia que vara séculos e ainda não foi vencida.

"A antropofagia", descreve Joaquim Pedro, "é uma forma de consumo que os subdesenvolvidos usaram de maneira exemplar. Os índios brasileiros, notadamente, logo ao serem descobertos pelos nossos primeiros colonizadores, escolheram o bispo português D. Pero Fernandes Sardinha para comê-lo em ato memorável. Não foi à toa que os modernistas de 22 dataram o seu manifesto antopofágico: ano 374 da deglutição do bispo Sardinha. Hoje, ao constatar claramente, com a reafirmação do poder pelos setores tradicionailmente dominantes, que nada mudou, redescobrimos a autofagia".

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Macunaíma, síntese brasileira de maneirismo sabidório, expediente matreiro e o pequeno alcance de duas mãos (sem o sentimento do mundo), exprime antes de tudo a forma como Mário de Andrade viu e tentou explicar o homem nacional, em sua defesa anticolonialista. Esta é a contradição essencial entre as duas obras: o livro concebeu o herói segundo um pressuposto solitariamente pessoal, e o filme, embora compreendendo o fenômeno e desejando revisá-lo, não pode fazer isso, em razão de dificuldades óbvias.

Macunaíma – livro é a rapsódia do herói sem nenhum caráter que usa tramas rocambolescas para terminar rei do seu povo, e constitui também uma crônica de exasperada beleza (que muitas vezes utiliza elementos do dialeto guarani), relatando os tempos primitivos do país. Mário de Andrade lançou-se em pesquisas intermináveis para descobrir as cores, o hábitos e a psicologia dos seus personagens.

Macunaíma, sem uma perna, é o saci-pererê de Monteiro Lobato: o herói é muito querido e estimado pelos seis irmãos, suas inumeráveis mulheres (de uma das quais, Ci, termina apaixonado) e pelos bichos habitantes das nossas selvas. Ele vai a São Paulo matar um monstro (o gigante, ricaço gordo) que atrapalha a vida de sua gente.

Isto no livro. No filme, Macunaíma tem duas pernas, e não uma só. Sua morte não ocorre por escolha própria – a fim de encontrar a amada Ci no céu (como quer o livro) –, mas é devorado por uma rainha das águas, cujos longos cabelos negros escondem um imenso buraco na nuca. No livro, ele se torna rei das selvas, devido à ligação com Ci. No filme, ascende à condição de príncipe-encantado.

Ci, no livro, é a Mãe do Mato, uma espécie de rainha das selvas, que combate à frente de um grupo de amazonas, enquanto Macunaíma – o preguiçoso-mor – fica de "resguardo" dormindo. No filme, Ci é uma guerrilheira urbana, moderna e avançada, calça Lee e blusa aberta, guerreando nas ruas para manter o ócio de Macunaíma em casa. Ci morre ao transportar uma bomba-relógio no berço do filho: a bomba explode e leva os dois.

Estas sinópses comparadas – livro e filme – permitem mostrar as sensíveis diferenças entre as duas obras e avaljar as dificuldades do trabalho realizado pelo cineasta.

Aparentemente, **Macunaíma** era um livro "intraduzível" em termos cinematográficos. Muito mais difícil de adaptar que **Vidas secas, O Padre e a moça, Menino de Engenho, A Hora e a vez de Augusto Matraga, Capitu, Sagarana, o duelo, Os Condenados e A Estrela Sobe** as principais incursões do cinema nacional na mais siginificativa literatura brasileira.

Este livro aparentemente confuso, universo visual rico e complexo, milhares de imagens telúricas e humanas, misturando a ironia e a farsa, exigiu do roteirista, em particular, uma sólida cultura literária, acentuando talento recriativo e sobretudo uma perfeita noção do "transporte" da literatura para o cinema, da imagem sugerida pela palavra (literatura) à imagem propriamente dita (cinema).

Joaquim Pedro, com suas enganosas 'frieza" e "racionalidade", derrubou as suspeitas de todos os que não o consideravam o realizador mais apropriado para uma visão feérica do mundo de Macunaíma: o cineasta "organizou" o caos e orquestrou as imagens de forma a que toda a loucura aparente não fugisse ao seu deslumbrante exercício no campo do fantástico.

Macunaíma enquanto promove a denúncia social das estruturas canibalescas, efetua uma reavaliação crítica do movimento modernista de 1922, arremessando-o à vanguarda dos dias presentes. O filme esgota as frotescas e bizarras caricaturas que visam a informar a comédia autofágica, e o faz por intermédio de episódios inventivos e maliciosos. O filme consagra a tese segundo a qual diferentes camadas sociais alimentam-se uma das outras; estamos ante uma parábola de humor fluente e sarcástico, que busca dosar a irreverência e fundar a gramática de um novo idioma mediante lendas silvícolas.

José Wilker: o mártir de "Os Inconfidentes"

A fita contém as representações metafóricas de elementos comuns a todos nós: Iara é a morte, o gigante Pietro Pietra é o poder econômico sufocando o herói (o brasileiro) e o país (ou países, subdesenvolvidos em geral). Pietra também surge como devorador de homens, mas acaba vítima de sua própria feijoada de piranhas e cadáveres, numa das seqüências mais alucinógenas e hilajantemente sangrentas do cinema brasileiro.

Conjuração

O quarto longametragem do cineasta foi **Os Inconfidentes** (1972), um painel vigoroso acerca da conjuração mineira que lançou sementes sobre a futura independência do Brasil. A película, que tem em José Wilker um Tiradentes dos mais expressivos, foi naturalmente ambientada no Brasil colonial, apresentando uma reconstituição de época irrepreensível no tocante à fidelidade a seu tempo e criadora.

Mas, se é visível esse "approach" estético plenamente realizado, não é menos feliz o ângulo da narrativa vista sob a perspectiva dos conjurados. Joaquim atualizou os diálogos, embora mantendo-os "afetados," como convinha. Historia a rebelião em termos profundamente dialéticos, que deixam no espectador a lembrança de fatos atuais.

Os roteiristas JPA e Eduardo Escorel extraíram os elementos básicos dos «Autos da devassa», das poesias de Tomás Antonio Gonzaga, Cláudio Manoel da Costa e Alvarenga Peixoto, e do «Cancioneiro da Inconfidência», de Cecília Meireles. Eles abrem o campo da história nacional – o episódio rebelde visto como microcosmo da contradição global.

O filme começa com um enforcamento e termina com outro. A primeira imagem é Cláudio Manoel da Costa, o poeta intimista, se suicidando. Aqui a morte é a separação da terra e do seu herói primitivo. Entre esses dois extremos, temos a dramatização dos «Autos da devassa» e dos poemas dos conjurados. (Arthur Omar, "Correio da Manhã", 15/5/1972).

Joaquim seguiu com toda a fidelidade os «Autos da devassa» e a poesia dos inconfidentes, mas só tomou maior liberdade uma vez: "A cadeia interferiu na pessoa dos poetas, causando uma virada quase do tipo infantil. O inquisidor se confundia com o pai julgador, a rainha com a figura materna. Isto pode se observar muito nos poetas, e praticamente nada em Tiradentes. Ele apenas assume a culpa dele: "Eu ideei tudo sem que ninguém me instigasse". Ficamos (JPA e Escorel) absolutamente convencidos de que ele fazia aquilo não por um tipo de arrependimento de caráter mais ou menos religioso, mas sim por convicção política".

A destacar nesse filme de maturidade absoluta: os bons enquadramentos, os interiores (cenografia correta), a invenção permanente, a instigante estrutura narrativa, a análise crítica do episódio e a desinibição de JPA: coragem para levar à tela, em ampla dignidade, um dos fatos mais significativos da história nacional.

Guerra Conjugal

Dezoito contos de Dalton Trevisan serviram a Joaquim para elaborar seu quinto longametragem, «Guerra conjugal», todos divididos como se fossem duas historinhas paralelas.

Essa película, de tema nitidamente urbano, exibe a guerra entre os sexos e aspecto considerado "torpe" do amor carnal. Ela não é estranha à filmografia do realizador, mas positivamente seria mais acertado vê-la como reflexo de uma época histórica e de um condicionamento ao veio temático aberto após 1964.

Numa sinópse escrita para o INC – símbolo perfeito de sua economia de linguagem – Joaquim definiu «Guerra conjugal» como o "episódio da vida de um casal de velhos; e de um advogado como seus clientes e de um funcionário público com suas conquistas".

A fita apresenta no elenco Lima Duarte (Dr. Osíris), Jofre Soares (Joãozinho), Carlos Gregório (Nelsinho), Ítala Nandi (Olga), Carmen Silva (Amália), Elza Gomes (Gabriela) e Wilza Carla (Chapeuzinho).

Na ficha técnica estão Joaquim Pedro como diretor e roteirista, Dalton Trevisan (argumentista), Pedro de Moraes (fotografia), Carlos Alberto Prates (diretor de produção), Anísio Medeiros (cenografia e figurino), Eduardo Escorel (montagem), Walter Goulart (técnico de som) e Ian Guest (música).

ALBERTO SILVA

MORREU CHICO ANTUNES

Chico Antunes lutou bravamente contra a moléstia que o atingiu há um ano. Venceu todas as batalhas iniciais e parecia que a recuperação seria total. Há duas semanas, contudo, seu estado se agravou e foi internado no Hospital Santa Mônica.

Chico Antunes passou o dia de sábado relativamente normal. Faleceu às 18 horas, estando em seu apartamento, além de sua esposa, Laurinda Maia Antunes, seu velho amigo José Aparecido de Oliveira, o casal Humberto Mota, o jornalista José Eduardo Barbosa e o médico Elói Heraldo Lima.

Em novembro último. Chico Antunes teve seu nome consagrado pelas câmaras municipais de Conceição do Mato Dentro, Araguari e Além Paraíba, que lhe concederam o título de cidadania honorária daqueles municípios. Não teve condições, entretanto, de receber nenhum deles.

Dentre as presenças ao sepultamento, destacam-se as do governador Rondon Pacheco e do governador eleito, Aureliano Chaves, do humorista Ziraldo, inclusive representando Millôr Fernandes, Jaguar e Henfil. O último adeus a X. A. foi dado pelo jornalista Ney Octaviani Bernis, que discursou em nome do Sindicato e da Casa do Jornalista e da Associação Mineira de Imprensa. A urna estava coberta pela bandeira do Clube Atlético Mineiro, de quem Chico Antunes era torcedor frenético. O Atlético, aliás, prestou tocante homenagem popular a X. A.

No velório da necrópole do Bonfim, onde foi velado o corpo de X. A., viam-se dezenas de coroas de flores, dentre as quais a da família Magalhães Pinto, do prefeito Bruno Pires Carneiro, de Conceição do Mato Dentro, dois diretores e funcionários do Banco do Estado de Minas Gerais, de onde X.A. era antigo funcionário.

Chico Antunes apenas autografou três exemplares do seu livro «Como Venci o Câncer de Goleada»: para José Aparecido, seu compadre e velho amigo; para o professor Joaquim Ribeiro Costa e para o jornalista José de Araújo Cotta, também seu fraternal amigo.

VIVER É UM ATO DE AMOR

João Etienne Filho
(Da Academia Mineira de Letras)

Quando Xico Antunes (vamos tratá-lo pelo seu nome de guerra) me disse, com sua "segunda voz", que ia publicar este livro, eu lhe pedi para escrever esta *orelha*. Explico-me: sou um covarde. Não tivera coragem de ir visitá-lo durante o longo período de angústia e tratamento. Mas quando o vi, em suas primeiras andanças, o abraço que lhe dei deve ter deixado transparecer toda a minha solidariedade, todo o meu sofrimento com a expectativa, toda a amizade que vem de longos anos e a alegria pela vitória. Daí o meu desejo de dar este testemunho, mais sincero e comovido ainda depois de ter lido em conjunto as crônicas que já lera todas em jornal.

Não se procure nesta obra "literatura", embora não faltem páginas de comovente beleza. O que há aqui é vida, vida intensamente vivida, em alguns momentos dolorosamente vivida. Mas trata-se de um diário, de memórias, e o memorialista é tanto mais autêntico quanto menos preocupação literária tiver. Coloquialidade. Os puristas diriam talvez que teriam sido oportunos alguns retoques, o corte de algumas repetições. Mas não. Diário, memórias, autobiografias têm o direito de ser divulgados com a espontaneidade com que saíram da emoção de quem escreve. E Xico Antunes, com aquela oralidade que os bons jornalis

UMA EXPOSIÇÃO DE ALTO NÍVEL

Testemunhando a vitalidade da jóia artística brasileira, inaugura-se uma galeria de arte no Rio com uma exposição de 42 joalheiros, que deverá ficar aberta até o carnaval.

Dificilmente se poderia imaginar um encerramento tão brilhante do ano de exposições quanto o que nos é dado por uma casa que, inaugurando neste dezembro suas atividades, o faz através de uma esplêndida mostra de joalheiros, onde quarenta e dois nomes, desde os pioneiros da jóia de arte no Brasil – Caio Mourão e Renné Sasson, a quem a exposição homenageia nessa qualidade – até os mais jovens criadores.

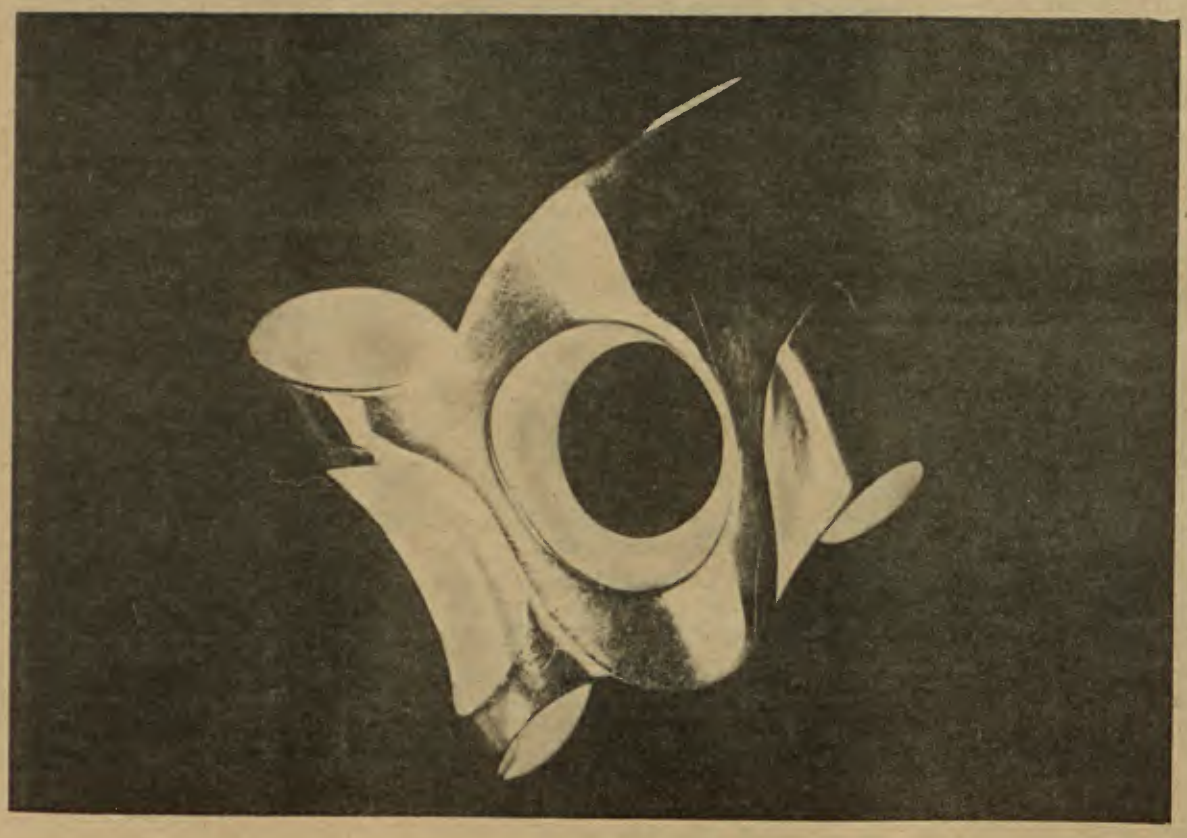
A Eucatexpo (Avenida Princesa Isabel, 350) realiza com essa mostra uma façanha empresarial pois os critérios que nortearam a seleção dos apresentados foram os da originalidade criadora, da inventiva pessoal, haja vista o grande número de artistas ainda sem consagração profissional (mas em todos os casos de indiscutível valor) que a mostra coloca ao lado dos Cléber Machado, dos Ricardo Mattar, das Clementina Duarte, das Liane Katsuki. Há, portanto, a saudar, de início, esse descortino, infelizmente não freqüente na maioria dos nossos marchands, que consiste em dispensar acolhida a artistas de mercado possitivamente problemático, porque menos conhecidos, sabendo-se que o comprador médio brasileiro elege seguidamente como critério da aquisição o renome de uma assinatura, antes de considerar a qualidade da obra em si.

Confirmações e surpresas

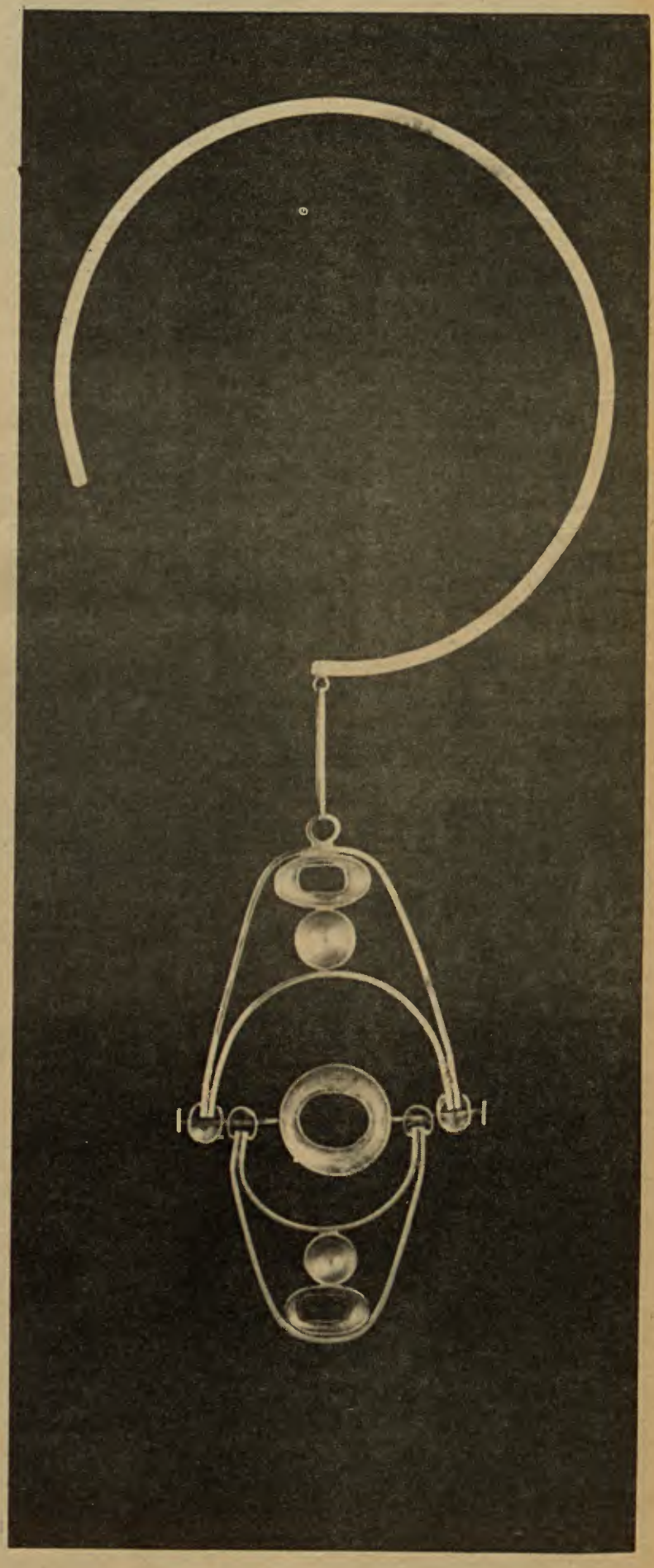
Projetadas, a galeria e as vitrines, em termos do mais sofisticado design, a criatividade do joalheiro brasileiro multiplica-se em seus espaços por várias surpresas e outros tantos reencontros de artistas que, sem abandonar uma linha de invenção muito pessoal, vão, de uma exposição a outra, deixando ver os traços que proposições como a minimal art, a arte povera e a body art imprimiram em seus trabalhos mais recentes. Rubens Ostroem com seus marfins trabalhados com um tipo de apuro oposto ao preciosismo pormenorista que por tanto tempo marcou, em mãos de artesãos habilidosos, os trabalhos naquele material, ameaçando relegá-lo definitivamente à área do kitsch; César Gusmán e João Nogueira Sobrinho, ambos trabalhando em latão e chegando, através de soluções tão diversas, ao denominador comum de uma qualidade tão alta; Paulina Nirenstein, com seu original trabalho de prata aplicada a escamas de peixe, aliás, uma das mais inovadoras presenças da mostra; Renato Wagner, elaborando uma espécie de antifiligrana, isto é um tratamento filigranador em que o metal, ao invés do amaneirado tecido de filetes se urde em texturas de uma força visual muito tensa; o geometrismo de Hans Artur Stahar e o de Mary Ioshimoto, diversos entre si mas, como no caso das experiências de latão de Gusmán e Nogueira, convergindo no terreno da qualidade; o desenho sutilmente evocativo do art déco (pode-se falar, no caso, de uma joalheira da nostalgia?) de Suely Mandelbaum, opondo ouro de quilates diversos num efeito de cores que se soma à requintada intencionalidade de sua forma; as jóias multiplicáveis de Reny Golcman, as elegantes sínteses lineares de Alfredo Grosso... impossível, no espaço disponível, analisar artista por artista, o quanto de inovação, de audácia, de exploração das possibilidades da forma essa exposição nos traz.

Homenagem incompleta

Além da homenagem a Caio Mourão e a Renée Sasson, o catálogo reverencia a memória de Lívio Edmondo Levi, lembrando a tenacidade com que aquele, que foi um grande arquiteto e um artista dos mais atuantes, lutou pela inclusão da jóia entre as categorias premiáveis nas bienais de arte. Incom-



Clementina Duarte:
bracelete
em prata



Reny Golcman:
jóia
mutável, prata.

pleta, a nosso juizo, está essa homenagem por não incluir o nome de Haroldo Burle-Marx, um dos dois ou três nomes que o Brasil teria para incluir no concerto da joalheria mundial, ao lado de um Bulgari, de um Winston, de um Van Cleef ou de um Pomodoro. Burle-Marx, que além de seus mundialmente famosos estudos sobre as pedras brasileiras (doutor em Gemologia por uma universidade alemã) congrega em torno de si uma equipe internacional de gravadores e lapidários, tendo resistido, durante mais de quarenta anos em que se dedica à jóia artística, a trabalhar em termos de produção industrial, jamais repetindo uma peça, seria, menos por isso e que pelo fato de ter em sua clientela o que há de mais exigente em termos internacionais – as rainhas da Inglaterra e da Holanda, a Xaimbu do Irã e a badalada sra. Onassis, por exemplo –, digno de figurar na homenagem da Eucatexpo pelo grande criador de beleza que é, sem dúvida um dos nomes mais vigorosos da arte moderna brasileira.

Tendências

Uma constatação importante nessa mostra é a de que a jóia artística se democratiza em termos de acessibilidade, paralelamente ao quanto se aristocratiza enquanto forma, seja em termos de projeto visual, seja em termos de acabamento. O primeiro daqueles fenômenos é a quase ausência do ouro e das pedras preciosas, aquele macissamente substituído pela prata, pelo esmalte em um número menor de casos e até pelo latão, sem perda de substância artística. Em lugar das gemas proibitivas o que temos são pedras semipreciosas ou acrílico. E falando deste não há como calar uma palavra de admiração aos achados surpreendentes de Cléber Machado, artista com um nível internacional não obstante muito jovem e cujo mundo poético de transparências acrílicas está a exigir uma exposição individual onde a força do seu talento de joalheiro e escultor possa ser vista de corpo inteiro.

Outra constatação que nos fica desta como da exposição que a Galeria da Praça deu em junho deste ano, reunindo vinte e tantos joalheiros de muito bom nível, é a de quanto andou errado o Conselho Deliberativo da Bienal de São Paulo ao excluir a joalheria das categorias de arte que aceitará doravante. Dois testemunhos de vitalidade desse ramo da arte brasileira como essa de agora na Eucatexpo e a exposição de um semestre antes na Galeria da Praça bastariam para desaconselhar essa estranha medida. Isso apenas em termos de Rio de Janeiro, sem esquecer os artistas joalheiros premiados pela própria Bienal (Renato Wagner e Nelson Alvim em 69, Reny Golcnam e Kjeld Boesen em 71 e Míriam Mamber em 73) nem perder de vista que as mostras de algum porte no mundo inteiro tributam à jóia artística a deferência de que ela é, naturalmente merecedora.

As elites, disse o velho Toynbee, **não morrem de morte natural: suicidam-se.** Será que a Bienal, num rasgo de lucidez, percebendo sua adiantada esclerose, pretendeu, com medidas como essa, provocar sua própria eutanásia?

RUY SAMPAIO

ESPETÁCULOS

OBA, MOSSA, OSSA, OBA!

Tristes tropix, diria Levy-Strauss, sujeitos a todo tipo de colonialismo cultural policrônico e multinacional. Agora o Rio de Janeiro, fevereiro e março, navega nas águas trepidantes do "Tropix", a peça que está no multiespaço Teatro João Caetano (GB). O espetáculo estreou em noite chuvosa, e o sambão inicial não chegou a esquentar a platéia. Durante quase três horas uma pequena multidão sobe e desce escadas no palco enquanto uma tela exibe filme de colorido duvidoso e uma claque faz coro aos sons emitidos no palco, em cujo centro uma atriz dorme durante quase o tempo todo, só acordando com o barulho da música.

A montagem custou Cr$ 450 mil e tem de tudo: do imenso telão pintado com o navio "SS Tropix" a um zepelin (!) que atravessa o teatro transportando a beleza felina de Angela Rô-Rô (ôba, ôba!), como ficou conhecida a jovem nos idos de 60. E a peça? Como dizia a competente Maria Helena Dutra, minha sofrida companheira na noite triste e chuvosa, "há que ter engenho e arte para escrever sobre Tropix". Uma frase da estranha Mossa Ossa (ou Mossa Bildner, já não se sabe ao certo), norte-americana (ou curitibana?) travestida em atriz: "Tenho enxaqueca sempre que não me entendem". Coitada: enxaqueca **ad eternum.**

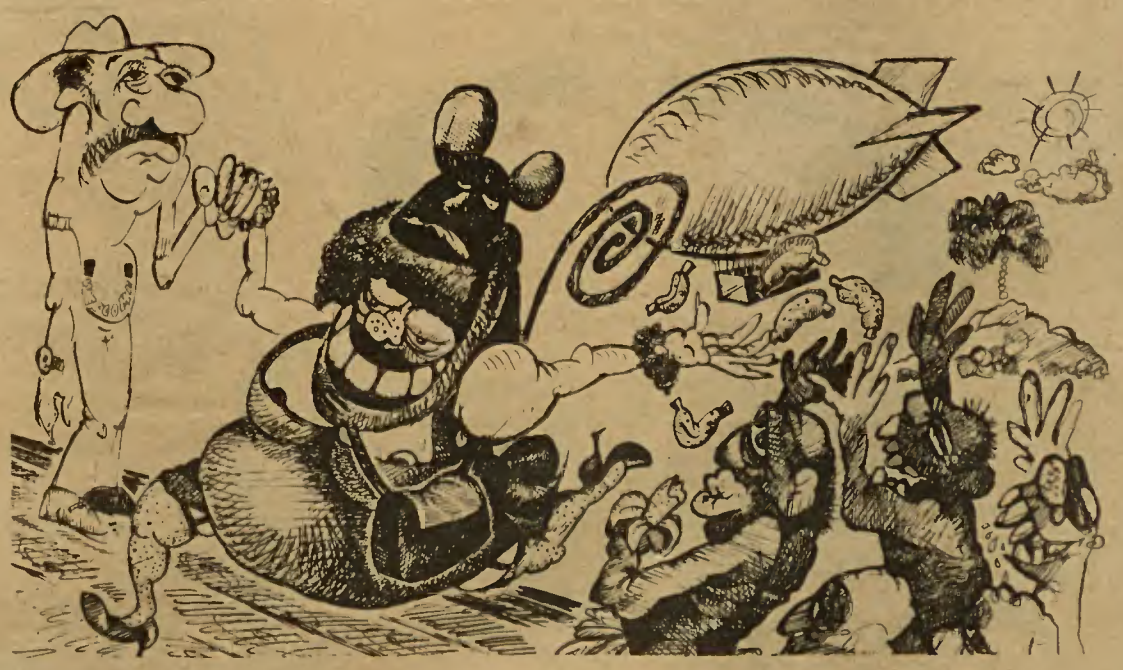
O leitor exigente está a reclamar: e a peça? Bem, você chega ao Teatro, entra, senta. Tudo na mais perfeita e linear ordem aristotélica. No palco o telão, mais de 30 pessoas: jovens, velhas, bonitas, feias, magras, gordas, de todos os sexos. Um retrato tropical. Paulo César Pereio largando um texto que se pretende cervantiano, sem conseguir sufocar o subtexto latente: "O que é que eu estou fazendo neste disco?". O sambão comendo solto.

Depois Selma Caronezzi pega um dos seis microfones existente e começa a cantar em péssimo inglês, digno da Praça Mauá (mas como estamos na praça Tiradentes está tudo bem). Aí Mossa Ossa ou Ossa Mossa, já não sei mais, começa a falar em péssimo português – uma espécie de vingança ao péssimo inglês de Selma. De repente, não mais que de repente, como convém ao amontoado de lugares-comuns, um tarzan voa atravessando o palco. Louve-se a resistência do cipó. Na tela segue um filme de péssimo colorido, estranho roteiro e sem legendas.

Na platéia as pessoas começam a se mexer. Pulga ou **inquietação ossiana-mossiana?** Um intervalo musical ("Blame it on the bossa nova", coitada) e uma coisa boa: o refrigerante está gelado. Ôba, ôba! Mas nem tudo é perfeito e o espetáculo recomeça. Mais música, mais americana falando em péssimo português, mais brasileiros cantando pessimamente em péssimo inglês. Um mordono dizendo asneiras e atendendo pelo nome de Pitágoras, numa simbiose sutil como o senador **Portela, quando vi você passar, senti meu coração...**êpa! perdão leitores que a hora é de trabalhar e não de cantar. Segue a peça: as jovens trocam constantemente de roupa (fora do palco que Paris é uma festa mas o espectador não está convidado não) e o filme continua correndo. Longa metragem para a curta paciência da platéia.

E a peça? Corta para um jornal carioca: "Tropix – o musical niom, niom, niom: **Faz Parte do Programa de Ação Cultural do SNT-MEC".** É o roteiro, a direção, a cenografia? **Sei lá, não sei, em Mangueira a poesia etc.** Mas chega ao fim com Paulo César Pereio avisando discretamente à platéia. Desconfio que PCP faz isso só por gauchesca cortesia, uma questão de gentileza quando o melhor seria a Mossa **Ossa vá viver a tua vida com outro bem,** pedir desculpas. A claque aplaude, os atores descem do palco e sentam nas (muitas) poltronas vazias, numa atitude inteligente e assistem o filme, que continua (e, espantem-se: já agora com bom colorido). **Maria Helena (és tu a minha inspiração)** Dutra e eu saimos.

No saguão, um jovem de sexo indefinido me pergunta se conheço o manifesto surrealista. Conheço e acho cá com meus botões que o Breton não tem nada com isso, não sabia onde fica a praça Tiradentes e definitivamente não merece. Saio do teatro tendo em mente a ameaça multirepetida pela jovem Mossa **Menina Mossa amanhã na flor mulher:** "Te encontro lá". Onde? Quando? Como? Por que?



SOM NOSSO DE CADA DIA

● **Outra que acredita em silêncio.** Além da RCA, a Copacabana também acredita em silêncio. Contratou um excelente profissional para seu setor de imprensa mas negou ao rapaz as condições mínimas de trabalho. Apesar de tentativa de silêncio soubemos que Elizeth Cardoso está com novo Lp: "Elizeth feito em casa". Na área internacional o destaque é Paul Anka (Diana, Put Your Head on my sholder).

● **Esperando a sorte ou esperando a morte.** O Tarik de Souza não gostou do Lp do Erasmo Carlos ("Projeto Salvaterra" - Polydor - Phonogram). Não tem nada, não, Erasmo. O teu xará lá de Roterdam só foi reconhecido depois da morte. Coisa de louco, sô. Boas-festas "Pati" e pra Narinha.

● **Aninha vira bandida.** Enquanto o Boni não decide quem será a Gabriela da próxima novela das 10, Ana Maria Magalhães vai virar bandida no próximo filme do Gustavo Dahl.

● **De pontes e músicas.** O Lp «Sall and Bridges» já está nas paradas. Lançamento internacional da Odeon.

● **Juanito do sapato blanco oferece a Adelita do vestido rojo.** O cantor brasileiro José Augusto está fazendo o maior sucesso no México com a música «Lamelajas», que nós aqui conhecemos como «Luzes da Ribalta». O Conselho de Segurança da OEA ainda não recebeu nenhuma denúncia oficial.

● **De carnaval, pisantes e novos tempos.** Marlene levando a maior fé na Marcha do Sapatão (Erasmo Carlos). Maria Joana disse que a música vai acontecer no carnaval. A seu lado, concordando candidamente, Ritona.

● **Convocação Geral.** Recebi da Rede Globo o álbum duplo com as músicas selecionadas para o "Carnaval 75". Caetano, Gil, Odair José, Paulinho Soledade, Catulo de Paula, Haroldo Barbosa e Luiz Antonio são alguns dos muitos e excelentes compositores. No disco a voz de Emilinha Borba, que aliás vai a Nova York animar um baile brasileiro. Só um probleminha: nos créditos a música de Gilberto Gil é anunciada como "Está na Cara Está na Cara", quando o correto é: **"Está na Cara, Está na Cura".** No mais a Som Livre agradece à Phonogram, Odeon, RCA, Tapecar e CBS pela participação de artistas dessas gravadoras.

● **Dica para solitário.** Do maior bom gosto o Lp de Marisa Gata Mansa, lançado pela Odeon. A jovem está cantando muito bem e com um repertório pra ninguém botar defeito. Se o leitor está na de horror, solitário, compre o disco e ouça «Três Lágrimas». É uma "paulada". Se, pelo contrário, está muito bem acompanhado, ouça «Aldebarã».

● **O "show" do ano.** Confirmadíssimo: Chico Buarque e Maria Bethânia em show juntos, no mês de julho.

● **Teatro Casa Grande, sim.** A partir de 3 de janeiro, Elis Regina começa temporada no simpático teatro do Leblon. Estaremos lá.

● **De timidez e feijoada.** Recusando-se a ser fotografado, Julinho da Adelaide vai promover uma feijoada em fevereiro. O motivo é uma comemoração do sucesso do disco de seu chapinha Chico Buarque. O local é segredo "para evitar penetras". Tá falado.

– **De músicas abroad.** Coisa mais triste e medíocre a música italiana atual. Na América Latina, boa é a do Peru. Venezuela tem coisas interessantes. Lá em cima, o Canadá não está com nada. Música pobre, teatro débil, vida cultural periférica dos EUA. Aviso pra quem está pensando em bolsa de estudos no antigo Domínio Britânico.

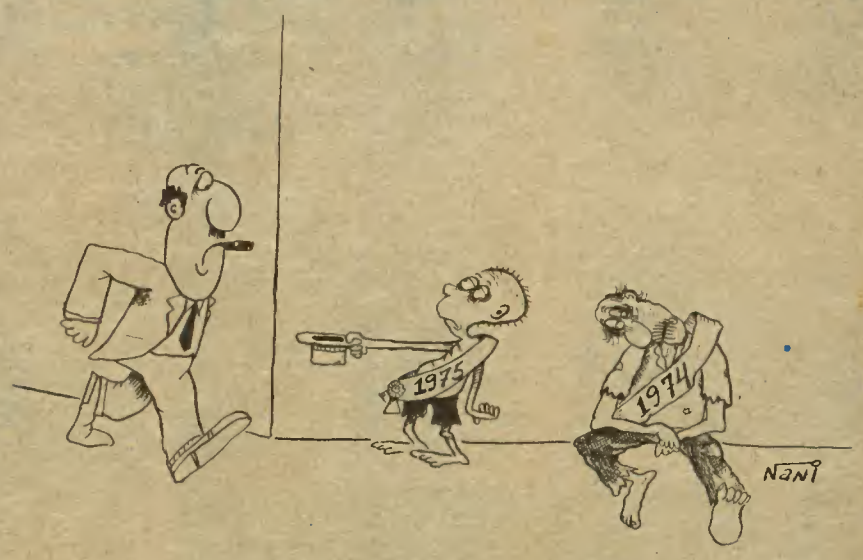
● **Atenção para o moço.** Cláudio Barreto, novo cantor, está com Lp sendo lançado. "Desviozinho na Espinha", produzido por Tony Vestany pela etiqueta Padrão. Não é só o nome que é bom: a voz é de primeira. Comprem.

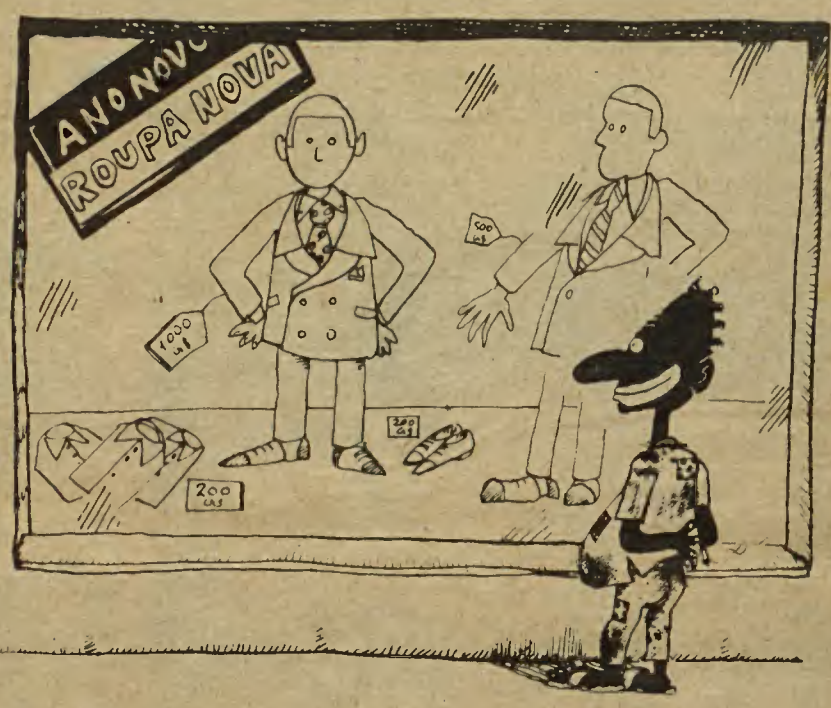
ANTONIO OSÉAS

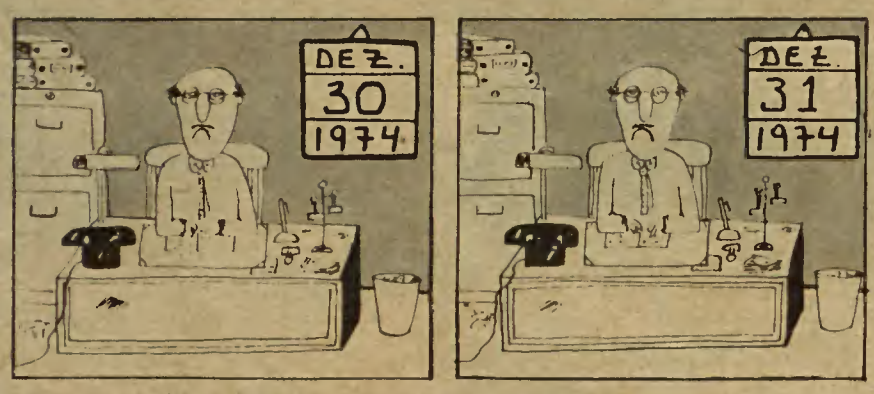
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNE CEDEM

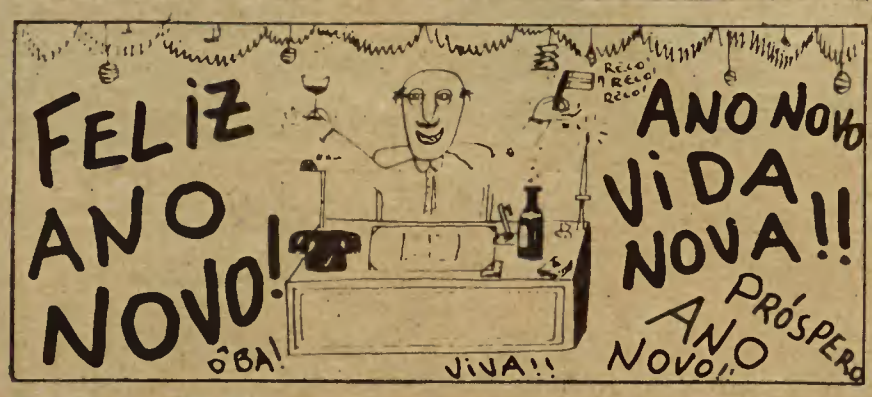
ANO NOVO

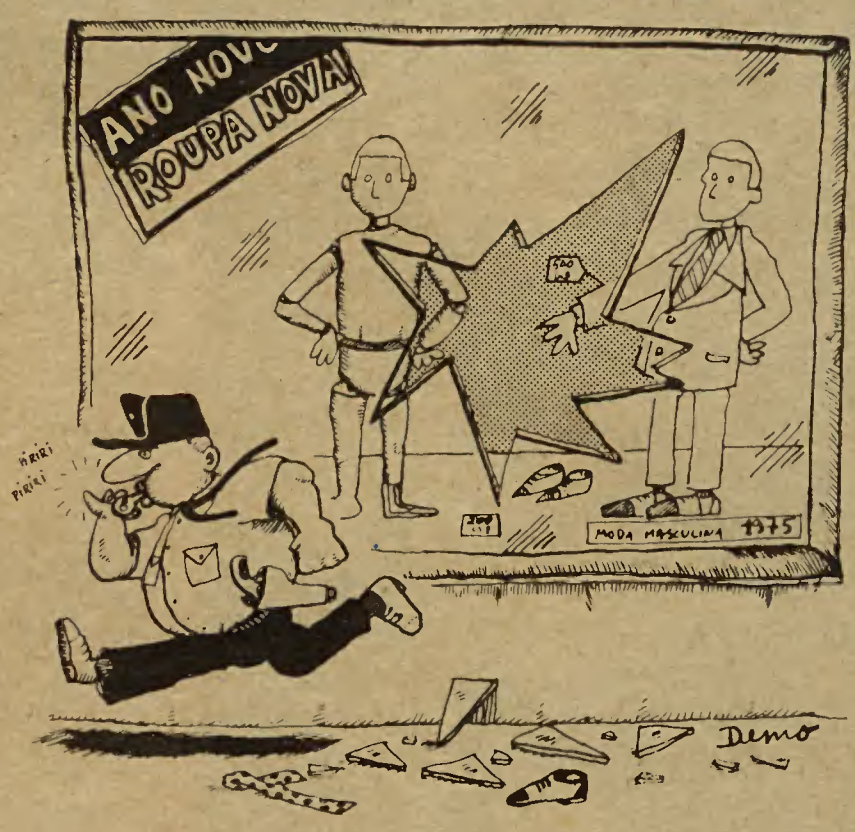
...CONTRARIANDO OS PROGNÓSTICOS DOS ESPECIALISTAS, O ANO ACABOU E O FEITIÇO NÃO VIROU CONTRA O FEITICEIRO, TODOS OS DIAS FORAM DO CAÇADOR, NINGUÉM RIU POR ÚLTIMO E OS ÚLTIMOS CONTINUARAM SENDO, INDUBITAVELMENTE, OS ÚLTIMOS.











CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP
CEDEM